

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Cláudia dos Santos Almeida

A Fotografia Digital e a Construção da Identidade do Educador

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Cláudia dos Santos Almeida

A Fotografia Digital e a Construção da Identidade do Educador

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de Doutora em Educação: Currículo, sob a orientação do Professor Doutor Fernando José de Almeida.

São Paulo

2022

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Cláudia dos Santos Almeida

A Fotografia Digital e a Construção da Identidade do Educador

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação: Currículo.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Processo nº 88887.369674/2019-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Process nº 88887.369674/2019-00.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter ouvido minhas orações, e pela preservação da minha saúde, mental e física, em um momento difícil que passamos nos anos de 2020 e 2021.

Ao meu pai e minha mãe *in memoriam*. Gratidão e saudades eternas.

Ao meu orientador, professor Fernando José de Almeida, pela amorosidade e por colocar luz intensa na minha caminhada acadêmica, um mestre incansável no trabalho. Pela manhã, cedo, ele chegava; às vezes, éramos em quatro ou três alunas e ele não desanimava; na lousa, verde ou branca, ele desenhava; aos sábados, domingos e feriados, sempre disposto se apresentava, a atender nossas chamadas, rigoroso com as questões acadêmicas, coloca amor em tudo que realiza.

Ao professor José Armando Valente, meu primeiro orientador no programa, sempre prático, um homem simples, uma figura humilde e acessível.

Aos coordenadores do Programa Educação: Currículo, prof. Alípio Márcio Dias Casali e profa. Maria Elizabeth Bianconcini Trindade Morato Pinto de Almeida.

Ao meu marido Abelardo e minhas filhas Aline e Bruna, pelas presenças, sempre me apoiando nos momentos difíceis, pelas leituras e correções dos meus textos acadêmicos.

À professora Graça Moreira por ter acompanhado o meu desenvolvimento desde quando cheguei ao programa e pelas pontuações precisas na minha tese, que me fizeram refletir durante o processo de qualificação.

Ao professor Antonio Chizzoti, pelas generosas revisões das aulas de epistemologia e a oportunidade de exercer a monitoria de suas aulas.

Ao professor Wilton Garcia Sobrinho, pelos incentivos aos estudos e as contribuições que têm feito, enriquecendo meus trabalhos acadêmicos.

À professora Francisa Eleodora Severino por ter escrito, junto comigo, a dissertação de mestrado, que me proporcionou a publicação do livro e a continuidade da pesquisa no doutorado. Suas conversas dialógicas e sua amorosidade foram fundamentais.

À professora Margarita Vitoria Gomez, sempre amorosa com um olhar atento. Obrigada pelas fotografias que me proporcionaram contar um pouco a minha trajetória de formação.

Ao professor Nildo Alves Batista, por ter me liberado das atividades profissionais para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Tempo que pude, no começo, me dedicar aos cuidados com minha mãe, que já não se encontrava bem de saúde e conciliar os estudos, gratidão professor.

À professora Cristine Betty, que se sentou comigo, leu o meu trabalho de mestrado foi apontando os pontos fortes e me encorajou a continuar a caminhada.

Aos professores e colegas do Cedess: professora Sylvia Helena Alves Batista; professora Irani Gerab; professora Lidia Ruiz Moreno; professora Patrícia Abensur; Sueli Pedroso; Rosely Calixto; Nilton Nunes; Marcelo Gueiros; Conceição Lucena e todos os colegas.

Às professoras: Katia Mori; Berenice Souza Tores; Maria Helena; Rosemi Araújo, minha gratidão pela curadoria e solidariedade.

À Denise Ramos, minha amiga virtual durante a pandemia, me ajudou a superar o meu luto, conversava e compartilhava sua arte de fotografar.

Às professoras revisoras: Márcia Uchôa e Angélica Ramacciotti pelas orientações e sugestões, com o olhar atento a minha gramática.

À nossa querida Maria Aparecida da Silva Abi Rached, sempre atenta e dedicada, a responder nossos questionamentos.

Às professoras participantes da banca: Fernanda Coelho Liberali e Monica Gardelli Franco, pela gentileza de terem aceitado nosso convite.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquela. Linguagem e realidade se aprendem dinamicamente.

Paulo Freire

ALMEIDA, Cláudia dos Santos. **A fotografia digital e a construção da identidade do educador**. 2022. 174 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como se torna possível ao educador construir reflexivamente a sua trajetória de formação e elaboração da identidade profissional pela memória, acionando os seus arquivos fotográficos. Como problema, observa-se que a fotografia digital não é utilizada para construção da identidade individual e coletiva, para construção de conhecimento. O referencial teórico apresenta-se da seguinte forma. Currículo: Gimeno Sacristán (1998, 2013); Fotografia: Vilém Flusser (1985), Armando Silva (2008), Sebastião Salgado (2014), Cláudia dos Santos Almeida (2021); Democracia: Boaventura de Sousa Santos (2018); Tecnologias e narrativas: Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (2016), Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida e José Armando Valente (2012). Identidade: Shoshana Zuboff (2020), Eduardo Monteiro e Artur Motta (2013); Memória: Eric R. Kandel (2009), Ramon M. Cosenza e Leonor B. Guerra (2011); Letramento: Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012), Fernando José de Almeida (2005, 2009). Quanto aos procedimentos metodológicos, optou-se por uma pesquisa de história de vida com enfoque qualitativo, por meio da participação de seis profissionais da educação que contaram suas trajetórias de vidas através de fotografias extraídas de seus guardados familiares. Esses participantes organizaram suas histórias estruturadas com fotos, áudio e textos, documentos que, de forma ordenada, construíram seus pensamentos e costuraram suas memórias, de acordo com valores família, afetos, conhecimento escolar, vivências políticas; explicitaram o valor da aprendizagem no coletivo. A análise foi feita a partir de cinco a dez fotografias selecionadas por eles, contando suas vivências no processo de construção da formação de educador. A análise deste conteúdo foi realizada com base em Heloisa Szymanski (2002) e Chizzotti (2014). Decidiu-se pela utilização da metodologia narrativa, na perspectiva de compreender como se atualiza pelas retomadas de suas memórias fotográficas o processo de formação da identidade profissional. Por meio delas que os professores, pela ativação significativas da memória despertada nas fotos, refizeram o caminho da construção de seus projetos de vida. Tal projeto se desvela pela retomada de sua trajetória docente, das pessoas que lhes despertaram as primeiras vivências de aprendizagem e de convívio educativo, além da construção de significativos momentos do conhecimento de si e do outro. Previu-se, categorizar os diversos conhecimentos que essas educadoras trouxeram e destacar pontos de valores convergentes em suas trajetórias. Os resultados da pesquisa contribuirão para indicar uma prática pedagógica com uma sequência estruturada como instrumento norteador para o emprego da fotografia digital como um processo inovador a ser utilizado na construção de conhecimento das identidades individuais e coletivas, valorizando a cultura dos letramentos contemporâneos a começar pelos educadores.

Palavras-chave: memória; fotografia digital; letramento digital; currículo; formação do educador.

ALMEIDA, Cláudia dos Santos. **Digital photography and the construction of the educator's identity**. 2022. 174 f. Thesis (Doctoral in Education: Curriculum) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

ABSTRACT

This research project has the objective of understanding how it is that the educator can reflexively construct his/her training trajectory and professional identity through memory, activated by photograph archives. This research project has the objective of understanding how it is that the educator can reflexively construct his/her training trajectory and professional identity through memory, activated by photograph archives. The research is based on the observed problem that digital photography is not utilized for the construction of individual and collective identity, or for the construction of knowledge. The project's theoretical reference is presented as follows. Curriculum: Gimeno Sacristán (1998, 2013); Photography: Vilém Flusser (1985), Armando Silva (2008), Sebastião Salgado (2014), Cláudia dos Santos Almeida (2021); Democracy: Boaventura de Sousa Santos (2018); Technologies and narratives: Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (2016), Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida and José Armando Valente (2012); Identity: Shoshana Zuboff (2020), Eduardo Monteiro and Artur Motta (2013); Memory: Eric R. Kandel (2009), Ramon M. Cosenza and Leonor B. Guerra (2011); Literacy: Roxane Rojo and Eduardo Moura (2012), Fernando José de Almeida (2005, 2009). As for the methodological procedures, I opted to research life histories with a qualitative emphasis, through the participation of six education professionals who told their life trajectories through photographs extracted from their family and personal archives. These participants organized their stories through the structure of photographs, audios, and texts; documents which, in an ordered manner, constructed their thoughts and sewed their memories according to their family values, affects, school knowledge, and political experiences. These made explicit the value of collective learning. The analysis was made based on five to ten photographs selected by the participants, which told of their experiences in the process of constructing their training as an educator. The analysis of this content was conducted based on Heloisa Szymanski (2002) and Chizzotti (2014). I opted to use the methodology of narratives, with the perspective of understanding how a return to memories through photographs updates the educator's understanding of their process of training and professional identity. It is through these photographs that teachers, through the activation of significant memories stimulated by the pictures, reconstructed the paths for the development of their life goals. Such goals are made clear through the recapturing of their trajectories as teachers, of the people who first awakened their experiences with learning and educational conviviality, in addition of the construction of significant moments of knowledge about the self and others. I anticipated to categorize the various knowledges these educators brought and to highlight values that are shared and converge in their trajectories. The results of the research will contribute by indicating a pedagogic practice with a structured sequence as a tool to guide the use of digital photography as an innovative process to be used in the construction of knowledge about individual and collective identities, giving value to contemporary cultures of literacy by beginning with educators.

Keywords: memory; digital photography; digital literacy; curriculum; educator training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cidade de Ilhéus/Sul da Bahia.....	14
Figura 2 - Mina de Ouro Serra Pelada.....	16
Figura 3 - Mina de Ouro Serra Pelada.....	17
Figura 4 - Galleria dell'Accademia di Firenze/ Florença, Itália.....	21
Figura 5 - Imagem/Santa Maria del Fiore/ Florença, Itália.....	22
Figura 6 - Las Meninas (1656).....	25
Figura 7 - A menina do sapato.....	32
Figura 8 - Marlboro 1976.....	33
Figura 9 - Dedos de amor de Man Ray.....	37
Figura 10 - Tecendo memórias e ausência.....	108
Figura 11 - Participantes da Pesquisa.....	130

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Club Homs - na Bela Vista.....	58
Foto 2 - Primeiro semestre de 2011 na PUC-SP.....	61
Foto 3 - CEI região do Campo Limpo.....	62
Foto 4 - CEI Capão Redondo.....	63
Foto 5 - Contexto pandêmico devido à Covid-19.....	65
Foto 6 - Corredores da PUC-SP.....	68
Foto 7 - Fernando Haddad (prefeito de São Paulo) e Fernando Almeida (diretor de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo).....	70
Foto 8 - Festa de 15 anos do Clayss.....	72
Foto 9 - Parlamento Alemão.....	75
Foto 10 - Secretaria Municipal de Sobral - Ceará.....	76
Foto 11 - Confraternização Moema.....	78
Foto 12 - Arca de Noé.....	81
Foto 13 - Pátio da Escola.....	83
Foto 14 - Cinco de setembro – desfile.....	84
Foto 15 - Graduação em Pedagogia.....	86
Foto 16 - Evento Escolar.....	88
Foto 17 - Turma do Mestrado de 2008/2010.....	89
Foto 18 - Curso de Pedagogia.....	91
Foto 19 - Curso de Formação de Formadores.....	93
Foto 20 - Defesa Rosemary – PUC-SP.....	95
Foto 21 - Pensão em São Vicente, Planalto Velho.....	98
Foto 22 - Avós Paternos.....	99
Foto 23 - Pensão São Vicente, Planalto Velho.....	100
Foto 24 - O Homem Invisível – Salvador Dali.....	105
Foto 25 – Bordados.....	107
Foto 26 - Nova Friburgo – RJ.....	109
Foto 27 - Colégio religioso na cidade de São Paulo.....	110
Foto 28 - Parque Nacional Das Sete Cidades – Piauí.....	112
Foto 29 - Escola de Heliópolis.....	113

Foto 30 - Memorial da América Latina.....	116
Foto 31 - Uruguai na Universidade de la República.....	118
Foto 32 - Universidade de Sorocaba.....	119
Foto 33 - Escola Irmã Annett Marlene Fernandes de Mello.....	120
Foto 34 - Formatura Graduação.....	122
Foto 35 - Escola Estadual Ruth Cabral Troncarelli, 8 série C.....	123
Foto 36 - Aniversário da mocidade.....	124
Foto 37 - Igreja nossa Senhora Aparecida Ilhéus/BA.....	126
Foto 38 - II Congresso da Rede IDA.....	128

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPE	Centro de Apoio à Pesquisa e ao Ensino
CEDESS	Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde
CEFAM	Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério
CEI	Centro de Educação Infantil
CLAYSS	Rede Ibero-Americana de Aprendizagem e Serviço Solidário
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNE	Conselho Nacional de Educação
DOT	Diretoria de Orientação Técnica
HTPC	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEI	Professora de Educação Infantil
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFORMAR	Programa de Formação e Valorização de Professores da Universidade do Estado da Amazônia
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SME-SP	Secretaria Municipal de Educação de São Paulo
TCA	Trabalho Colaborativo de Autoria
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I	
1 IMAGEM E FOTOGRAFIA DINÂMICA DIGITAL.....	20
1.1 Imagem, memória e conhecimentos em ambientes da cultura digital.....	20
1.2 Nascimento da fotografia.....	30
1.3 Origem do nome fotografia.....	34
1.4 Fotografia digital.....	35
CAPÍTULO II	
2 MEMÓRIA, ALFABETIZAÇÃO E O CURRÍCULO.....	42
2.1 A memória.....	42
2.2 A questão das tecnologias na Educação.....	46
CAPÍTULO III	
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	55
3.1 Metodologia e Sujeitos da pesquisa.....	55
3.2 Professora “Guadalupe”.....	57
3.3 Professora “Beatriz”.....	67
3.4 Professora “Rosemary”.....	79
3.5 Professora “Miranda”.....	96
3.6 Professor “Marcelo”.....	108
3.7 Educadora “Luciana”.....	115
CONCLUSÕES.....	130
REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICES.....	139

INTRODUÇÃO

Nasci no município de Ilhéus, no sul da Bahia. A cidade é rodeada por mares e rios, e uma das coisas de que gostava de fazer, quando criança, era tomar banho nas águas do Rio Almada. Isso resultou nessa minha preocupação com a preservação do Rio Tietê, com a natureza e com a sustentabilidade.

Figura 1 - Cidade de Ilhéus/Sul da Bahia



Fonte: Arquivo *print screen* da página do globoplay¹.

Trabalho na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) desde 1989. Fui lotada, inicialmente, em um centro chamado Centro de Apoio à Pesquisa e ao Ensino (Cape), referência em tecnologia na universidade.

No Cape, eu trabalhava no setor de programação visual. Os pesquisadores utilizavam esse centro para digitalização de teses, pôsteres, slides, filmagem de cirurgias, aulas e fotografias científicas. Existia um laboratório, tanto de foto quanto de vídeo, e uma ilha de edição. É necessário considerar que as pessoas nem sequer tinham computador em suas casas, e esse tipo de serviço era feito apenas naquele centro. Tínhamos experiências técnicas

¹ Fonte: https://globoplay.globo.com/v/7902844/?utm_source=facebook&utm_medium=share-bar&fbclid=IwAR1kucfcG5B5xMbUlmGzrW_4jAwWNU7iiN_ZT7GEYGmSZ_G1mflvPkFoRWs. Acesso em: 05 jul. 2019.

específicas, mas, com o avanço da globalização e o barateamento dos computadores, as pessoas passaram a adquirir tais equipamentos, de tal sorte que houve um esvaziamento das atividades do Cape.

A diretoria do centro foi substituída e novas propostas foram surgindo no meio do percurso. O Cape, então, foi trocado pelo Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (Cedess). É vinculado administrativamente ao campus São Paulo e, academicamente, à Escola Paulista de Enfermagem, da Universidade Federal de São Paulo.

Tenho título de especialização na área de Educação a Distância; graduação em Design de Mídia Digital; mestrado em Práticas Educacionais e agora atuo como pesquisadora no Programa de Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Em 2010, fui selecionada para fazer um curso de Arte Telemática na USP e, no final do semestre, os estudantes tinham que realizar um trabalho de conclusão de curso. Naquele momento, era preciso pensar em um projeto de intervenção a distância. Na orientação, para organizar o trabalho, surgiram dúvidas. Apontei as minhas inquietações para o professor² e então, ele perguntou: “Cláudia, o que a incomoda?”.

Assim, desde aquele ano estou idealizando este projeto: “A fotografia para preservação do meio ambiente”. Em cada curso que faço, encontro um professor que me proporciona aprender um pouco mais daquilo que estou pesquisando. Assim, acredito ser plausível relacionar minha vida com a metáfora de uma borboleta que vai se modificando, transformando-se, alcançando voos mais altos, à medida que encontro um mediador na caminhada acadêmica.

Ao mesmo tempo que tenho conseguido avançar nessa caminhada acadêmica, por outro lado, também, encontro pedras no caminho. Às vezes, me deparo com o medo, principalmente dos meus sonhos exorbitantes, mas sigo em frente e continuo a pensar e a acreditar em uma educação libertadora.

Em 2019 fiz uma visita à exposição Gold Mina de Ouro Serra Pelada, do fotógrafo Sebastião Salgado³. Esta exposição retrata a exploração e escravidão de pessoas e a degradação absurda do meio ambiente. Expõem, retratados nos olhares dos trabalhadores, esperança e sonhos daqueles mineiros que anseiam sair daquele lugar ricos e afortunados.

Gold Mina de Ouro Serra Pelada – Sesc Paulista (2019).

² Prof. Dr. Artur Matuck (USP).

³ Exposição foi composta por 56 imagens e promovida pelo Sesc Paulista no período de 17.07 a 03.11.2019.

Em um primeiro momento, não fica claro o que estamos vendo na Figura 2. Quando o observador aproxima o olhar com cuidado, objetivando analisar a figura com mais cautela, começa a ver o não visto, nem revelado na primeira impressão.

Figura 2 - Mina de Ouro Serra Pelada



Fonte: Fotos de Sebastião Salgado. Exposição/Gold Mina de Ouro Serra Pelada – Sesc Paulista (2019).

Os corpos presentes na imagem e suas vestimentas se confundem com o fundo e, então, começam a aparecer em um barranco onde há milhares de pessoas subindo e descendo.

O cenário da fotografia repleta de sinais, informações, pessoas que, subindo e descendo, carregavam nas costas sacos, com nada além de terra e pedras, na esperança de encontrarem uma pedra preciosa.

Os mineiros, com seus olhares representados pelas fotografias, carregavam uma esperança de voltarem para suas casas mais ricos. Seus corpos, repletos de lama, braços e pernas fazendo os movimentos de descer e subir na Serra Pelada no garimpo – localizado no Estado do Pará, a fotografia compõe o cenário do Brasil no ano de 1980.

Figura 3 - Mina de Ouro Serra Pelada



Fonte: Fotos de Sebastião Salgado. Exposição/Gold Mina de Ouro Serra Pelada – Sesc Paulista (2019).

As imagens mostram que os peões, como eram conhecidos, trabalhavam mesmo sem calçados, não tinham nenhuma proteção para fazerem aquele tipo de trabalho, usavam um

chapéu ou um capuz improvisado, feito com o próprio saco que utilizavam para carregar as pedras.

Nas fotografias, observamos estruturas enormes montadas para exploração da natureza do meio ambiente e dos mais vulneráveis, os seres humanos em estado de propreza extrema.

Essas fotografias me trouxeram à memória a história da natureza e do quanto ela tem sido explorada. Pouco foi feito para reparar ou repor o que tem sido tirado dessa exploração. A escravidão de pessoas pelo sistema continua: Poucos com muito e muitos sem nada.

São imagens que remetem à exploração da natureza e que hoje, não somente no Brasil, mas no mundo, estamos assistindo às mudanças climáticas, às florestas sendo devastadas, bem como o lixo que chega aos mares e rios, matando os animais marinhos.

O que vimos nas fotos continua até os dias de hoje: a não garantia da sustentabilidade da vida humana e do Planeta.

Extração, exploração como essa no Planeta, segundo o fotógrafo Sebastião Salgado em um depoimento à revista E, em janeiro de 2020, continuam acontecendo nos garimpos da Amazônia. Assim, o guardião da memória, como é chamado devido ao reconhecimento pelo seu trabalho, o fotógrafo considera importante mostrar às pessoas a realidade do país (REVISTA E, 2020, n.p)⁴.

A pesquisadora, com a subjetividade voltada para as questões ambientais e comprometida com a educação e a vida social do Brasil, se vê despertada, diante desta provocação, a não desistir dos sonhos de uma educação libertadora que mobilize práticas educativas que permitam ao professor e ao aluno a construção de sua identidade individual e coletiva através da memória para agir no seu meio, na sua comunidade, ser um agente transformador, além de construir e produzir conhecimento, utilizando, como instrumento, a fotografia digital.

A nossa vida está digitalizada, os nossos dados estão na rede, trocamos informações com nossos grupos de trabalho, fazemos compras, pagamos as contas, fazemos movimentações financeiras através dos bancos virtuais e também tiramos fotografias e compartilhamos rapidamente com a família e os amigos. Assim, geramos vínculos e conhecimento, por meio digital.

⁴ Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13909_GUARDIAO+DE+MEMORIAS. Acesso em: 1 mar. 2020.

A tecnologia digital mudou a forma como nos comunicamos, como nos relacionamos uns com os outros e com a vida cotidiana. A capacidade de conectividade elimina distâncias e barreiras geográficas.

A digitalização tem nos proporcionado tudo isso e muito mais, embora é sabido que nem todos têm acesso à internet e, conseqüentemente, ficam excluídos dessa vivência de cidadania.

A hipótese é que as imagens digitais podem ter ou não potencial para educar, elas podem enganar ou contribuir para o desenvolvimento das competências e habilidades. Nesse sentido, o professor, o educador, pode, através das fotografias, construir suas trajetórias e perceber a construção de sua identidade individual e coletiva, na perspectiva de resgate da memória através das imagens. E, a partir dos significados atribuídos, modificar suas práticas com os aprendizes e, dessa forma, também podem intervir nos processos de aprendizagem.

Intervir e integrar uma reflexão sobre a utilização das fotografias no currículo escolar, na perspectiva de que eles também possam construir suas identidades através da memória para dar significado à vida e aos conteúdos escolares.

Desse modo, a pesquisadora desenvolve reflexões próprias em busca do conhecimento com a subjetividade voltada para as questões ambientais, dando continuidade à pesquisa que se iniciou no mestrado. A princípio, esta pesquisa seria realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio e Educação de Jovens e Adultos. Entretanto, em função da pandemia da Covid-19, optamos por fazer a pesquisa com profissionais da área da Educação, mestrandos e pós-doutorandos do Programa Educação: Currículo.

Assim, vamos elucidar alguns conceitos que serão trabalhos nesta pesquisa para refletir sobre o currículo escolar, como, por exemplo, conceito imagem; fotografia dinâmica digital em Freire; conceitos de memória e letramentos e o currículo escolar e as tecnologias digitais.

Para trabalhar esses conceitos, buscamos algumas referências teóricas para compor essa reflexão: Currículo: Gimeno Sacristán (1998, 2013); Fotografia: Vilém Flusser (1985, 2008), Armando Silva (2008), Sebastião Salgado (2014), Cláudia dos Santos Almeida (2021); Democracia: Boaventura de Sousa Santos (2018); Tecnologias e narrativas: Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida e José Armando Valente (2012, 2016); Memória: Eric R. Kandel (2009), Ramon M. Cosenza e Leonor B. Guerra (2011); Letramento e multiletramentos: Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012), Fernando José de Almeida (2005, 2009); Identidade: Shoshana Zuboff (2020), Eduardo Monteiro e Artur Motta (2013), Análise de conteúdo: Heloisa Szymanski (2002), Chizzotti (2014).

CAPÍTULO I

1 IMAGEM E FOTOGRAFIA DINÂMICA DIGITAL

1.1 Imagem, memória e conhecimentos em ambientes da cultura digital

A imagem é a expressão gráfica visual mais antiga que o homem criou. Mais antiga do que a escrita, como as pinturas rupestres. O homem desenha antes mesmo de saber falar. As imagens, as pinturas e as fotografias são linguagens criadas para representar ou comunicar alguma coisa e permitem o acúmulo de conhecimentos.

Uma imagem é, entre outras coisas, uma mensagem: ela tem um emissor e procura por um receptor. Essa procura é uma questão de transporte. Imagens são superfícies. Como elas podem ser transportadas? Depende dos corpos em cujas superfícies as imagens serão transportadas. Se os corpos consistirem em paredes de cavernas, como em Lascaux, então as imagens não serão transportáveis. Nesse caso, os receptores têm de ir até as imagens. Há corpos que permitem um transporte mais cômodo, como por exemplo, os quadros de madeira e as telas emolduradas. Nesse caso pode-se usar o método de transporte misto – transportam-se as imagens para um lugar comum em que elas são depositadas, como uma igreja ou uma exposição, e depois se transportam os receptores para lá. Mas tais casos também permitem outro método. Um indivíduo pode adquirir um corpo que transporte imagens – pode comprar, roubar ou conquistar – e torna-se receptor exclusivo da mensagem. Recentemente Inventou-se algo novo: é possível produzir imagens incorpóreas, superfícies “puras”, e é possível traduzir (transcodificar) todas as imagens anteriores nesse tipo de imagem. Nesses casos, os receptores não são mais transportados: essas imagens podem ser reproduzidas à vontade e alcançar cada receptor isolado, onde quer que ele esteja (FLUSSER, 2008, p. 152).

Entre os séculos XV e XVII os pintores registravam a vida cotidiana através das pinturas. As pessoas não tinham acesso à leitura, a cultura era acessível a poucas pessoas. Entretanto, as pinturas eram utilizadas pela nobreza para registrar e documentar o modo de vida, família, lazer, conquistas pessoais, poder e alegrias, em uma demonstração do eu.

Os primeiros retratos fotográficos eram extensões de poses já codificadas pela pintura. Os gestos da corte francesa foram finalmente socializados. Para o burguês, representar-se era mais do que uma mera identificação pessoal; significava um culto de classe ao individualismo que a filosofia cartesiana teorizava como ‘eu penso, eu existo’; nas duas frases, só o eu, é comum (NEIVA JUNIOR, 2006, p. 62).

A igreja utilizava as pinturas, de forma pedagógica, para ensinar a Bíblia. Muitas passagens bíblicas foram pintadas em formato de quadros, nos tetos das catedrais, capelas, vitrais, fachada das igrejas para que os fiéis pudessem fazer a leitura a partir das imagens. Assim, passavam para uma perspectiva divina, o ícone não era feito para ser olhado, mas contemplado (SILVA, 2008). Assim, uma das potencialidades da imagem, como diz Bourriaud (2009), é o sentimento de ligação que gera vínculos através dos signos, ícones e sinais.

Figura 4 - Galleria dell'Accademia di Firenze/ Florença, Itália



Foto: Arquivo pessoal da autora (2014).

Figura 5 - Imagem/Santa Maria del Fiore/ Florença, Itália



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2014).

As imagens entraram em crise e deram lugar aos textos para resguardar o perigo da idolatria, por volta do segundo milênio a.C. Os textos foram inventados, com objetivo de “*desmagiciarem* as imagens” (FLUSSER, 1985, p. 11). As pessoas não tinham acesso a livros escritos, não sabiam ler, tampouco escrever e os livros eram proibidos, como sintetiza Peter Burke (2003, p. 130):

O sistema de censura mais famoso e de maior amplitude no período era o da Igreja católica, e estava associado ao Índice de Livros Proibidos. O Índice era um catálogo impresso – talvez mais bem descrito como anticatálogo – dos livros que os fiéis eram proibidos de ler.

A leitura e produção de livros eram restritas até a invenção de Gutenberg, por volta de (1439) era uma arte custosa (SANTAELLA, 2013). Essa arte custosa, desvendada com técnica por Gutenberg, se vinculou ao protestantismo e chegou ao apogeu da alfabetização entre os indivíduos (MONTEIRO; MOTTA, 2013). A educação sempre foi considerada um campo de

poder, disputa e controle pelas instituições eclesíásticas, pelos governantes autoritários e pelas instituições privadas, assim, excluindo os mais vulneráveis de um direito básico, inclusive o das mulheres. A esse respeito, Santaella (2013, p. 188-189) acrescenta: “[...] a, alfabetização já começa a ser obrigatória em alguns países, e o público feminino emergia como público leitor”. Aprimorando a escrita com o diário, considerado um gênero literário educativo na época, e reforçando esse olhar para o público feminino, em sua pesquisa sobre álbum de família, Silva (2008), aponta para a mulher como responsável pelo cuidado com a memória visual da família.

A modernidade, no seu processo de industrialização, com o nascimento da imprensa iniciado no século XVIII, traz consigo o evento da propagação da leitura e da imagem. Assim, se faz o caminho da democratização da leitura e da imagem como objeto de consumo.

A invenção da imprensa e o surgimento da escola obrigatória propagaram a consciência histórica. Todos sabiam ler e escrever, os camponeses, agricultores e trabalhadores rurais começaram a ler graças aos textos que se baratearam como: livros, jornais e panfletos. As imagens ficaram salvas dessa popularização dos textos baratos. A esse respeito, Flusser (1985, p. 12) acrescenta:

[...] De um lado, as imagens se protegiam dos textos baratos, refugiando-se em ghettos chamados “museus” e “exposições” deixando de influir na vida cotidiana. De outro lado, surgiram textos herméticos (sobretudo os científicos), inacessíveis ao pensamento conceitual barato, a fim de se salvarem da inflação textual galopante. Desse modo, a cultura ocidental se dividiu em três ramos: a imaginação marginalizada pela sociedade, o pensamento conceitual hermético e o pensamento conceitual barato. Uma cultura assim dividida não pode sobreviver, a não ser que seja reunificada. A tarefa das imagens técnicas é estabelecer código geral para reunificar a cultura. Mais exatamente: o propósito das imagens técnicas era introduzir as imagens na vida cotidiana, tornar imagináveis os textos herméticos, e tornar visível a magia subliminar que se escondia nos textos baratos. Ou seja, as imagens técnicas (e, em primeiro lugar, a fotografia) deviam constituir denominador comum entre conhecimento científico, experiência artística e vivência política de todos os dias.

Silva (2008) nos diz que anos depois do nascimento da imprensa que permitiu a divulgação da leitura e da imagem, sucede o daguerreótipo e, com ele, a fotografia que aparece como novo artifício mecânico, científico e técnico que surge em um momento histórico, sujeito, também, à mudança. A esse respeito, Flusser (1985, p. 11) acrescenta que:

[...] As fotografias foram inventadas, no século XIX, a fim de remagiciarem os textos, assim, introduzir novamente as imagens na vida cotidiana, para que as pessoas pudessem visualizar e ter uma compreensão dos textos herméticos, que de forma subliminar apareciam nos textos baratos (embora seus inventores não se tenham dado conta disto). São mudanças que passaram desapercibidas pelos seus estudiosos.

Todavia, vemos tais mudanças no comportamento das pessoas com as exposições das imagens técnicas, que passaram a pertencer não somente aos aristocratas, mas a todas as camadas sociais. Na década de 1970, houve uma diminuição do custo da fotografia diante do

seu uso em massa e, assim, as classes médias e as populares puderam experimentar esses bens de consumo para serem produtores de informações visuais. A esse respeito, Silva (2008, p. 116) acrescenta:

A fotografia começa, como é óbvio, a ser usada pela classe alta, mas aos poucos se torna popular, a ponto de hoje não existir classe social nem região do mundo onde a fotografia não esteja cumprindo a missão de ser a realizadora mais crível e cotidiana da representação da imagem de nosso rosto, corpo e gestos.

A fotografia, nos vinte primeiros anos do século XXI, foram muito difundidas e se alteraram com relação ao acesso aos aparelhos de captura de imagens. As pessoas não precisam de muita habilidade para tirar uma fotografia, um retrato ou autorretrato. Antes esse ofício era tarefa do pintor ou fotógrafos profissionais e nem todos podiam pagar por esse serviço, como mostra a pintura a seguir, que nos lembra uma *selfie*, Bourriaud (2009, p. 33) diz que: “*quando um artista nos mostra alguma coisa, ele expõe uma ética transitiva que situa sua obra entre o “Olhe-me e o olhe isso”* e assim, no século XVII o pintor Diego Velazquez retrata a dinastia da família real espanhola, como os detalhes que são aparentemente vistos na pintura abaixo.

Trazemos a pintura, abaixo, do quadro de Velázquez para nos ajudar a olhar as características que a pintura tem com as *selfies* que tiramos de nós mesmos, para mostrar: nossos amigos, a família, a roupa que vestimos, o que estamos fazendo, o nosso trabalho.

Será que quando tiramos essas *selfies*, queremos dizer quem somos? Que o outro me constitui? Que somos constituídos de outros “eus”?

Figura 6 - Las Meninas (1656)



Fonte: Guides to the Museo del Prado Collection (2013).

A pintura acima “*las Meninas*”, de Velázquez, se passa em um grande aposento na residência da família real espanhola, reservado ao ateliê do pintor. Na pintura, observa-se a infanta Margarita Tereza (infanta é título de nobreza que está abaixo de Príncipe), ao centro, acompanhada por duas damas de honra. Enquanto uma das damas lhe serve um lanche ou água, a outra faz uma reverência respeitosa, um protocolo padrão diante da presença do casal real. Na parede do fundo nota-se um espelho que reflete a figura do rei Philip IV e da rainha Mariana de Áustria posando para a pintura, assim, podemos também ver o mesmo que um grupo de pessoas dentro do ateliê estaria vendo.

Ao registrar esse momento, o pintor revela o convívio da família real, com os seus servos, a moda da época, o animal de estimação, a ostentação dos quadros pendurados na parede, tudo isso representado em uma imagem. Deixa transparente a vida em família como se fosse uma vitrine. Trazemos essa *selfie*, na perspectiva de refletir a questão da nossa identidade do *eu* com os outros que me influenciam.

Os dois anões, ao lado da dama de honra, eram mantidos pela corte para diverti-los, uma atração cultural, para passar o tempo, com boas risadas, junto com amigos e convidados. O rapaz que incita o cão é Nicolasito Pertusato, considerado o bobo da corte.

No fundo da cena, mais alguns serviçais a postos demonstram cuidado e prontidão para atender aos convidados. O camareiro José Nieto, também na cena, está pronto para abrir a porta, zelando pelas necessidades dos nobres.

Assim, os objetos, revelados na pintura, mostram a identidade da família real, a sua relação com o outro, a cultura da época.

Nos dias de hoje, diríamos que esta pintura é um “autorretrato ou *Selfie*” porque da mesma forma como o pintor expôs a vida da realeza, seus hábitos, costumes e moda, ele também se coloca na foto, portanto, não é muito diferente do tempo presente, na cultura contemporânea. Vale a pena citar Silva (2008, p. 108), com suas considerações sobre os monarcas:

“Quando os monarcas se fazem pintar, como Luís XIV na França, aquele que disse “o Estado sou eu”, faz com que outro, o pintor, conte sua história, O pintor, por encargo do rei, pinta, pinta-o: há uma cumplicidade entre quem faz a história e aquele que o desenha: entre o rei e o artista”.

As múltiplas representações do mundo, tanto o antigo quanto o novo, revelam as culturas, identidades fragmentadas como mosaico colorido e o “eu” que se projeta é, assim, vamos nos modificando, nos transformando no contato com o outro.

Hoje, reproduzimos o que somos nas redes sociais da internet que fazem as vezes de museus populares, as vitrines onde publicamos nossas fotografias, revelando, assim como nas pinturas, costumes, valores, estilo de vida, cultura, a moda e o que pensamos, a esse respeito, Flusser (1985, p. 40) acrescenta: “[...] como o pensamento, o desejo e o sentimento vão adquirindo caráter de jogo em mosaico, caráter robotizado; como o viver passa a alimentar aparelhos e ser por eles alimentado. O clima de absurdo se torna palpável”.

A realeza tinha por hábito o consumo de pinturas para deixar para a eternidade seus feitos, suas conquistas e seu modo de vida, sua identidade. Entretanto, não somos diferentes deles, queremos que o outro veja quem somos e o que consumimos. Destarte, somos dominados pelas máquinas pelos nossos próprios instrumentos ou permitiremos que esses nos auxiliem e sirvam para indicar a direção de olhar e refletir o mundo que nos rodeia?

Com o pensamento e a técnica, Velázquez revela com luz no centro de sua composição, a esperança de sobrevivência da dinastia espanhola, com a harmonia das cores e suas pinceladas, projeta a imagem e engrandece o seu trabalho, então, projeta sua identidade.

As pinturas captavam a realidade objetiva das sociedades e suas culturas, assim, eram marcadas pela exigência e rigidez de código perceptivo voltado para as representações, Silva

nos diz que a pintura não era entendida como artifício teórico, e que a fotografia vem reforçar essa percepção.

Por essa aparência de realismo tão extraordinária, ainda hoje alguns continuam pensando – coincidindo com uma visão pré-moderna que resiste a ver ou entender, por exemplo, uma pintura cubista de Picasso – que o código renascentista é a captação da realidade objetiva, e não como deve ser entendido, um artifício teórico reforçado pelo surgimento da fotografia (SILVA, 2008, p. 87).

Nesse sentido, para utilização da fotografia como artifício teórico, criamos um conceito de fotografia dinâmica digital. A esse respeito, Flusser (1985) acrescenta os pontos de vista do olhar dos críticos da pintura e da fotografia, e diz que: na pintura procuramos decifrar ideias e o crítico de fotografias deve decifrar além de ideias, conceitos, nesse sentido, Almeida (2021), cria o conceito de fotografia dinâmica digital na perspectiva dialógica do educador Paulo Freire:

Fotografia dinâmica pode ser traduzida quando Freire observa que, nas práticas educativas, eram utilizadas imagens para problematizar o cotidiano a partir de uma situação concreta, vivida pelo educando, assumindo suas próprias vozes, para tomada de consciência crítica sobre a realidade. O dinamismo de problematizar, com o grupo questões básicas do cotidiano leva os cidadãos à comunhão com outros educandos, bem como a refletir e encontrar novos caminhos (ALMEIDA, 2021, p. 87).

O momento histórico do século XXI apresenta uma valorização da fotografia como um artifício cultural. Nessa perspectiva, propomos a utilização da fotografia nas práticas educativas para problematizar a realidade e o contexto do educador e encontrar novos caminhos. Assim, Flusser diz que as fotografias abrem ao observador visões de mundo. Uma leitura de mundo que possibilita transcodificar imagens digitais em conceitos, destarte, descobrindo seus significados. Nesse sentido, Flusser (1985, p. 24) traz suas considerações sobre a intenção do fotógrafo e a do aparelho:

Esquemáticamente, a intenção do fotógrafo é esta: 1. Codificar, em forma de imagens, os conceitos que têm na memória; 2. Servir-se do aparelho para tanto; 3. fazer com que tais imagens sirvam de modelos para outros homens; 4. Fixar tais imagens para sempre; Resumindo: A intenção é a de eternizar seus conceitos em forma de imagens acessíveis a outros, a fim de se eternizar nos outros.

Esquemáticamente, a intenção programada no aparelho é esta: 1. codificar os conceitos inscritos no seu programa, em forma de imagens; 2. Servir-se de um fotógrafo, a menos que esteja programado para fotografar automaticamente; 3. Fazer com que tais imagens sirvam de modelos para homens; 4. Fazer imagens sempre mais aperfeiçoadas. Resumindo: a intenção programada no aparelho é a de realizar o seu programa, ou seja, programar os homens para que lhes sirvam de *feed-back* para o seu contínuo aperfeiçoamento.

Então, tanto os críticos fotógrafos como os aparelhos convergem e divergem em alguns pontos acima citados e, diante disso: planejam e manipulam procedimentos e comportamento da sociedade e vão se aperfeiçoando constantemente. Flusser (1985, p. 24) diz que “as

fotografias “melhores” seriam aquelas que evidenciam a vitória da intenção do fotógrafo sobre o aparelho: a vitória do homem sobre o aparelho”.

O homem deve dominar o aparelho para transcodificar as imagens técnicas em conceitos na superfície digital, ver o visto e o não visto, e dessa maneira, não ser dominado pela máquina, essa, fruto do seu próprio pensamento e criação. A esse respeito Flusser acrescenta: [...] Quando as imagens técnicas são corretamente decifradas, surge o mundo conceitual como sendo o seu universo de significado. O que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é “o mundo” mas determinados conceitos relativos ao mundo [...] (FLUSSER, 1985, p. 10).

A função das imagens técnicas é substituir a consciência histórica por uma consciência mágica. Assim, o conceitual cede lugar à capacidade imaginativa dos sujeitos, destarte, eliminando os textos e libertando os homens para pensar conceitualmente.

Assim, os pensamentos prevalecem sobre o aparelho. Na perspectiva da fotografia dinâmica digital, em Freire, propomos uma Pedagogia da imagem discutida e dialogada com os professores para que possam refletir com os aprendizes na escola e, assim, sair de uma visão ingênua para uma visão crítica, dialogando com os conceitos relativos à visão de mundo, de suas identidades individuais e coletivas.

O barateamento dos aparelhos eletrônicos digitais tornou-os acessíveis a todas as classes sociais. Sobre esse assunto, o Centro Regional de Estudo para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR) traz alguns dados do uso da telefonia celular no ano de 2019. No Brasil, 163 milhões de brasileiros utilizaram celular nos três meses anteriores à pesquisa e mais de 153 milhões disseram possuir aparelho próprio, estimativa que equivale a 90% e 85% de indivíduos com 10 ou mais anos de idade⁵. E esses 163 milhões de pessoas se beneficiam dos aparelhos celulares com câmera fotográfica incluída, coletando informações visuais a todo momento. Esperamos que esses números possam trazer reflexão no campo da Educação do currículo escolar, aproximando este artefato da realidade dos professores, na perspectiva da fotografia dinâmica.

Fotografia dinâmica, quando colocada em outros cenários, outros espaços como o da escola, para ser problematizada, pode chegar ao receptor que a apreende e dialoga com outras causas, outras questões sociais que não estão representadas na imagem. Silva, considerado referência em estudo de imagem, traz suas considerações sobre o sentido dinâmico de uma imagem sobre os desenhos e quadros.

⁵ Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 23 jul. 2021.

Os quadros e medalhas encomendados por Luís XIV, como os desenhos e quadros executados por Goya, são imagens colocadas em cenários maiores. A imagem é captada apenas em seu sentido mais **dinâmico** se compreendermos como o cenário no qual a figura interage com vários motivos, até mesmo com aqueles que não vemos porque não foram representados e que de fora do quadro afetam e condicionam o plano de visão (SILVA, 2008, p. 109).

Nesse sentido, no plano de visão da representação visual da fotografia que é o objeto de estudo, encontramos os conceitos para representar o que vemos e o que não está visto, chamamos de fotografia dinâmica em Freire a partir dessas considerações de como a fotografia pode ser discutida no seu sentido dinâmico, de interagir com os cenários, com as figuras, ou com elementos que não estão presentes na foto.

A fotografia dinâmica em Freire pode ser discutida em lugares como o círculo de cultura na escola, espaços para formação da cidadania através da reflexão, da discussão sobre as grandes questões contemporâneas, quando utilizada, a fotografia dinâmica nos oferece indagações e interpretações múltiplas.

Nesse sentido de interpretações múltiplas, também a cidade vem sendo redescoberta pelos seus cidadãos, que fotografam e capturam a sua beleza escondida, ou sua ruína, então, denunciam e compartilham nas redes, nos jornais nos blogs o que foi capturado pela câmera do seu celular. No entendimento de Silva (2008, p. 182),

Dessa forma, os cidadãos podem se tornar repórteres que denunciam injustiças, que presenciam e exibem crueldades sociais; ou turistas de sua própria cidade, descrevendo-a e narrando-a a partir do maravilhoso e do atraente; ou os cidadãos comuns, com câmeras na mão, podem até agir na qualidade de pesquisadores que conseguem, metodicamente, apresentar de maneira visual propriedades que definam modos de ser de um grupo humano.

E assim, torna-se um comunicador um pesquisador visual. O comunicador visual, fotógrafo e colecionador que organizava os álbuns familiares preserva a história da família com os ritos de nascimento, batismo, primeira comunhão e casamento, hoje na contemporaneidade, esse comunicador no papel de cidadão descobre a cidade, as ruas, os bairros com seus olhares de contemplação e crítica.

Esses cidadãos, com as tecnologias digitais, descobriram outras formas de percepção visual. A cidade, por exemplo, caiu no gosto e no clique fotográfico das pessoas. A fotografia tornou-se acessível, primeiro com a industrialização, depois com a globalização, e assim, todas as camadas sociais passam a ter acesso, com a invenção da imprensa na mesma época da literatura. Desse modo, a literatura e as imagens tornaram-se instrumentos didáticos poderosos para o pensamento humano.

Velázquez, com pensamento e técnica, revela com seu tratamento da luz a esperança de sobrevivência da dinastia espanhola do século XVI, e nessa perspectiva de sobrevivência e

projeção para um futuro da Educação do século XXI, buscando projetar o que as escolas podem fazer pelas tecnologias dentro do currículo escolar, como fez com o lápis, a caneta e o livro? Almeida (2020, p. 121) coloca luz na, propondo uma reflexão como tema “ética da responsabilidade” e tem como referência “o princípio da responsabilidade” em Hans Jonas (2006) para pensar o futuro da Educação que queremos. Trataremos desse assunto, posteriormente.

1.2 Nascimento da fotografia

Com o nascimento da imprensa e a literatura em alta, Luiz Jaques Daguerre deu segmento ao processo químico de fixação da imagem iniciado por Nicéphore. Então, Daguerre continuou o processo de fixação da imagem por meio de processos químicos como, por exemplo:

[...] Primeiro, experimentou com bicloreto de mercúrio, que fazia aparecer uma imagem muito tênue; foi melhorada mediante o uso de brometo de mercúrio, e finalmente em 1837, após onze anos de experimentação, descobriu que, se aquecesse o mercúrio, os vapores desenvolviam a imagem (SILVA, 2008, p. 83).

A modernidade trouxe um conjunto de fluxos, modificando a vida do indivíduo que começa pelo êxodo rural e muda completamente a relação das pessoas com a cidade, as pinturas, a literatura e a fotografia (SILVA, 2008). Assim, a foto foi assumindo sua popularização. Passou a ser objeto de consumo das pessoas e assumiu uma capacidade de fazer retrato, que antes era uma atividade reservada às pinturas do século XVII, que com seus grandes artistas, ao contemplar as pessoas, os objetos, a vida cotidiana, destacava suas obras com pontos de luz sobre determinada realidade, revelando a imagem.

A propagação do retrato se inicia com o “retrato-cartão de visita”, “foto postal” e “foto de estúdio”, Silva (2008) nos diz que as fotos passaram a ser um fenômeno urbano, produzindo efeito de cidadania, como registro de identidade arquivos de rostos que são utilizados pelas autoridades, fotos em jornais e nos meios audiovisual, fotos familiares, fotos cerimoniais, álbuns e outros rituais.

Os rituais do período renascentista foram marcados por códigos rígidos que regulamentavam o fazer artístico nas pinturas e se estenderam para a fotografia, assim, essas leis marcam outros períodos da história da arte, com exigências nas representações da realidade objetiva.

Na fotografia, esses códigos são superados por fotógrafos como Many Ray, que com seu trabalho de fotografia surrealista, rompe com a fotografia tradicional, através de outros formatos de manipulação como, por exemplo: rayografia, a superposição, a solarização, utilizando essa técnica para separar radicalmente do real (L'ECOTAIS, 2019).

No Brasil, a entrada da vida fotográfica tem uma longa e representativa história. Separamos aqui alguns importantes fotógrafos que marcaram suas histórias, colocando luz na vida cotidiana do país, tais como: Hercule Florence (1804-1879); Vicator Frond (1821-1881); Marc Ferrez (1843-1923); Augusto Malta (1864-1957); Militão Augusto de Azevedo (1837-1905); José Chistiano Júnior (1832-1902); Tomaz Farkas (1924); Geraldo de Barros (1923-1998); Anna Mariani (1935); José Oiticica Filho (1906-1964) e German Lorça (1940 e 2021).

Na década de 1940 a 1950, com a expansão do fotojornalismo nas revistas, o mercado editorial cresce no Brasil. Assim, destacamos alguns profissionais da fotografia deste período: Jean Mazon (1915-1990); José Medeiros (1921-1990); Flávio Damm (1928); Pierre Verger (1902-1996); Marcel Gautherot (1910-1996); Orlando Breto (1950); Walter Firmo (1937) e Pedro Martinelli (1950);

Nos anos de 1950 e 1960, as fotografias começam a aparecer nos museus e nas galerias de arte e, entre 1960 e 1970, aparecem as fotografias documentais, com destaque para os seguintes profissionais: Maureen Bisilliat (1931); Claudia Andujar (1931); Milton Guran (1948); Marcos Scantilli (1951); Rosa Gauditiano (1955); Sebastião Salgado (1944); Miguel Rio Branco (1946); Rochelle Costi (1961); Vik Muniz (1961); Arthur Omar (1948); Rosângela Rennó (1962) e Cassio Vasconcellos (1965).

Entre esses fotógrafos relevantes, destacamos o artista Geraldo de Barros, fotógrafo, pintor e designer, que abre caminho para novas técnicas de representação da realidade nos seus trabalhos. Por sua ampla visão de arte e da função social da fotografia como comunicação artística, vale trazê-lo aqui para o entendimento da importância da fotografia na própria Educação.

A esse respeito, a curadora Heloisa Espada em exposição no Sesc Belenzinho, com o olhar nas obras de Geraldo em exposição, no período de 08/04/2015 a 31/05/2015, afirma:

[...] vasculhou entre as técnicas artísticas, distintas possibilidades, esgarçando as fronteiras entre a fotografia, a gravura e a pintura. Considerado um dos pioneiros da fotografia abstrata no Brasil, é também um importante artista do movimento concretista brasileiro. Assim, diante da criação deste artista plural, que revela o inesperado e captura uma realidade que nem sempre toca olhares saturados, saltamos num mergulho para fora do cotidiano, ao encontro com a intangível representação do real.

Essa representação do real era manipulada por Geraldo de Barros através das várias técnicas das quais se utilizava, dentre elas o próprio negativo para fazer suas experimentações, mudando a posição da câmera para compor outra imagem, e assim mostrar que a realidade também é passível de ser manipulada.

As manipulações eram feitas com câmeras como, a Rolleiflex, o fotógrafo e designer já realizavam tais operações que hoje, são feitas por programas ou aplicativos como o Photoshop. As amplas simulações que escondem o que Barros fazia nos anos 1970, ao mesmo tempo, podem desafiar os novos usuários a outras experiências na busca de dominar as tecnologias.

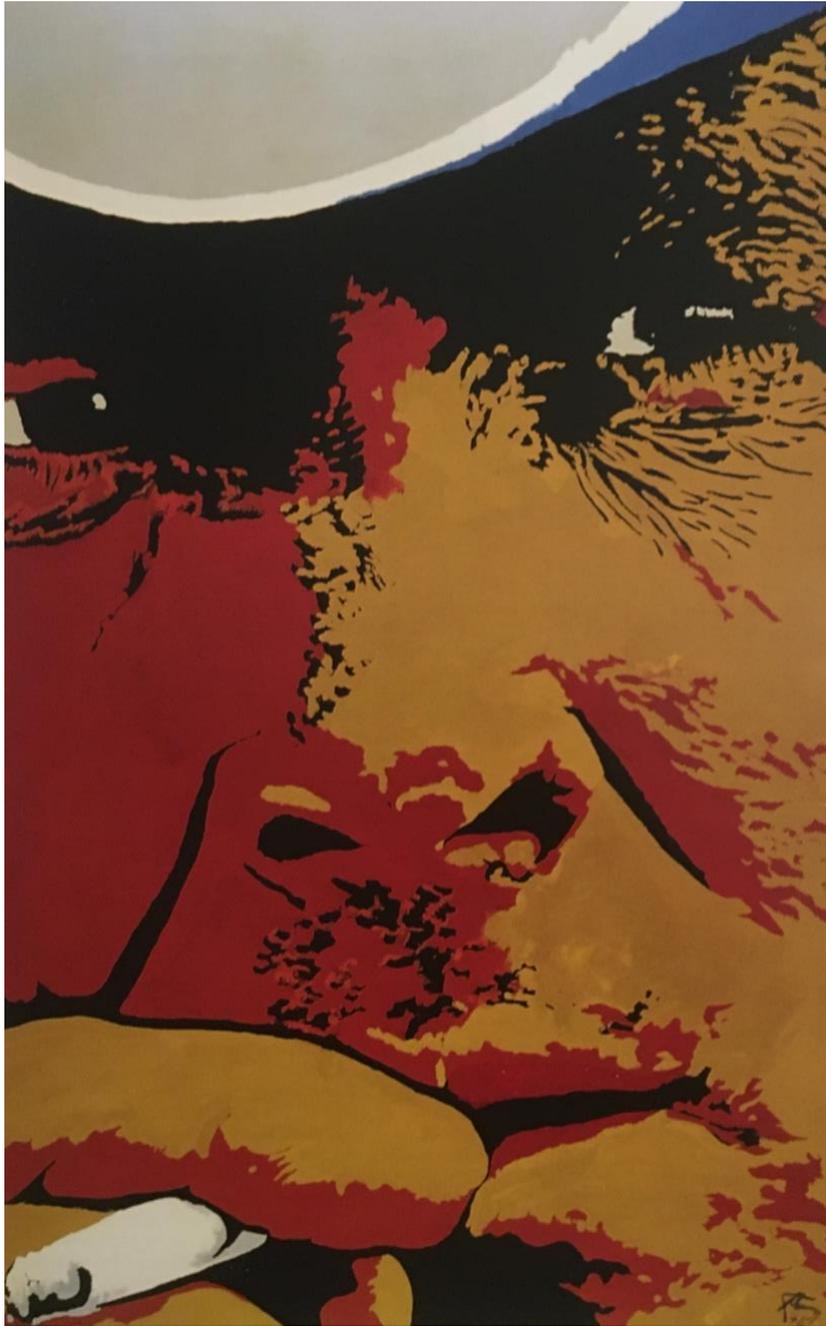
Figura 7 - A menina do sapato



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo de Barros (2015).

Por volta de 1964, Barros também passou a criticar as imagens publicitárias chamadas “culturas de massa”, como a imagem abaixo que nos remete à propaganda de cigarro da marca “Malboro”, exposta em grande outdoor, estimulando a sociedade ao consumismo do produto.

Figura 8 - Marlboro 1976



Fonte: Arquivo pessoal da autora – Exposição Sesc Belenzinho/maio 2015.

No dizer da curadora, Heloisa Espada, nessa fase, Geraldo de Barros enfatiza o caráter invasivo e artificial da fotografia publicitária, enquadrando, de novo, as imagens em primeiro plano. E assim, com essa aparência o plano era utilizado na fotografia para a exaltação da imagem com o objetivo de ostentação para promover o consumo de cigarro.

[...] Eu nunca sei, como ser humano, o que está acontecendo realmente, se aquele colorido que a televisão me transmite é aquilo mesmo em definitivo, mas sei que esses códigos nos são transmitidos querendo estabelecer as coisas que vamos pensar. Por

meio de recursos próprios da publicidade - cores estridentes, grandes tamanhos e foco nas emoções - suas obras escancaram o sentido impreciso e o enganoso das imagens, distanciando a fotografia de qualquer efeito de realidade (BARROS *apud* ESPADA, 2015, p. 183).

Geraldo de Barros representava as várias técnicas e possibilidades de manipulação da fotografia, com finalidades publicitárias, dentre outras. A curadora, Heloisa Espada (2015, n.p.) nos diz, no caderno de mediação que: “[...] *as fotografias não precisam cumprir a função exclusiva de representar a realidade ou registrá-la, podendo também explorar as formas abstratas e a experimentação com formas, luz e sombras*”.

Espada (2015) nos alerta para a importância de lembrar que não existiam, em circulação, os aplicativos e programas de edição de imagem. As manipulações adivinham de criatividade e habilidade do fotógrafo de operar uma câmera fotográfica como as utilizadas nos anos 1970, as Rolleiflex. Hoje, os aparelhos como celular e Ipad, não precisam de habilidade específica para tirar fotografias no digital. A esse respeito, Silva (2008, p. 180) acrescenta:

[...] até os celulares ou computadores já fazem câmeras incluídas, e dessa maneira, os cidadãos preparam-se maciçamente para ser fotógrafos e coletores de informação visual a todo momento, o que nos faz, por sua vez presenciar uma descoberta de novos cenários públicos que competem com os domésticos e familiares.

A seguir, trazemos uma síntese da origem do nome fotografia, cunhado pelo francês Antoine-Hercules Romuald Florence⁶ e conceitos sobre fotografias e imagem digital que tornaram-se acessíveis a bilhões de pessoas, trazidas por importantes fotógrafos contemporâneos, como Sebastião Salgado, e falaremos, também, de fotógrafos à frente de sua época como Man Ray e Geraldo de Barros, que utilizavam manipulação nas suas fotografias.

1.3 Origem do nome fotografia

No Brasil, segundo a historiadora Schwarcz relata, d. Pedro II foi considerado o primeiro soberano-fotógrafo do mundo e um grande incentivador das artes no país (SCHWARCZ, 1998).

Em 1824, chegou ao Brasil o francês Antoine-Hercules Romuald Florence, com o objetivo de desenvolver um método de transcrever os sons dos pássaros, durante a expedição que realizou em 1825, no interior do país. Todavia, tinha por costume utilizar os processos da câmara escura, componentes com porção química como o nitrato de prata, hoje ainda utilizado no processo de revelação, o nome fotografia foi cunhado por Florence.

⁶ Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/a-fotografia/>. Acesso em: 07 ago. 2021.

Em 1839, chega a notícia da invenção da daguerrótipia no Brasil.

O primeiro anúncio da invenção do daguerreótipo chegou à corte em 19 de agosto de 1839, por meio de uma notícia publicada em maio no *Jornal do Commercio*. No mês de agosto, em sessão conjunta das academias de Belas-Artes e de Ciências, deu-se em Paris a comunicação oficial da invenção, e já em dezembro o francês Hércules Florence, radicado em São Paulo, divulga o resultado de suas experiências com o novo aparelho (SCHWARCZ, 1998 p. 514).

Florence obteve com êxito uma imagem negativa da vista de sua janela e a essa imagem deu o nome de *photographie*, que significa do grego (*photo=luz*) e (*graphos=escrita*), assim, torna-se evidente que foi o primeiro a utilizar essa palavra⁷.

Segundo dicionário Houaiss, fotografia significa *s.f.* 1 foto: imagem, retrato 2 fig. Representação: cópia, descrição (HOUAISS, 2013).

Joseph Nicéphore Niépce (1826), criou um processo fotográfico chamado Heliografia. Nesse processo, era utilizada uma placa de prata e coberta com um derivado de petróleo fotossensível chamado de Betume da Judéia, com exposição solar de aproximadamente oito horas. Niépce morreu antes do reconhecimento do seu invento. William Henry Fox Talbot (1835), britânico, escritor e cientista, membro do parlamento britânico, usava um processo de talbotipia ou calotipia, utilizou a câmara escura, papel sensibilizado com nitrato de prata e ácido gálico é exposição à luz por 20 minutos para produção dos seus desenhos com cópias de silhuetas de folhas.

Jean Jacques Mandé Daguerre (1839) aperfeiçoou o processo que Joseph Niépce começou e criou a Daguerreotypie - Placa de cobre revestida com prata polida; Imagem única e rara que custava horas longas de exposição. Sabe-se que:

[...] Quando os óticos e químicos do final do século XIX produziram as primeiras câmeras fotográficas, automatizaram a perspectiva geométrica, extremamente trabalhosa e dominada por poucos artistas muito treinados. Agora, quando as câmeras dos smartphones medem luminosidade, exposição, velocidade, foco e ainda clicam sozinhas quando a criança sorri, automatizou-se e tornou-se acessível a bilhões de pessoas terem fotos de seus filhos, namoradas ou passeios nos álbuns sem precisarem ser fotógrafos profissionais ou carregarem pesados equipamentos (MONTEIRO; MOTTA, 2013, p. 74).

1.4 Fotografia digital

Almeida (2021) faz considerações sobre a fotografia digital, delinea o conceito de fotografia dinâmica em Paulo Freire.

⁷ Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/a-fotografia/>. Acesso em: 07 ago. 2021.

A fotografia digital é aquela tirada com uma câmera digital, que também pode estar em um smartphone, um Ipad, um tablet, entre outros. Tal imagem gera um arquivo digital em pixels que formam uma imagem para ser lida por meio de arquivos em JPEG (Joint Photographic Experts Group), GIF (Graphics Interchange Format), PNG (Portable Network Graphics), Bitmap (um dos formatos mais simples e antigos) ou TIFF (Tagged Image File Format). Os cuidados com peso, resolução e autoria das fotografias devem ser levados em consideração, tendo em vista que são procedimentos importantes para não sobrecarregar os ambientes de aprendizagem, blogs ou redes sociais, sem perder a qualidade da fotografia (ALMEIDA, 2021, p. 82, 83).

Digital se refere a dígitos, impressões digitais, que apresentam dados de forma numérica, no que se refere à fotografia digital e o envolvimento, manejo da técnica de produzir fotografia com auxílio de um aparelho com tecnologia digital do computador, Ipod, Iphone e outros. Quando falamos de digital, nos referimos a uma forma de linguagem de comunicação de processos tecnológicos do sinal codificado.

A seguir, uma fotografia em preto e branco digitalizada, cujo título é “dedos de amor”, de Man Ray, representando as digitais da mão. Nessa perspectiva da representação, o digital deriva de digitus, representados pelos dedos das mãos, assim, apontam os pesquisadores em seu artigo.

Digital deriva de dígito, do latim *digitus*, que significa dedo (GEWEHR, 2016). Portanto, digital representa a nova fase das tecnologias da informação e comunicação, tanto pela forma de processamento e armazenamento da informação quanto pelo acesso. Através do toque ou deslizamento dos dedos na tela de diferentes equipamentos, encontra-se uma infinidade de informações e interações (FERRARINI; SAHEB; TORRES; 2019, p. 6).

Figura 9 - Dedos de amor de Man Ray



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020).

A fotografia *dedos de amor*, de Man Ray, passou por um processo de digitalização, reprodução de uma imagem convencional tirada do livro, obtida da fotografia original⁸. Nesse sentido, acrescentamos:

Imagem digital é o termo mais correto para designar o que se costuma chamar no Brasil de fotografia digital – aquela diretamente produzida por um processo digital -, para distingui-la da fotografia convencional. Como o processo ainda é muito recente, não existe ainda um consenso universal em relação à terminologia. Os americanos, por exemplo, denominam este sistema de *digital imaging*, enquanto os franceses preferem denominá-lo de *systeme numérique*, em referência ao sistema binário de codificação que constitui a base da imagem digital (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS, 2021b)⁹.

As fases novas das tecnologias da comunicação e informação vêm proporcionando habilidades com a utilização do digital e a destreza pelo gosto da fotografia digital.

⁸ Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3864/fotografia>. Acesso em: 21 jan. 2021

⁹ Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3873/imagem-digital>. Acesso em: 21 jan. 2021.

O importante fotógrafo brasileiro da atualidade, Sebastião Salgado, considerado também o guardião de memórias, é uma referência em fotografia, e traz suas considerações sobre o conceito de fotografia digital

A fotografia não mudou nada nesses últimos anos, exceto a base da fixação da imagem. Nós passamos de uma imagem fixada em um suporte de plástico para um suporte eletrônico: a fotografia digital. Mas a forma de fotografar, o resultado, a imagem, isso não mudou. O fato de as pessoas utilizarem um celular e fazerem imagens, isso não é fotografia. Isso não tem nada, absolutamente nada, a ver com a fotografia. Isso é uma linguagem de comunicação. As pessoas se comunicam por meio dessas imagens que fazem e enviam para outros. Fotografia é uma coisa tangível. Você vê, pega a fotografia, ela tem uma função de memória. A fotografia é um espelho da sociedade em que vivemos. Aqui não tem manipulação: ela é o que é¹⁰.

Sebastião Salgado, em seu depoimento, diz que passamos de um suporte de plástico para um suporte eletrônico, o da fotografia digital, considerado por ele como uma linguagem de comunicação que compartilhamos uns com os outros. E, nesse sentido da passagem da fotografia para um suporte digital, Silva traz suas considerações sobre o álbum de fotografia fixada em suporte de plástico, para o suporte eletrônico digital.

[...] O álbum de fotos de papel morreu para voltar a nascer em suas novas formas. Seu propósito social ou sua lógica de arquivos continua viva de diversas maneiras, o que justamente faz necessário e importante seu estudo, e assim, nesse aspecto, podemos ver o renascimento do álbum em sua forma digital (SILVA, 2008, p. 183).

A fotografia para Sebastião Salgado, não tem manipulação. Entretanto, vimos em outros fotógrafos como Geraldo de Barros e Man Ray que a manipulação e a criatividade, eram, por eles, recriadas na fotografia, usando técnicas a frente de seu tempo.

Hoje, utilizamos, nos aparelhos digitais, aplicativos como, por exemplo, *photoshop*, com essa finalidade de manipulação, para corrigir cor, tirar o que não gostamos, acrescentar, melhorar foco, iluminação, colocar borda, ou seja, modificar a fotografia. As imagens são manipuladas sem qualquer impedimento. Assim, pois, Silva acrescenta.

As imagens fotográficas não têm por que ser nítidas em toda a sua superfície. O controle das zonas de nitidez permite ressaltar elementos especiais da imagem que o fotógrafo queira destacar. A existência de fundos – ou primeiros planos desfocados – será justificativa para o fenômeno conhecido como ilusão de profundidade nas fotografias (SILVA, 2008, p. 106).

O digital permite manipulações com os aplicativos específicos que facilitam esse trabalho. Com programas de edição, como o *photoshop*, podemos tirar o fundo da fotografia, melhorar a nitidez, alterar as cores, entre outros. Geraldo de Barros e Man Ray eram fotógrafos

¹⁰ Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13909_GUARDIAO+DE+MEMORIAS. Acesso em: 11 jan. 2022.

e artistas à frente de sua época, nem sonhavam com essa possibilidade no digital e faziam todas essas manipulações em suas fotografias. Hoje encontramos nos aplicativos as técnicas utilizadas por esses grandes profissionais.

As técnicas digitais aparecem substituindo o álbum de fotos, a esse respeito Silva (2008, p. 177) acrescenta:

Em seu lugar, aparecem as técnicas digitais em diferentes e variados formatos, desde arquivos de computador e DVDs a memórias estendidas, e em seu sentido mais amplo, por meio do uso das várias redes sociais que circulam pela Web com uma infinidade de opções, de acordo com os conhecimentos dos que mexem com os programas. Então as fotos já não são jogadas em uma caixa nem coladas em um álbum, mas armazenadas em memórias virtuais e apenas eventualmente impressas em papel.

O autor acima traz a discussão sobre o tipo de arquivamento das fotografias do álbum analógico para o digital como possibilidade eventual para arquivar as nossas memórias. Assim, a base de suporte da fotografia mudou e os modos de arquivamento também, como disse Sebastião Salgado, passou de uma base de plástico para um suporte eletrônico o digital, sobre isso ele afirma: “Não fiz nada além de mudar de suporte ao passar do filme para o digital. Minha linguagem continua a mesma. A grande diferença é a qualidade da impressão, mil vezes melhor” (SALGADO, 2014, p. 118).

O processo analógico químico que dava origem à imagem foi substituído por registro numérico, que advém da realidade virtual de 0 e 1, para assim dar origem à imagem digital, assim, Salgado (2014), nos faz refletir que com o digital a poluição ao meio ambiente diminuiu com as impressoras a jato de tinta.

Hoje, sem precisar carregar pesados equipamentos, o digital é um procedimento técnico utilizado por fotógrafos como Sebastião Salgado, para captura da realidade, da cultura, da destruição, da beleza e, de certa maneira, inventariar e denunciar as mazelas que nós, seres humanos, temos feito com a natureza, ele mostra as fotografias que retratam a realidade.

Encontramos no texto abaixo depoimento da curadora e arquiteta Lélia Salgado, referindo-se às fotografias da exposição Mina de Ouro Serra Pelada, sobre sua curadoria, promovida pelo Sesc Paulista no período de 17.07 a 03.11.2019.

Lélia Wanick Salgado: Olha, o meu trabalho e de todos os curadores é um trabalho que eu acho muito importante. Eu gosto muito do que eu faço. Eu me intero da história, sabe? Me interessa muito. Mas eu tenho uma sorte de ter um marido, que é um bom fotógrafo, e como a gente trabalha juntos é uma simbiose em relação ao trabalho, em relação aos temas escolhidos, entende?

Sebastião Salgado: A Lélia é arquiteta, a Lélia estava fazendo, escola de arquitetura na escola de belas artes em Paris, tinha uma unidade de arquitetura e ela precisou de uma câmara para fazer fotografias. Nós estávamos de férias, isso foi no mês de julho de 1970, na fronteira da França até a suíça. Fomos até a suíça que é o local que você comprava as câmeras mais em conta na época. Nós compramos uma câmara chamada,

açaí pentax, compramos para Lélia e a primeira fotografia que eu fiz na minha vida foi um retrato da Lélia sentada em numa janela, eu lembro perfeitamente o momento que eu fiz essa fotografia, e eu lembro os momentos que seguiram depois com essa câmera, lá ainda de férias, eu saía, eu tinha possibilidade de fixar a imagem, tudo aquilo, que eu via, assim que eu sentia de uma beleza extrema e podia transforma em imagem. Para mim era uma mágica, uma mágica total quando eu revelava e via a imagem aparecer.

Lélia Wanick Salgado: O fotógrafo tem uma coisa emocional, ele foi lá, sentiu o cheiro, conversou com as pessoas, viveu aquele tempo que ele passou lá com as pessoas, então, tem uma coisa muito emocional. Eu acho que é muito bom ter uma pessoa pra ajudar, que a gente chama de curador. A pessoa vem te ajudar, né? A pessoa vem te ajudar a olhar a escolher e a colocar juntos.

Sebastião Salgado: Eu só faço história, só faço projetos que eu tenho uma grande identificação com ela, pra mim poder conseguir ter uma permanência no tempo, porque se eu fizer histórias que eu não tenha identificação, eu não vou conseguir viver nelas, então eu vejo as histórias que são as minhas, na minha vida inteira eu não fiz muitas, eu fiz seis ou sete histórias, mas todas as histórias que me tomaram mais de cinco anos para realizar que são compostas de fragmentos, mas fragmentos que compõem uma unidade.

Lélia Wanick Salgado: Evidentemente que eu tenho a minha narrativa, eu só posso trabalhar dentro do que eu penso, do que ne é dado de pensar com a minha cabeça com a minha vivência? Agora, de toda maneira, o público, o público é muito importante, porque o público tem, quantas coisas que eu leio nos cadernos? Das exposições, as pessoas que vêm, e que dão assim, testemunho de coisas que eles viram e sentiram, entende? Com algumas fotos ou com um conjunto das fotos, eles sentiram coisas que realmente no cotidiano, eles não veem, então, é muito interessante. Quando a gente vai fazer uma curadoria, fazer uma coisa o mais aberto possível, para você dar exatamente essa possibilidade das pessoas entrarem, verem e assimilarem. Eu gosto, de fotografia que é retrata a realidade, sabe? Essa é a fotografia que me toca, que eu olho e que eu sinto, que eu tenho vontade de compreender o que está acontecendo, entende? Essa é a fotografia pra mim essa é a fotografia. Uma fotografia como essa assim, se você tivesse um bando de outras coisas você não veria aquele movimento dessa pessoa que tá aí. Aí você vê a dificuldade que ele tem de descer esse morro todo, ele está se segurando, então, se tivesse muitas outras coisas ali, eu não veria isso, veja a composição é muito importante, pra você sentir fotografia e deixar-la entrar em você¹¹.

Assim, a pesquisadora, na mesma linha de pensamento da curadora Lélia Salgado, descobriu o gosto pela foto que retrata a realidade, e através, do conjunto de fatos representados pela fotografia, procura desvelar a realidade retratada na fotografia dinâmica, o visto e o não visto. Procura-se, nesta pesquisa, ir além dos suportes em que se apoiam as imagens para vislumbrar as intenções e ocasionalidades produzidas pelo momento mágico ou inócuo de um clique.

Compreender as fotografias que tiramos e outras imagens que observamos que voltam sempre ao mesmo ponto como, por exemplo, do rio Tietê em São Paulo, da poluição e as consequências em épocas de fortes chuvas na cidade, com os alagamentos de ruas, das casas que ficam nas margens dos rios e trazem doenças que afetam a saúde das pessoas da população (FREIRE, 2011a). Isso acontece porque nós, seres humanos, destruimos a natureza, não

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BRJpiQanVg>. Acesso em: 07 set. 2021.

repomos o que tiramos, os recursos naturais, e vamos deixando o nosso rastro de destruição no Planeta.

Os anos da segunda década do século XXI nos mostraram tal acúmulo de consequências da ação do homem sobre a natureza e, ao olharmos para esses fenômenos, estabelecemos uma relação significativa. Flusser, assim, caracteriza o momento, embora quatro décadas antes:

Desse modo, o olhar vai estabelecendo relações significativas. O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis.

O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens *eternalizam* eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialética interna da imagem, própria a toda mediação, nela se manifesta de forma incomparável. Imagens são mediações entre homem e mundo (FLUSSER, 1985, p. 7).

Os homens se conhecem e se passam a conhecer mediados por imagens que passam de um, território a outro, do analógico para o digital. Trata-se, portanto, a nosso ver, não de uma moda, mas de um modo. O digital, por meio de codificações técnicas ou de práticas antigas, vem sendo, a cada momento, recriado. Assim, vai potencializando o trabalho de todos os setores na sociedade, até mesmo o da Educação.

O trabalho, aqui desenvolvido, quer mostrar o potencial da fotografia digital na construção de narrativas, na exposição de acontecimentos, individuais e coletivos, estruturar o pensamento dos acontecimentos na construção da identidade do educador, e assim, as narrativas configuram-se como *janela* da mente dos autores (ALMEIDA, M. 2016), para ressignificar as experiências e mudar as práticas educativas.

Nesta perspectiva, pretende-se construir uma narrativa, leitura através da fotografia no contexto no qual estamos inseridos e construir conhecimento de quem somos como cidadão, comprometidos com as questões do currículo escolar.

CAPÍTULO II

2 MEMÓRIA, ALFABETIZAÇÃO E O CURRÍCULO

2.1 A memória

Mnemosine ou Mnemósine

Mnemosine ou Mnemósine (em grego: Μνημοσύνη, transl.: Mnēmosýnē), era uma titânide que personificava a memória na mitologia grega.

A palavra "mnemônico" é derivada da palavra grega antiga μνημονικός (mnēmonikos), que significa "memória ou relacionada à memória" e está relacionada a Mnemósine ("lembrança"). Ambas as palavras são derivadas de μνήμη (mnēmē), "lembrança, memória".

Mnemósine era filha de Urano e Gaia. Mnemosine uniu-se com seu sobrinho Zeus, que se apresentou a ela sob o disfarce de um pastor. Eles ficaram juntos por nove noites consecutivas nas montanhas Pieria e depois de um ano, Mnemosine deu à luz as nove musas, que nasceram em um nascimento múltiplo:

Diodoro Sículo escreveu que foi ela quem descobriu o poder da memória e que ela deu nomes a muitos dos objetos e conceitos usados para fazer os mortais se entenderem enquanto conversavam¹².

Depois da morte de Jorge Floyd em 2020¹³, nos Estados Unidos, em Minneapolis, apareceram movimentos destruindo as imagens, estátuas de homens brancos que se destacaram pelos seus serviços prestados ao Estado, como por exemplo, o de escravizar e perseguir negros e povos indígenas.

Em 24 de Julho de 2021, na Cidade de São Paulo, a estátua do Borba Gato¹⁴, localizada na zona sul da capital, foi incendiada¹⁵. Diante desses fatos, perguntamos: Como recuperar a memória de fatos sombrios? As imagens devem estar no museu ou em espaços públicos?

¹² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mnemosine#cite_note-Higino_F%C3%A1bulas._pref%C3%A1cio-9. Acesso em 17 jan. 2022.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/derrubada-de-estatuas-vandalismo-ou-reparacao-historica/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49604&keyword=estatuas%2CBorba%2CGato&anchor=6438433&origem=busca&originURL=&pd=25348f3a6ed3f528d58e814e6996488a>. Acesso em: 08 ago. 2021.

Para que serve a memória? A fotografia é uma memória? As lembranças de fatos históricos são guardadas através da oralidade ou da memória.

Nesta perspectiva, a memória é importante para que a sociedade se lembre de fatos históricos através das fotografias, dos relatos, dos fatos que antes eram passados oralmente para os familiares e os grupos sociais.

Buscamos em Cosenza e Guerra (2011), conceito para entender como funciona o cérebro humano, a parte física, onde funciona o sistema nervoso que permite o desenvolvimento do sistema cognitivo, emocional e social do indivíduo. Assim, promover e planejar atividades didáticas com o uso da fotografia digital para potencializar a memória é assim, construir nossa identidade individual e coletiva.

O cérebro, como sabemos, é a parte mais importante do nosso sistema nervoso, pois é através dele tomamos consciência das informações que chegam pelos órgãos dos sentidos e processamos essas informações, comparando-as com nossas vivências e expectativas. É dela também que emanam as respostas voluntárias ou involuntárias, que fazem com que o corpo, eventualmente, atue sobre o ambiente (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 11).

Entretanto, para atuar no ambiente, no cotidiano, recheado de lembranças de acontecimentos, podemos recordar o passado, fazer uma associação com o tempo presente e assim, projetar um futuro.

Um futuro sem memória é difícil de ser projetado. Portanto, a memória é o ponto de partida para a ação no mundo, ressignificar e transformar e, através do pensamento e da aprendizagem, modifica nossas práticas.

As memórias nos fazem lembrar da nossa família, da nossa infância, das brincadeiras, dos brinquedos preferidos, das roupas que vestíamos aos domingos, dos templos religiosos, das praças, dos primeiros dias na escola, o que aprendemos com os nossos melhores amigos, com os professores, com o primeiro amor. Ao fazer isso, nos recordamos, também, da atmosfera dos acontecimentos. Os cenários, os sons, os cheiros, o ambiente social, o momento do dia, as conversas o clima emocional da época. Sobre essas percepções, Oliveira (2010, p. 75) nos ajuda a pensar,

A mediação simbólica e a origem sociocultural dos processos psicológicos superiores são pressupostos fundamentais para explicar o funcionamento da percepção. A visão humana, por exemplo, está organizada para perceber luz, que revelará pontos, linhas, cores, movimentos, profundidade; a audição permite a percepção de sons em diferentes timbres, alturas e intensidades; o tato permite perceber pressão, temperatura, textura. Os limites dessas e das demais sensações são definidos pelas características do aparato perceptivo da espécie humana.

Aqui destacamos o aparato perceptivo do objeto de pesquisa, a fotografia dinâmica em Freire para auxiliar na construção da nossa identidade individual e coletiva, e analisar o quanto

aprendemos com cada uma das situações que vivenciamos. Então, perceber que podemos contarmos nossa narrativa através das fotografias. Destarte, os professores podem compreender a necessidade de contemplar esse artefato nos seus métodos de ensino.

Trazemos à memória métodos de ensino que foram relevantes em determinada época. Agora, no século XXI, outros métodos se fazem necessários para atender essa geração digitalizada. Entretanto, trabalhar na perspectiva da fotografia dinâmica em Freire, potencializa os processos de aprendizagem, utilizando a memória para construção de conhecimento.

Assim, temos esperança em novas configurações de salas de aula e métodos de ensino para que o aluno possa construir conhecimento, com gestores, professores e comunidade, atentos a um currículo escolar, vivo e dinâmico, voltado para uma pedagogia que possa utilizar a fotografia como instrumento para que o aprendiz possa desenvolver habilidades e melhorar a cognição e adquirir conhecimento de si e do mundo ao seu redor.

Encontramos no dicionário de Filosofia Nicolas Abbagnano (2012) significados para caracterizar a palavra desenvolvimento: *movimento em direção ao melhor*, embora essa noção tenha precedentes no conceito aristotélico de movimento como passagem da potência ao ato ou explicação do que está implícito, seu significado otimista é peculiar à filosofia do século XIX e está estritamente ligado ao conceito de progresso. Seu sinônimo mais próximo é evolução, mas esse último termo é mais frequentemente usado para indicar o Desenvolvimento biológico ou um Desenvolvimento cósmico, cujas raízes e analogias estão no desenvolvimento biológico.

O desenvolvimento biológico está ligado ao crescimento físico do corpo, do organismo, do intelecto a base psicológica do funcionamento do ser humano.

O ser humano como um ser histórico, vai se desenvolvendo conforme as mudanças em seu meio social e cultural. Os seres humanos desenvolvem muitas formas de utilização de signos. Entretanto, nessa pesquisa optamos por potencializar os signos trazidos pelos aprendizes através da fotografia, buscar na memória, os eventos, os registros digitais eternizados pelas imagens no tempo.

A perspectiva de planejar atividades com registros fotográficos potencializa a memória, mediada por signos, além de reconstruir a formação da identidade do indivíduo. Assim, transformar esse processo em um caminho possível para construção de conhecimento de si e do outro.

Através da memória orientada, lembrar a construção do seu desenvolvimento ao longo da vida, sobre nossas experiências. Neste sentido, Boaventura de Sousa Santos (2018, p. 297) acrescenta: “[...] Então tudo o que é fundamental está profundamente enraizado na experiência,

nas memórias, nos universos simbólicos de dada entidade ou comunidade. Por isso, podemos dizer que o que é fundamental corresponde às raízes dessa sociedade”.

Quem representa as raízes dessa sociedade? Quem pode, de forma interdisciplinar através da mediação e da articulação, planejar processos de aprendizagem para que os alunos possam adquirir conhecimento de si e do outro?

Destarte, para o aprendiz elaborar sua memória orientada pela percepção dos signos das lembranças que a fotografia nos traz, apoiando-se em representações mentais trazidas por meio da memória interna que são construídas por meio biológico e pelo histórico social, é necessário a mediação e intervenção do professor. Através da mediação, o professor cria uma série de atividades e processos de aprendizagem para que seus alunos possam aprender de forma plena, e assim transformar suas práticas e agir no mundo. A esse respeito, Oliveira (2010, p. 81) acrescenta conceito de aprendizagem,

O aprendizado nessa concepção, é o processo fundamental para construção do ser humano. O desenvolvimento da espécie humana e do indivíduo dessa espécie está, pois, baseado no aprendizado que, para Vygotsky, sempre envolve a interferência, direta ou indireta, de outros indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados.

Cosenza e Guerra (2011, p. 38) nos trazem um resumo do conceito de aprendizagem do ponto de vista neurobiológico:

Resumindo, do ponto de vista neurobiológico a aprendizagem se traduz pela formação e consolidação das ligações entre as células nervosas. É fruto de modificações químicas e estrutura no sistema nervoso de cada um, que exigem energia e tempo para se manifestar. Professores podem facilitar o processo, mas, em última análise, a aprendizagem é um fenômeno individual e privado e vai obedecer às circunstâncias históricas de cada um de nós.

Nesta perspectiva, pesquisamos a possibilidade do professor construir conhecimento através de suas narrativas de vida e desenvolver processos de aprendizagem tanto individual quanto coletivo para o seu aluno.

Desse modo, utilizar a fotografia como um instrumento da cultura digital, a ser inserida nos projetos escolares e nos projetos de formação de professores como mediador de construção do conhecimento do próprio educador, assim como da sua análise de como o conhecimento e a busca dos significados acontecem, seja para ele seja para seus alunos.

Na sequência, refletiremos sobre as questões contemporâneas que se referem às tecnologias na Educação e às normativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cujo objetivo é orientar a construção do currículo escolar. Nesta perspectiva de orientação do currículo, a BNCC traz normativas de promoção da cultura digital nas escolas para o

desenvolvimento de competências e habilidades e assim, planejar processos de aprendizagem com o uso da fotografia dialógica em Freire.

2.2 A questão das tecnologias na educação

No grego, o sentido de técnica (techné) era inseparável de epistémé e *poiésis*. Epistémé denota conhecimento, o verdadeiro conhecimento das causas que são necessariamente verdadeiras, em contraste com a opinião que é o conhecimento contingente. Assim, a epistémé envolve a mistura entre ciência e sabere pressupõe o esforço racional para substituir a mera opinião. A epistémé se divide em práxis (ação), *techné* e teoria. Techné refere-se à habilidade, à arte de produzir, no sentido de método exigido para a produção de um artefato, de um objeto, ou seja, o saber fazer. Para os gregos, a teché significava não apenas as atividades e competências do artesão, mas também as artes da mente e as belas-artes. Por isso, estava indissolúvelmente ligada à poiésis, essência do agir, o fazer com criação, dar forma, aquilo que dá sentido ao fazer, ou seja, o sentido último da techné que é transfigurada pela poiésis (SANTAELLA, 2012, p. 70).

Tomando como referência as afirmações de Santaella (2021), entramos na unidade 2.2 trazendo os conceitos básicos dos múltiplos sentidos do conceito de tecnologias registrados no dicionário de Filosofia (in Technic; fr. Technique; al. Technik; it. Tecnica). O sentido geral do termo técnica coincide com o sentido de arte. Compreende qualquer conjunto de regras aptas a dirigir de maneira eficaz de realizar uma atividade qualquer. Nesse sentido, Técnica não se distingue de arte, de ciência, nem de processos ou operações capazes de produzir um efeito qualquer: seu campo estende-se tanto quanto o de todas as atividades humanas (ABBAGNANO, 2012, p. 1106).

Para irmos adiante na compreensão do sentido das tecnologias, trazemos o conceito de técnica e tecnologia do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (2005, p. 137) nos traz o pensamento do filósofo Aristóteles na sua reflexão sobre a ação do homem, segundo ele: “a técnica, techne, representada em latim pelo termo *ars*, é o conceito do trabalho sem matéria”. Isto é, a técnica nada mais é que o trabalho filosófico do pensamento inerente ao homem biológico e histórico.

De acordo com Vieira Pinto (2005, p. 220), existem diversos sentidos para o termo tecnologia como epistemologia da técnica, entretanto, destacamos uma dessas acepções: a “tecnologia” pode ser *entendida como o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento*”.

Assim, pode-se compreender que a tecnologia é a reunião de artefatos técnicos utilizado por uma sociedade no seu período de desenvolvimento histórico. Sobre as técnica e tecnologias Santaella (2012, p. 71) esclarece,

No que diz respeito à distinção entre técnica e tecnologia, enquanto a primeira se caracteriza por habilidades que são introjetadas pelo indivíduo, a tecnologia envolve um dispositivo, aparelho ou máquina que é capaz de encarnar, fora do corpo humano, um saber técnico, um conhecimento científico acerca das habilidades técnicas específicas.

Como a escola tem se orientado para utilizar esses artefatos e essas tecnologias dentro do seu currículo? As normativas que a BNCC traz são suficientes para refletir sobre a necessidade de utilização das tecnologias?

A BNCC apresenta orientações com caráter normativo que definem um conjunto de aprendizagem essenciais para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Assim, como a BNCC, existem outras normativas que orientam a formação de um currículo escolar, a saber: Constituição Federal de 1988; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN); os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Então, neste trabalho optamos por trazer as orientações da BNCC para ajudar a olhar a construção do currículo escolar com base na cultura digital, dentro da qual pode-se entender mais claramente o sentido da fotografia digital. Segundo a Prof.^a Dra. Regina dos Passos, em uma palestra para o canal Laboratório Digital, no dia 10 jul. 2021: *“Antes tínhamos um currículo focado na questão do conteúdo, nós temos a necessidade de ampliar, porque esse currículo não responde às necessidades atuais que nós temos”*¹⁶. Mas quais seriam essas necessidades atuais? Trazer a cultura digital pra dentro do currículo escolar?

Aqui fazemos um recorte para entender o que a Base (BNCC) traz sobre as orientações no trabalho com as tecnologias. Encontram-se nela as dez competências gerais e, dentre estas, destacam-se seis as quais trazem orientações e fundamentações para a escola e os professores utilizarem, valorizar a cultura digital as tecnologias como linguagem oral ou visual, na resolução de problema, de forma crítica e reflexiva. Conforme segue, destacam-se as seguintes recomendações dispostas nos itens: 1; 2; 4; 5 e 6.

1 - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultura digital para entender e explicitar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2 - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

4 - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações,

¹⁶ Disponível em: <https://youtu.be/1NFjZEhUepc>. Acesso em: 12 jul. 2021.

experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5 - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6 - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2017, p. 7).

Diante dessas competências referentes na BNCC, evidencia-se a primeira, que chama a atenção para a cultura digital e potencializa a utilização da fotografia digital, como linguagem visual, para construção da identidade do educador.

Então, as escolas e os professores, ao reverem o Projeto Político Pedagógico (PPP) das suas instituições de ensino podem tornar possível a utilização da fotografia dinâmica em Freire como instrumento didático, revendo o planejamento escolar para trazer a cultura digital para dentro da escola. Assim, tendo em vista essa revisão do PPP, com base na BNCC, o grupo de professores pode analisar se as imagens são fonte de conhecimento ou não, se podem contribuir para construção de identidade e assim, auxiliar na construção de projeto de vida dos alunos.

As imagens e as pinturas são consideradas tecnologias, como o fogo, as pedras a costura, o bordado¹⁷, e a caça de alimentos que eram utilizados por nossos ancestrais. O homem desenha muito antes mesmo de saber falar, portanto as imagens são um meio de comunicação, socialização e troca de informação pelo qual adquirimos o conhecimento.

O trabalho com imagem na cultura digital apresenta um potencial para democratizar o ensino e diminuir as desigualdades sociais existentes, no que se refere ao conhecimento. Embora saibamos que o acesso às tecnologias digitais não é igual para todos. Fernando Almeida (2009) nos diz que as tecnologias não nasceram para democratizar e o seu crescimento foi no contexto de guerra, para armazenar informações, realizações de cálculos e contribuir para transmissão de dados com seus aparelhos miniaturizados para vigiar o inimigo e concentração de autoridade e poder.

Nesta perspectiva de inclusão dos processos tecnológicos como parte estruturante dos sistemas democráticos, mesmo que a tecnologia não tenha nascido com esse objetivo, como bem observou Almeida (2009), a educação cumpre papel relevante.

¹⁷ Disponível em: <https://www.sites.google.com/site/bordadosuniversal/a-historia-do-bordado>. Acesso em: 28 jul. 2021.

Ativista dos Direitos Humanos, Santos (2018, p. 304) também nos ajuda a refletir sobre o conceito de democracia e sobre suas variadas concepções, nos dizendo que:

Uma democracia só se sustenta se houver uma forte classe média, porque ela funciona como um tampão que separa os muito pobres dos muito ricos. A classe média sustenta a estabilidade democrática, pois a democracia é um sistema político instável por natureza, porque assenta na soberania do povo, da maioria.

A maioria do povo sem os direitos básicos de cidadania durante a pandemia que assolou o mundo no ano de 2020 e 2021, a maioria dos alunos sem acesso a internet eles não puderam exercer seus direitos de cidadania, continuar seus estudos, por não terem condições de conexão com a comunidade escolar e com os professores.

Em uma conversa com o coletivo República do Amanhã o economista Ricardo Henriques (2020)¹⁸ debate as desigualdades causadas pela pandemia e as políticas sociais para a maioria da população brasileira, e afirma que são grandes as dificuldades de continuar os estudos no modelo remoto. Também menciona questões como a baixa qualificação dos empregos, as baixas escolaridades, as desigualdades educacionais existentes e a necessidade urgente de uma Educação de qualidade para todos.

O economista apresenta dados entre a escola pública e privada se referindo a conectividade e diz que: as diferenças tendem a aumentar, os 10% mais ricos tem 95% de conectividade e os 40% mais pobres não tem 50% de conectividade dados que ficaram visíveis durante a pandemia.

Os dados da Cetic.br (2020)¹⁹ apresentam os resultados da pesquisa com as dificuldades dos usuários com faixa etária entre 16 anos ou mais. O aparelho mais utilizado durante a pandemia para o acesso as atividades no ensino remoto foi o telefone celular. As dificuldades apresentadas pela pesquisa mostram que a baixa conectividade com a internet e a falta de estímulo para continuar os estudos, foram os maiores problemas encontrados, durante a pandemia. Os dados apresentados mostram a desigualdade encontrada no País,

Os dispositivos utilizados para atividades de ensino remoto e teletrabalho revelam as desigualdades digitais existentes no país. Dentre os usuários de Internet com 16 anos ou mais que frequentavam escola ou universidade, o telefone celular foi utilizado com maior frequência para o acompanhamento de aulas ou atividades remotas pela maioria daqueles das classes DE (54%), enquanto o uso predominante de computador (notebook, computador de mesa e tablet) era maior nas classes AB (66%). Para atividades profissionais, enquanto 84% dos usuários das classes DE que realizaram trabalho remoto durante a pandemia utilizaram principalmente o celular, 77% daqueles das classes AB utilizaram computador com mais frequência. As disparidades

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F766LRT2Zzw>. Acesso em: 11 abr. 2021.

¹⁹ Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel_tic_covid19_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

no acesso aos dispositivos adequados podem indicar assim um aproveitamento diferente de oportunidades oferecidas pelas TIC (CETIC.BR, 2020, p. 23).

Diante desses dados, torna-se evidente a necessidade de uma política governamental para que todos possam ter aparelhos adequados e conexão de qualidade. É um direito de cidadania ter acesso aos meios digitais, pois se tornou uma necessidade básica. O que é ser cidadão no Brasil? É ter uma boa conectividade e usufruir dos benefícios da internet? E ter uma identidade digital? E poder fazer uma inscrição para receber o auxílio emergencial?

Para Santos (2018, p. 252), “*o cidadão é alguém que tem uma âncora, uma proteção do próprio Estado, a proteção do direito*”. Nesta perspectiva, o cidadão tem direito garantido pelo Estado de uma boa conectividade para dar continuidade aos direitos básicos na Educação contemporânea.

A relação das pesquisas acima com a finalidades de nossa tese é a de que os acessos a bandas adequadas de dados para o uso de fotografias, passa por políticas e financiamentos de conectividade para a escolas públicas, os alunos e as suas famílias.

Assim como a conectividade é um direito básico para o aprendiz continuar os estudos, outras dinâmicas, outras necessidades de letramento vêm surgindo nos dias de hoje. A imagem digital na sociedade contemporânea ocupa um espaço importante de consumo, pois crianças e jovens nessa geração digital estão, a todo momento expostos, às imagens. Essas imagens permitem o compartilhamento, rapidamente, com o grupo de estudo, a família e com os amigos, com disse Sebastião Salgado, com o outro.

Compartilhamos pensamento, fotos, mostrando nossa vida cotidiana, tudo lindo maravilhoso, dicas e receitas, vídeos, a moda e outros assuntos, assim, nos projetamos e mostramos as nossas máscaras. Nesse sentido, Silva (2008) observa como a imagem afeta a dimensão da cultura da estética e como as nossas representações afetam nossa objetividade como os desejos subjetivos de projeção da nossa pose.

De qualquer maneira, o que era objeto efetivo tornou-se imagem, e esta tem acesso à dimensão (cultural), estética: a ordem da forma, do agrado ou da rejeição, a ordem da beleza. Mas essa fotografia original, colocada em circulação social entre amigos, no jornal ou em outro meio, exigira novas operações cênicas. A rigor, cada um tornará a representá-la, a produzir máscaras. Fara isso tanto com razão e a objetividade quanto com paixão e seus próprios desejos (SILVA, 2008, p. 110).

Assim, diante dessas operações cênicas que produzimos, fruto da nossa subjetividade, tendo em vista que a escola é um espaço para educar, para construção de cidadania, por que não dialogar e refletir a respeito do controle social que as tecnologias vêm exercendo sobre os nossos corpos e as subjetividades? Por que não dialogar e trazer essas reflexões para espaços democráticos como a escola?

Então, diante desse fenômeno, como proporcionar uma formação integral do educador para o mundo da ética, da cultura, e memória da sua identidade?

A esse respeito, Monteiro e Motta (2013), acrescentam que a identidade não é herdada, mas construída culturalmente. A identidade não está pré-determinada. Os sujeitos têm como melhorar e trabalhar para transformar sua herança identitária por meios de processos de socialização que terá acesso nos diversos espaços sociais que possam frequentar.

Os chamados nativos digitais, geralmente sem memórias consolidadas, são frequentadores ingênuos das mídias digitais. O design, as interfaces encantadoras e imersivas, têm manipulado as identidades dos jovens, para criar dependência, de tal forma que essa geração, não consegue mudar a direção do olhar para outro território, outros espaços sociais. Esses jovens são aqueles que desconhecem como era a vida antes do capitalismo de vigilância²⁰.

Diante dessas observações, também nos perguntamos como fazer para orientar essas gerações digitais com base nas competências do educador de: habilidade; atitudes; emoções e valores, utilizando a imagem digital? Embora a escola e seu sistema não sejam os únicos responsáveis pela formação geral da cidadania dos jovens tal sistema educativo-curricular cumpre papel central na construção de pautas dos valores da sociedade.

Os jovens nascidos na cultura digital aprendem de diferentes formas como aprendíamos. Eles fazem muitas coisas ao mesmo tempo e estão imersos nas mídias digitais. Desse modo, produzem e transmitem conhecimento nas interações com ao outro, através de vídeos, áudios, animações e imagens.

A Educação deve dar conta de trabalhar com algumas dimensões para alcançar a totalidade do educador, entre elas destacamos a memória, por exemplo, e através das reminiscências podemos relembrar o passado e ressignificar o presente e dessa maneira recriá-lo.

Refletir sobre o passado é articular para compreender o presente e poder intervir. A memória é como uma rede que vai tecendo as nossas narrativas e dando significado à vida e

²⁰ “O capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais. Embora alguns desses dados sejam aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, o restante é declarado como superávit *comportamental* do proprietário, alimentando avançados processos de fabricação conhecido como “inteligência de máquina” e manufatura de produtos de predição que antecipam o que é um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco ou mais tarde. Por fim, esses produtos de predições são comercializados num novo tipo de mercado para predições comportamentais que chamo de *mercados de comportamentos futuros*. Os capitalistas de vigilância têm acumulado uma riqueza enorme a partir dessas operações comerciais, uma vez que muitas companhias estão avidas para apostar no nosso comportamento futuro” (ZUBOFF, 2020, p. 18-19).

aos conteúdos escolares. É um fio condutor que constitui a nossa identidade, tanto individual quanto coletiva.

No entanto, sabemos que para se trabalhar com as imagens digitais é preciso uma boa gestão e política contempladas nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas. Essas políticas também devem contemplar a formação continuada dos professores, também nessa área.

Por fim, aqui propomos um recorte para abrir espaço para refletir sobre a integração das imagens digitais no currículo escolar. A escola contemporânea passa por mudanças profundas e transformações no modo de ensinar na cultura digital.

Assim, cabe à escola organizar um currículo com práticas educativas que atendem as memórias dos sujeitos, suas narrativas de forma objetiva, voltadas para a subjetividade do aprendiz, em especial nesse momento histórico de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Desenhar modelos educativos que sejam favoráveis às expectativas do tempo presente para preservação das nossas memórias, com práticas sociais mais justas.

No próximo tópico, veremos conceitos de alfabetização e letramento como necessidade de desenvolver habilidades no aprendiz que possa auxiliar na leitura de mundo e com a mediação do professor e, assim, os alunos possam alcançar voos mais altos.

Podemos dizer que a codificação e decodificação da escrita e dos números é considerada um processo de alfabetização?

Há que se distinguir as nuances entre os conceitos. O letramento se refere à habilidade de refletir, interpretar textos, gráficos, fotografias e sentimentos, esse letramento acontece antes da alfabetização das letras. Portanto, o letramento é um processo cultural amplo e antecede, muitas vezes, as intervenções escolares. Neste sentido, Rojo e Moura (2012, p. 35) dizem que: *“a criança, mesmo não alfabetizada, já pode ser inserida em processos de letramento, pois ela já faz a leitura incidental de rótulos, imagens, gestos, emoções”*.

Assim, quando a criança chega ao processo escolar é essencial que o professor desenvolva, em sala, atividades que impulsionem tanto a alfabetização quanto os diferentes letramentos, que as crianças já trazem de seu universo cultural. Essa percepção, por parte dos professores, das bases culturais trazidas pelos alunos, é fundamental para que os aprendizes possam ser criadores. Desenvolve-se, assim, gradualmente a confiança dos alunos de que eles têm contribuição às construções próprias e coletivas em todas as áreas do conhecimento pelo seu saber letrado que vai do olhar, sentir, comparar, gostar, ter medo ou encantamento e, para ser um criador, se faz necessário que aprendam e sejam críticos.

Os aprendizes ao mesmo tempo em que têm o domínio dos códigos de escrita e leitura, cada um a seu modo, podem ser letrados para compreender o mundo e o contexto em que vivem. O professor tem o papel ímpar de ser um articulador, um mediador desse movimento formativo.

A esse respeito, sobre leitura de mundo, aqui chamada de letramento, o educador Paulo Freire (2011b, p. 20) escreve,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquela. Linguagem e realidade se aprendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensinar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

As experiências constituem o aprendiz, e esse, de forma dinâmica com a fotografia, por exemplo, dinâmica essa que vai dialogando com as memórias de infância, da adolescência e da mocidade, então essas lembranças colocam bases se caracterizam uma compreensão crítica do vivido, possibilitando-o à escuta desse mundo vivido e percebido nas letras, símbolos imagens e sentimentos. O passo adiante da leitura vívida do mundo é a formação, passo a passo da participação nesse mundo.

Os conceitos de alfabetização e letramento estão sendo profundamente redesenhados com a avalanche de ofertas culturais trazidas pelas TICs na vida de jovens de todas as idades. Não escapam dessa enxurrada as crianças com meses de idade que agora estão expostas não apenas à TV, mas também aos tablets, aos brinquedos eletrônicos e à telefonia celular, assim, Almeida (2009, p. 29) reflete que “o mundo digital deve ser também objeto de um novo processo de alfabetização”. Uma ação contínua que direcione o olhar para alcançar os 11 milhões de analfabetos que já existiam antes da pandemia e com o agravamento da situação sanitária, piorou²¹. Diante dessa situação, quantos brasileiros, durante a pandemia e em outras épocas, perderam suas vidas e não tiveram oportunidade de usufruir do direito básico à educação, morreram sem ter usufruído do direito de ler (ALMEIDA, 2005), e assim, as estatísticas aparentemente estão diminuindo.

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa apresentará alguns dos desafios e das problemáticas trazidas para o ingresso do mundo digital como elemento dos componentes do letramento e, por conseguinte, da própria alfabetização em sentido amplo.

²¹ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge>. Acesso em: 10 set. 2021.

Ao transformar o mundo analógico em digital, as tecnologias digitais se alastram por todos os campos e fazem nascer o desenvolvimento de novas habilidades. Exigem novos letramentos para todos. Para todas as idades, para todos os grupos sociais e indistintas culturas. A fotografia digital é um dos muitos componentes culturais que como, por exemplo, o uso de imagens fotográficas apoia e organiza para construção da identidade coletiva e individual é uma *janela* da mente dos autores (ALMEIDA, M. 2016).

A fotografia obtida por meios digitais é espalhada por seus modelos instantâneos de difusão e constituem não apenas uma forma de comunicação inexistente até o fim do século XX, mas também se consolidam, nas duas primeiras décadas do século XXI, como meio de comunicação mundial de culturas e de formação de identidades – ou de sua deformação.

Nesta perspectiva, o professor tem sua identidade acrescida de algumas novas funcionalidades. Cabe agora a ele, também, ser o mediador, o articulador e planejador de estratégias com o uso da fotografia. O que isso significa? Em que se redimensiona a sua tarefa?

A tarefa do professor mediador, articulador, passa pela compreensão de fazer uso da fotografia dinâmica em Freire. Ou seja, utilizar imagens para problematizar o cotidiano a partir de situações concretas vivida pelos aprendizes, que vão assumindo suas vozes para tomada de consciência crítica sobre a realidade de si e dos outros, utilizando a tecnologia e a fotografia digital como objeto de material de ensino, para estimular a cognição e a memória dos alunos.

Assim, para analisar e compreender como o uso da fotografia dinâmica digital pode se tornar mediador de aprendizagem e como objeto de ensino, na formação de alguns educadores, convidamos seis educadores para observar o processo de sua aprendizagem, e contar a narrativa de sua formação através das fotografias.

Os educadores olharam esse processo de formação de identidade a partir da seleção de cinco a dez fotografias e contaram suas narrativas, o processo de formação como educador.

A perspectiva desta pesquisa é que se demonstre que a construção da aprendizagem, de seu sentido e da própria identidade profissional e dos aprendizes ao longo da vida, se extraíam elementos teórico-práticos para a compreensão de novas modalidades de trabalho com letramentos fotográficos na organização do currículo.

A prospectiva da tese é trazer elementos para que educadores e professores possam explorar, futuramente, essa prática de letramento com os aprendizes.

No próximo capítulo, vamos tratar dos processos que antecederam a pesquisa e os métodos de coleta utilizados dos dados iniciais, dos sujeitos participantes, os documentos e as fotografias que costuraram suas narrativas. Assim, o método foi acompanhado por uma rigorosa análise com a supervisão do orientador da pesquisa sem expor os sujeitos pesquisados.

CAPÍTULO III

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 Metodologia e Sujeitos da pesquisa

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho narrativo, história de vidas, com participação de seis (6) participantes profissionais da Educação de diferentes áreas do conhecimento escolar. São professoras e educadores com mestrado e doutorado na área da Educação. A estrutura da pesquisa está elaborada para compreender como se desenvolveram e quais foram os fatores que contribuíram, e foram considerados importantes e fundamentos da formação e trajetórias desses profissionais.

O percurso metodológico consistiu, em um primeiro momento, nas testagens dos instrumentos de pesquisa. Para tanto, o orientador e a pesquisadora, de igual modo, fizeram a seleção de cinco a dez fotografias de suas trajetórias de vida e as analisaram cruzadamente.

Em um segundo momento, a pesquisadora entrou em contato, por e-mail, com cada uma das professoras, com o objetivo de saber se elas aceitariam participar da pesquisa. Assim, logo após a confirmação do aceite, foi enviada uma carta-convite, explicando os objetivos da pesquisa.

Na carta, observamos que se tratava de uma pesquisa qualitativa com o objetivo de analisar a fotografia como forma de recuperar, através da memória documentada, o processo de identidade da formação educadora, seja ele docente, gestor ou pesquisador ou de outra área do conhecimento ligada à Educação, como o Jornalismo, por exemplo.

Solicitamos que nos enviassem de cinco a dez fotografias²² que, em forma de narrativa, nos contassem as lembranças que vinham à memória de cada uma. O relato poderia ser feito em formato, preferencialmente, de texto. Deveriam elaborar, por exemplo, uma linha de tempo, com datas. Contar os momentos marcantes, uma viagem, as dificuldades, uma festa, as pessoas que influenciaram sua trajetória, enfim, o que fosse mais significativo nas imagens: as roupas, o cenário, os olhares, as cores ou os sentimentos aparentes. O que surgisse na imaginação.

Assim, diante desta solicitação, recebemos quatro narrativas. Duas delas, foram em formato de áudio e as outras duas em formato de texto. As professoras apresentaram as imagens e foram costurando suas lembranças através das fotografias.

²² As Fotografias foram autorizadas e devidamente assinadas pelos participantes da pesquisa para publicação.

Diante dos fatos colocados nas narrativas, buscamos extrair critérios de escolha e seleção e significativos de fatos narrados pelos sujeitos da pesquisa, e neste aspecto Chizzotti nos auxilia na análise das narrativas e diz que:

A análise do conteúdo, análise do discurso e análise de narrativas são modalidades de interpretação de textos que, apoiando-se em diferentes orientações filosóficas, propõem formas de análise fundamentadas nas diversas teorias linguísticas, na semiótica, na hermenêutica, no estruturalismo, no pós-estruturalismo, no interacionismo e na análise de conversação, a fim de se extrair significados expressos ou latentes de um texto (CHIZZOTTI, 2014, p. 113).

Assim, lemos as histórias de vida que essas professoras nos trouxeram e procuramos encontrar pontos convergentes e divergentes dos seus projetos de vida, de suas trajetórias.

Articulamos essas narrativas na perspectiva das profissionais da Educação que, através da fotografia digital, construíram suas narrativas e deram sentido ao tempo vivido para construção de sua identidade docente. Assim, podem planejar processos de construção de conhecimentos com seus aprendizes. A esse respeito, Almeida e Valente (2012, p. 64) nos dizem:

A partir da concepção de Bruner, de que a narrativa constitui uma forma de dar sentido à própria vida, à experiência e à compreensão da realidade, entendemos que também reflete a maneira como o seu produtor pensa e organiza suas ideias e conceitos. Nesse sentido, a narrativa pode ser vista como uma “janela” na mente do aprendiz, permitindo entender o nível de conhecimento, do qual ele dispõe sobre os conteúdos e temas trabalhados.

As narrativas abaixo trazem a descrição e análise das histórias de vida, contadas pelo olhar disparado pela fotografia digital²³ para a percepção da identidade dos educadores participantes da pesquisa.

A proposta metodológica inicial da pesquisa era de fazer a análise de fotos produzidas por alunos de escolas públicas da Educação Básica de São Paulo. O trabalho seria como um roteiro ampliado da dissertação de mestrado da pesquisadora, aprofundando os temas, sobre as fotos como elementos educativos e mobilizadores. A pandemia e o seu isolamento físico impediram qualquer tentativa nessa área. O tempo corria e a doença se espalhou calamitosamente.

Na mudança de planos para a captura dos dados da pesquisa se decidiu por uma mudança de sujeitos pesquisados. Foi decidido, então, que educadores, formados no programa de Pós-graduação em Educação: Currículo, trouxessem fotos de suas vidas e as analisassem a partir do olhar sobre a construção de sua identidade de educadores.

²³ Algumas dessas fotos são fotos analógicas que passaram pelo processo de digitalização.

Para dar início à formulação de demanda, foi julgado consensualmente entre orientando e orientador, que a pesquisadora passasse pelo mesmo processo de vivência de escolha de fotos e de sua análise. O tema: a nossa formação de educadora e educador.

Assim, seria validado o modelo de captura de dados, a clareza da proposta, a validade da amostra e os conteúdos das análises. Para a partir daí seriam feitos os convites aos sujeitos pesquisados.

Mas pareceu coerente que o orientador passasse pela experiência de escolher fotos de sua história de vida, copiá-las digitalmente e fazer, ele também, o processo de descrição dos elementos de significação contidos nas unidades de imagens escolhidas.

Assim foi feito. A autora da pesquisa e seu orientador fizeram o exercício reflexivo da escolha, da análise e da apresentação em forma de um texto-comentário abaixo de cada foto.

As análises foram escritas a partir das fotos escolhidas e dos relatos feitos.

O passo seguinte foi feito pelo orientador que comentou as fotos e relatos da pesquisadora e, vice-versa, a pesquisadora, a partir do texto produzido pelo orientador, comentou-o à luz das teorias trazidas e dos temas propostos²⁴.

3.2 Professora “Guadalupe”²⁵

*[...] A fotografia é, ao mesmo tempo, uma forma de expressão
é um meio de informação e comunicação a partir do real e,
portanto, um documento da vida histórica.*

Boris Kossoy

A memória da professora Guadalupe (nome fictício) está povoada de lembranças que remetem à trajetória docente. Com apenas quatro fotografias emblemáticas, ela nos brinda com a reconstrução do seu projeto de vida, relembando as alegrias e aflições diante dos registros das imagens. Guadalupe, ao revisitar suas memórias, lembra-se da noite da sua formatura. Não era uma noite comum. A noite aparece para ela como um fundo simbólico em que se concretiza a realização de um sonho. De um longo e desejado projeto de vida que começou na infância, na “Escola Rural Retiro”, na antiga casa de farinha, num lugar pequeno do interior da Bahia.

²⁴ A proposta elaborada pela pesquisadora e seu orientador foi planejada meramente como um ensaio para clareza da abordagem e criação do roteiro para os sujeitos pesquisados. No entanto, no momento do exame de qualificação a banca propôs que os relatos dos dois fizessem parte do próprio texto da tese, uma vez que a construção do exercício se constituiu como um momento chave da metodologia e seus conteúdos podem fazer parte dos objetivos da tese. Sendo assim, foi decidida a anexação dos dois trabalhos como parte integrante da pesquisa.

²⁵ O nome professora “Guadalupe” foi escolhido aleatoriamente, assim como de todas as outras, para não identificar a entrevistada por seu nome próprio.

Foto 1 - Club Homs na Bela Vista



Fonte: Arquivo pessoal professora Guadalupe (1999).

Na área rural, devido à falta de estrutura, alguns espaços são improvisados como escola para receber os alunos, mas, neste improvisado se coloca muita dedicação e esperança para que o aluno seja alfabetizado, não somente na aquisição dos códigos da escrita e leitura, mas para leitura de mundo.

Guadalupe estava se formando no Magistério pelo extinto Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam)²⁶. O Cefam representou um período

²⁶ Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam) foi um centro de formação do magistério que surgiu para substituir os antigos magistérios e os normais, tinha uma visão diferenciada sobre a formação educacional. O curso funcionava em período integral, com duração de quatro anos em vários municípios do estado de São Paulo. Para ingressar era necessário superar um exame (vestibulinho) e uma entrevista, os candidatos aprovados, além de ter uma formação profissional, recebiam uma bolsa de estudos no valor de um salário mínimo. Este projeto foi extinto em 2005. Disponível em:

importante, marcado pelo incentivo ao pensamento crítico em relação ao mundo. Guadalupe reforça, na busca de compreensão da sua história, o fechamento do Cefam, uma vez que cumpriu para ela algo relevante na formação profissional e visão de mundo. Uma forma de angústia.

Nesse contexto da fotografia, a professora traz as lembranças da mãe (*in memoriamn*) e da irmã mais velha, sua primeira professora. As lembranças da sua irmã que a acolhia e a deixava brincar de ser professora, tornando-se, com isso, seu grande exemplo de dedicação, de compreensão da relevância da função educacional. Os exemplos da irmã como educadora ficaram em sua memória afetiva de criança e, certamente, a influenciaram na decisão de prosseguir na carreira de educadora.

Guadalupe morava no interior da Bahia. O Estado da Bahia, situado ao sul da região nordeste, com uma população de 14.930 milhões de habitantes, tem sua paisagem diversificada, transita pelo sertão árido ao tropical. A capital estadual, Salvador, recebeu influência da cultura dos povos africanos. Os povos negros escravizados pelos homens brancos europeus de “olhos azuis”, traziam esses seres humanos como escravos, para fazer frente ao trabalho nos engenhos e em minas de ouro das colônias²⁷.

Os engenhos, as colônias e a roça são lugares onde são praticadas atividades agrícolas, plantação, que servem de base para o cultivo da alimentação da sociedade. Guadalupe morava no interior da Bahia, a família da professora tinha uma roça e uma casa de farinha. Na região não existia escola, como certamente na maioria das pequenas propriedades dispersas pelas regiões ricas em terras, mas marcadas pela aridez e pelo carente sistema de escoamento das produções.

Então, o prefeito, sabendo que a casa de farinha da família estava desativada, pediu o espaço para abrigar uma escola. Modelo de implantação do sistema escolar de forma de improvisação e de um relativo descompromisso do Estado para com a Educação. Será que o prefeito se responsabilizava por algum pagamento à professora? O que parecia um progresso era a marca de descaso estrutural do Estado para com a Educação. Era o progresso possível, mas era um progresso retardado.

O espaço da casa de farinha foi reformado pelo pai da professora, e transformou-se em uma escola rural, a “Escola Rural Retiro”. A sua irmã mais velha era a única professora que

https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Espec%27ADfco_de_Forma%27A7%27C3%A3o_e_Aperfei%27A7oamento_do_Magist%27A9rio. Acesso em: 24 abr. 2021.

²⁷ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bahia>. Acesso em: 16 jul. 2021.

lecionava para uma turma mista, multisseriada²⁸, com alunos de quatro séries na mesma turma ou com preparação e grau de desenvolvimento muito díspares.

A essa altura, com seis anos de idade, Guadalupe já estava alfabetizada. Seu relato nos deixa perguntas: como foi seu processo de aprendizagem, de onde tirou os textos que a iniciaram na aprendizagem das sílabas ou das palavras por inteiro, quais foram as histórias lidas por ela, quanto as gravuras e os surrados livros a marcaram? Ela nos conta que ajudava a irmã a alfabetizar os alunos de idades diferenciadas, era chamada de “professorinha”. Supomos que, neste momento, começa o projeto de vida da professora Guadalupe.

A vida como um todo se delineava, como desafios, curiosidades e lutas. Mas um capítulo importante estava sendo construído sobre seu mundo de trabalho. Ela começa a sonhar em ser uma professora, em querer contribuir para que as pessoas sejam alfabetizadas e letradas. E tanto quanto a leitura das sílabas seria ali que ela instituiu a máxima de Paulo Freire, de que a leitura do mundo antecede a leitura das letras?

Em 1988, mudou-se para São Paulo com sua família, então a “Escola Rural Retiro” parou de funcionar, pois não tinha professores habilitados para assumir a escola.

Em uma roda de conversa na sala de aula na PUC-SP, Guadalupe recorda-se, olhando para fotografia com profunda tristeza, das condições que a levaram a interromper, naquele momento, o sonho do mestrado em “Psicologia da Educação”, que iniciou na Universidade. Neste ano de 2011, já trabalhava como Professora de Educação Infantil (PEI), na Prefeitura Municipal de São Paulo. Lutou o quanto pode para se manter estudando, chegando até ao secretário de Educação para mostrar-lhe sua disposição.

Passaram-se alguns anos, Guadalupe já não tinha a mesma idade, mais experiente, em 2018, retomou seus estudos na PUC-SP, agora não mais para estudar Psicologia da Educação, e sim para o Programa Educação: Currículo – na área de concentração: Novas Tecnologias em Educação.

²⁸ Classes multisseriadas caracterizam um fenômeno recorrente no sistema educacional brasileiro. Nestas classes, alunos de idades e níveis educacionais diversos são instruídos por um mesmo professor. As classes multisseriadas ocorrem em regiões — notadamente as rurais — onde a escassez de professores, alunos ou recursos inviabiliza a existência de uma escola moderna típica, com alunos distribuídos por classes, conforme a idade e atendidos por um ou mais professores específicos. O tipo de ensino proporcionado pelas classes multisseriadas tem sido, ao longo da história, considerados distante do ideal, sendo atualmente alvo de várias abordagens teóricas e práticas que tentam levantar os problemas deste sistema, tanto do ponto de vista do aluno, quanto do professor, visando encontrar alternativas ou rotas de melhorias em relação a este formato. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_multisseriada. Acesso em: 24 abr. 2021.

Foto 2 - Primeiro semestre de 2011 na PUC-SP



Fonte: Arquivo pessoal professora Guadalupe (2011).

Em 2012, a “professorinha”, como era chamada na infância, lembra-se do trabalho que realizou no Centro de Educação Infantil (CEI) do Campo Limpo com uma turma do berçário-1.

Guadalupe gostava de transportar as crianças para uma aula fora das quatro paredes da escola, para que pudessem explorar os espaços externos. Provavelmente se lembrava da própria vida de criança quando corria nas pequenas terras da família, vendo os animais, as plantas, os ventos e as paisagens cheias de novidades.

Nesses momentos, não podiam faltar alegria, disposição e, naturalmente, o violão, que é seu companheiro de trabalho. A professora comenta que: “*as crianças ficavam encantadas com o violão e animadas*”. A admiração das crianças e o encanto com a música transportavam os pequeninos para outras dimensões, do afeto e da amorosidade. Era uma característica peculiar da professora.

Foto 3 - CEI região do Campo Limpo



Fonte: Arquivo pessoal professora Guadalupe (2012).

Guadalupe se recorda da roda de conversa com as crianças, em 2013, quando trabalhou no CEI do Capão Redondo. O grupo de crianças falava sobre o cabelo comprido das sereias e Guadalupe aproveitou a oportunidade da conversa para falar sobre temas como as lendas brasileiras contadas pelas histórias do escritor Monteiro Lobato, e as questões raciais, em especial das pessoas negras. Assim, Guadalupe comenta: *“Hoje em dia eu não trabalharia esse tema no contexto de Monteiro Lobato. Hoje sei que essa figura que inspirou minha leitura na infância era um tremendo racista”*. As suas críticas aos modelos discriminatórios não a impediam de ler sempre mais e, com a leitura, poder compreender o que constitui o racismo e como enfrentá-lo no ambiente escolar. Guadalupe não deixou de ler, mas cuidou de ir desenvolvendo o senso crítico e fazendo contrapropostas para a superação dos racismos e preconceitos, como se verá abaixo.

Guadalupe continua costurando suas lembranças e diz que foram dias de conversa com as crianças. Se vestiu de sereia e os alunos penteavam seu cabelo “curto, crespo e lindo”.

Foto 4 - CEI Capão Redondo



Fonte: Arquivo pessoal professora Guadalupe (2013).

A fotografia faz Guadalupe se lembrar do sofrimento que teve por conta do racismo na escola. Ela diz:

Para a minha formação pessoal, esse registro é muito importante, pois foi na escola o lugar onde mais sofri racismo durante o final da minha infância e adolescência. Quando estava na terceira série aqui em São Paulo, em 1989, a professora achava engraçado quando os colegas me apelidavam. Riam do meu sotaque baiano, da minha cor, do meu cabelo. Eu tinha respeito pela autoridade daquela professora e realmente acreditava que eu era feia por ser negra.

Acreditamos que os professores têm, de fato, autoridade, porque exercem influência sobre os alunos. Entretanto, devem estar atentos a essas questões de racismo, questões de gênero e tantas outras que causam sofrimento às crianças, impedindo seu desenvolvimento escolar.

Essas lembranças da Guadalupe também trazem à memória da pesquisadora as recordações da infância e sofrimento que passou pela cor da pele e o sotaque baiano, sua identidade. Muitas vezes chegava em casa, e esfregava uma bucha vegetal no rosto e em todo o corpo para ficar branca. Hoje, chamamos esse sofrimento imposto, perversamente, de *bullying*. Tal de palavra, de origem inglesa, remete à intenção de maltratar, colocar tensão, dor, sofrimento e angústia em suas vítimas (LIMA, 2011). O *bullying* e as violências simbólicas,

em geral, se originam de fatores psicológicos do agressor, como de uma difusão de ideologias que podem ser de gênero, de grupos sociais, de racismo e outros.

O sofrimento relatado pela professora Guadalupe sempre foi o de muitas outras crianças negras no Brasil, pois uma prática antiga nas escolas, no trabalho, na sociedade em geral, o opressor está sempre presente, inclusive, muitos deles tiveram seus feitos reconhecidos, e alguns foram homenageados, com suas imagens em forma de estátuas, de corpo inteiro ou simplesmente um busto em praças públicas. Por mais de três séculos, décadas, o racismo está embutido na identidade brasileira de muitas pessoas, escondido e disfarçado, manifestando-se ocasionalmente em palavras como: “eu não sou racista”; “eu até tenho amigos negros”; “só podia ser preto”; “Apesar da cor, ele trabalha bem”; “Fulano é negro, mas é honesto”. São discursos que não são identificados como racismo.

Mas as formas de racismo e preconceito, como os relatados por Guadalupe, não param por aí. Hoje, temos o *Cyberbullying*, que é nova forma de manter-se a discriminação e a busca de submissão de alguns grupos sociais a outros. Essa submissão tem sido observada pelos professores e os pais nos projetos escolares. Neste sentido, a escola e a comunidade têm ficado mais atentos a todas as formas de opressão social.

A professora de Guadalupe enfrentava a pressão social sobre ela, buscando achar engraçado quando os coleguinhas riam do seu sotaque baiano, da sua cor e do seu cabelo. No entanto, nessa mesma análise que faz das suas fotos, mostra que do procedimento de achar graça para o da criação de um senso crítico e logo depois para um enfrentamento positivo da questão, assim, rumo à valorização da beleza negra para *Black is beautiful*.

Guadalupe continua com suas memórias, agora, uma mais recente, do ano de 2020, no contexto da pandemia da Covid-19, a professora expõe a foto de um aluno sorridente que reconhece seu rosto e sua voz com o violão diante da tela, o aluno sorri quando a reconhece.

Foto 5 - Contexto pandêmico devido à Covid-19



Fonte: Arquivo pessoal professora Guadalupe (2020).

Assim, Guadalupe nos conta o desafio que foi de um dia para o outro se adaptar à realidade imposta pela pandemia, o distanciamento social, o enfrentamento da discriminação étnica racial e a necessidade de se adaptar às novas realidades.

A necessidade de formação urgente para utilização das novas tecnologias digitais e, assim, manter contato com as crianças e as famílias e assegurar a continuidade da Educação dos pequeninos. Diante desse contexto, a professora Guadalupe, como todos os professores no Brasil e no mundo, teve que se adequar à nova realidade do teletrabalho.

O teletrabalho aconteceu com treinamentos intensivos para aquisição de novas habilidades, a produção de vídeos, *Google Classroom* e outros dispositivos digitais para continuidade das atividades educativas. Diante destes fatos, ela nos conta,

O ano é 2020. Contexto pandêmico devido Covid 19. Na foto o desafio de manter contato com as crianças pequenas e as famílias. neste período tivemos algumas formações, inclusive do como produzir vídeos e outros recursos que garantissem a continuidade da educação. Foi desafiante porque tivemos que nos adaptar profissionalmente da noite para o dia a uma nova realidade. Eu lecionava para o berçário 2, no CEI 13 de Maio, na Bela Vista. Os alunos eram bebês com idades entre um a dois anos. Esse sorridente é meu ex-aluno, o Akin, que adorava as rodas de músicas com violão e outros objetos e materiais sonoros. A foto foi nosso primeiro contato depois de mais de 30 dias de distanciamento. As “aulas” foram por teletrabalho até o final do ano de 2020. Akin no momento da ligação por vídeo reconheceu o meu rosto e a minha voz. Ele e as demais crianças adoravam os vídeos de músicas e brincadeiras que eu enviava para o grupo das famílias e postava no Google Classroom. Segundo relatos das famílias as crianças sentiam falta da escola.

Neste contexto de urgência, esse ensino foi denominado “ensino remoto”, diferentemente do ensino a distância, ele teve que ser adaptado para este cenário de pandemia da Covid-19.

Guadalupe, ao relatar suas fotos, descreve tais mudanças que ocorreram na sua instituição de ensino. Os estabelecimentos de ensino, por meio de seus gestores das creches e pré-escola, mantivessem uma aproximação com as famílias durante a pandemia da Covid-19 e algumas atividades foram adotadas pelas redes de ensino, tais como: Meios digitais, videoaulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão ou rádio, material didático impresso e entregue aos pais ou responsáveis, foram alternativas sugeridas pelos órgãos.

Assim, diante deste cenário, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou o Parecer n.º 5/2020, com diretrizes e direcionamentos para as Escolas de Educação Básica e de Ensino Superior, substituindo as aulas presenciais por aulas em meios digitais, então tanto o Conselho Estadual quanto o Conselho Municipal emitiram os pareceres e resoluções de orientação sobre calendário e as atividades por meio remoto.

Destarte, Guadalupe utilizou as mídias digitais para, de forma lúdica, chamar atenção de seus alunos e evitar algum retrocesso cognitivo.

Ao revisitar suas memórias pelas fotografias, quantas lembranças costuradas por Guadalupe. Desde os exemplos que teve da irmã, que foram fundamentais para construir seu projeto de vida; passando pelas experiências e conversa com as crianças sobre racismo; suas dores causadas pelo preconceito que enfrentou na infância; a adaptação do ensino presencial para o ensino remoto, temas relevantes foram trazidos pela professora para podermos pensar e refletir a escola que queremos para ajudar no desenvolvimento integral dos alunos.

3.3 Professora “Beatriz”²⁹

A entrevistada abriu a conversa dirigindo-se à pesquisadora, falando da importância que foi para a vida dela o trabalho de produzir esta narrativa a partir de algumas de suas fotos. O que importou muito a ela foi o relato ter como objetivo o re-olhar, tantos anos depois, para a formação profissional; a relevância de coautores em sua formação e o processo de sua dedicação ao trabalho de educadora.

Cláudia -- Eu tive um trabalho pra fazer essa curadoria, eu tive uma grande atenção, é muito difícil selecionar. Quero dizer que, você mexeu comigo pelas questões postas a partir das minhas fotografias; é um trabalho que eu acho que vai mexer com as pessoas. É muito interessante fazer isso, porque as vezes a gente não se dá conta de quanta coisa a gente viveu. É muito importante fazer isso e olhar para a nossa trajetória.

A professora Beatriz (nome fictício) começou relatando sua trajetória docente a partir da fotografia tirada com aqueles que foram fonte de ensinamento: alguns de seus mestres e orientadores de suas pesquisas na PUC-SP.

Em 2017, Beatriz voltou à PUC-SP, depois de formada doutora, para retirada de documentação, quando encontrou nos corredores os mestres queridos, que foram os seus pilares e incentivadores na carreira como educadora no mestrado e doutorado. É relevante notar como Beatriz, ao falar das suas lembranças, conta, com detalhes, até quem tirou cada uma das fotografias, nas quais ela costura sua narrativa. Denota, com isso, a professora Beatriz que, para ela, as circunstâncias da tomada da foto fazem parte do valor da própria imagem, a importância do olhar do observador.

²⁹ O nome professora “Beatriz” foi escolhido aleatoriamente para não identificar a entrevistada por seu nome próprio.

Foto 6 - Corredores da PUC-SP



Fonte: Arquivo pessoal professora Beatriz (2017).

Quando se depara com as paredes e corredores da PUC-SP, ela se recorda do ambiente da aprendizagem e das vivências emotivas pela memória do que aprendeu, experimentou e viveu naqueles corredores compridos, cheios de vida, de cultura, de pessoas de todos os cantos do Brasil. A respeito do que aprendeu, ela afirma:

Eu tenho uma excelente recordação quando olho essa foto, porque pra mim, resume tudo que eu vivi nesses corredores, tudo que eu vivi com eles, tudo que eu aprendi, tudo que eu sofri também, porque é um processo de crescimento, têm muita dor, muito aprendizado e foi maravilhoso, foi um tempo muito bom, inesquecível pra mim, então eu queria trazer essa foto pra essa memória.

Beatriz traz a foto para a memória do que viveu e do que aprendeu e tem consciência que todo o clima de aprendizado é um processo de crescimento e amadurecimento. Traz, também, a reflexão de que outros estudantes passam por esse processo. Na verdade, a foto lhe traz a percepção do significado do que é um currículo, seja pelo conteúdo conhecido seja pelos valores e sentimentos que eles trazem. A respeito da visão que Beatriz traz de currículo, Gimeno Sacristán (2013, p. 16) explica:

O termo currículo deriva da palavra latina curriculum (cujá raiz é a mesma de cursus e currere). Na Roma Antiga falava-se do cursus honorum, a soma das “horas” que o cidadão ia acumulando à medida que desempenhava sucessivos cargos eletivos e judiciais, desde o posto de vereador ao cargo de cônsul. O termo era utilizado para significar a carreira e, por extensão, determinava a ordenação e a representação de seu percurso. Esse conceito em nosso idioma, bifurca-se e assume dois sentidos: por um

lado refere-se a percurso ou decorrer da vida profissional e a seus êxitos (ou seja, é aquilo a quem denominamos de curriculum vitae, expressão utilizada pela primeira vez por Cícero). Por outro lado, o currículo também tem sido de construir a carreira do estudante e, de maneira mais concreta os conteúdos deste percurso sobretudo sua organização, aquilo que o aluno deverá aprender e superar e em que ordem deverá fazê-lo.

Ao terminar o doutorado, a professora foi convidada pela Secretaria Municipal de Educação (especificamente pelo Diretor da Diretoria de Orientação Técnica - DOT) à desenvolver uma proposta curricular “Mais Educação – São Paulo”. Sua contribuição foi a de participar na elaboração e escolhas de método para os estudos dos 7º, 8º e 9º anos da Educação Fundamental, chamado de terceiro ciclo “Ciclo Autoral”³⁰. O Ciclo Autoral tem como característica conceitual e pedagógica ser um triênio que organiza e prepara os jovens para produzir projetos de estudos interdisciplinares para culminar com os Trabalhos Coletivos de Autoria, com intervenção social. Conhecido como: Trabalho Colaborativo de Autoria (TCA). A esse respeito, a entrevistada nos conta:

Nessa proposta os alunos podem fazer um trabalho colaborativo, para se formar. Trata-se de um trabalho em grupo, partindo de seus problemas ou do território com forte caráter de autoria e com intervenção na sociedade; e aí eles aprendem, discutem e aprofundam os conhecimentos trazidos na sala de aula, mas também aprendem a pensar a partir de problemas sociais reais que eles ajudam a identificar.

Essa proposta curricular foi desenvolvida nas 546 escolas do município de São Paulo, depois foi implementada nos currículos das escolas estaduais do estado de São Paulo. Beatriz nos conta, ao se lembrar desse momento:

Eu estava acabando de defender a tese e isso representou uma congruência ali dos fatores. A minha tese conversava muito com essa proposta que estava sendo desenhada e aí eu pude participar desse processo. Então, foi uma oportunidade imensa de crescimento de contato com a tese e de experimentar, trazer a tese como uma proposta de fundamentação teórica metodológica nas 546 escolas de Educação Fundamental do Município de São Paulo.

Nesse período, o prefeito de São Paulo era Fernando Haddad, que governou a cidade entre (2013-2016) e promoveu essa reforma curricular, cuja fundamentação teórica e metodológica foi delineado pela Diretoria de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP)³¹, com forte influência em ideias fundamentadas na tese de doutorado e na dissertação de mestrado da professora Beatriz. Ela complementa que foi uma

³⁰ O Ciclo Autoral – que abarca o 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental – enfatiza a construção de conhecimento a partir de projetos curriculares comprometidos com a intervenção social. Disponível em: <https://sites.google.com/edu.sme.prefeitura.sp.gov.br/emef-ministro-calogeras/pedag%C3%B3gico/ciclo-autoral>. Acesso em: 02 maio 2021.

³¹ À época (2013-2015) a DOT/SME-SP era dirigida pelo Prof. Dr. Fernando J. de Almeida, orientador da dissertação de mestrado da professora Beatriz.

época em que o Brasil estava em crescimento do debate curricular e de preocupação com as questões de melhoria da coesão social, inclusive, por meio da educação.

Foto 7 - Fernando Haddad (prefeito de São Paulo) e Fernando Almeida (diretor de Orientação Técnica da Secretária Municipal de Educação de São Paulo)



Fonte: Arquivo pessoal professora Beatriz (2013).

Beatriz tem uma trajetória intensa de desenvolvimento profissional. O caminho percorrido pela professora passa por publicações de livros, artigos e consultorias, visitas a escolas, organização de entidades interamericanas de cooperação e solidariedade, assim como conhecimentos de outras realidades educacionais, nacionais e internacionais.

Em 2005, Beatriz representou o Brasil na (Clayss)³². Como membro da Rede recebeu um convite para participar de uma Revista Científica, cujo nome é: Aprendizagem e Serviço Solidário (Clayss), organizado pela Universidade Señor de Sipan. Clayss é um Serviço Solidário com sede na Argentina, que acompanha e implementa projetos educativos por meio de problemas reais, com objetivo de oferecer soluções concretas, promove o desenvolvimento de competências e atitudes dos estudantes, por meio de participação ativa dos aprendizes.

Então, como membro da rede foi convidada a escrever um artigo para fazer parte da Revista³³. Entre muitos participantes, teve o seu artigo reconhecido e escolhido para o lançamento da cerimônia da revista. A esse respeito, Beatriz nos conta:

Eu estava muito horada de poder participar dessa mesa e desse encontro era o tema da minha tese o tema que eu trabalhava no instituto Faça Parte e pra mim foi muito bom, sabe. Eu estava muito feliz e as pessoas a gente (encontra) tem uma relação próxima (com meus ideais por isso) eu fiquei muito contente de desenvolver esse trabalho.

Com trabalho atuante no “Instituto Faça Parte”, onde trabalhou no período de 2004 a 2012, participou de vários eventos internacionais e encontros, representando a Instituição. Entretanto, quando se desligou formalmente do Instituto Faça Parte, continuou como consultora do Clayss.

Beatriz fala com carinho e admiração ao rever as fotografias das pessoas que conheceu, das amizades que fez durante esses encontros e entende que essas pessoas fazem parte da sua identidade. Tal recordação, trazida pelas fotos, a ajudaram a reconstruir o seu aprendizado, o seu desenvolvimento profissional, como pessoas que fazem parte da sua família. Nesse contexto, ela nos diz:

Estar do lado dessas pessoas que acabaram sendo a minha família também, é uma foto muito querida, a gente tirou foto pra caramba, tinha muita gente, foi uma festa, depois a gente cortou o bolo, e tinha entrevistas, coquetel, foi tão legal era uma maior alegria, porque tinha muita gente de fora (da própria Argentina onde se deu o evento).

³² Disponível em: <https://clayss.org/>. Acesso em: 02 maio 2021.

³³ Disponível em: https://www.clayss.org.ar/04_publicaciones/TZHOECOEN-5.pdf. Acesso em: 02 maio 2021.

Foto 8 - Festa de 15 anos do Clayss



Fonte: Arquivo pessoal professora Beatriz (2015).

Na fala anterior, Beatriz se refere à fotografia do evento que participou no contexto dos 15 anos (2016) do Clayss que foi realizado na sede central, em Buenos Aires, na Argentina. No evento, ela representou o Brasil e foi convidada, juntamente com outros membros da Rede, a cortar o bolo comemorativo. Assim, ela descreve o encontro como muito alegre, com aproximadamente 105 pessoas, vindas de muitos lugares. A alegria vivida por ela no evento baseia-se na constatação, intuitiva, de que toda sua preparação de estudos e trabalhos tivera sentido. O seu empenho na área de educação para a solidariedade revelava-se ali naquele encontro ruidoso, com colegas de toda a América Latina. Era resultado de um esforço conjunto. Todos que ali estavam certamente havia, como ela, se empenhado por anos de estudos e trabalho na área de educação solidária.

Tinha entrevistas, coquetel, foi tão legal era uma maior alegria, porque tinha muita gente de fora. A delegação estrangeira foi o ano que mais teve, tinha 105 pessoas de fora, tinha gente pra caramba, de fora que eu digo é: tinha muita gente do Chile, tinha gente da Venezuela, dos Estados Unidos, tinha um pessoal visitando do Leste Europeu, todo mundo aí em Buenos Aires, do Uruguai, Costa Rica México, muito interessante, é foi muito bacana, então essa comemoração ela tem quinze anos de assiduidade na Rede Ibero Americana e Aprendizagem Solidária é um marco na minha vidada, eu tenho muito carinho por essa foto.

No “Instituto Faça Parte”, a professora Beatriz teve a oportunidade de muitas vivências, de aprendizado sobre os conceitos novos de educação, assim como conheceu pessoas importantes nas áreas de políticas públicas e de currículo. O Instituto tinha parcerias com Conselho Nacional de Educação com Ministério da Educação, Conselho Estadual de Educação. Neste contexto, o Instituto teve a iniciativa de criar um projeto do “Selo Escola Solidária”³⁴. Diante desse quadro, Beatriz, com participação ativa na instituição, teve oportunidade de manter contato com muitas pessoas, lugares, sistemas educacionais diferentes do nosso, mormente na América Latina. A esse respeito, ela acrescenta:

Acabei conhecendo muita gente, e um dos parceiros que se aproximou da gente pelo “Selo Escola Solidária” foi um projeto que identificou milhares de escolas em todo Brasil, tinha mais de vinte mil escolas que recebeu esse Selo e um desses parceiros que se aproximou de nós. Foi o ministério das relações exteriores da Alemanha e mais precisamente a pessoa que era Coordenadora de Relações da Alemanha tinha um programa dentro do Instituto GOUETHTO/SP. Esse Instituto, tinha parcerias com escolas, (no Brasil e na Alemanha). E aí esse senhor me convidou para montar um time de educadores especialista que pudesse ir para Alemanha com ele e conhecer o Sistema de Educação da Alemanha.

Neste contexto, Beatriz teve ocasião de conhecer o Programa de Educação da Alemanha e visitou escolas, pôde observar os pontos positivos e negativos do sistema educacional. Durante as visitas, verificou as condições das escolas públicas, a remuneração dos professores e o acesso dos alunos a condições adequadas de aprendizagem, como computadores, instrumentos de precisão mecânica e eletrônica, além de situações concretas de acesso às tecnologias industriais mais recentes. E, assim, nesse aspecto, ela descreve a visita feita pelos especialistas a uma dezena de escolas, a museus e à sede da OCDE – que aplica os exames do Pisa internacionalmente.

Então, a gente fez um sistema para conhecer o Programa de Educação da Alemanha e também um conjunto de atividades de Cultural, foi muito bom. Foi um programa intenso, foram oito a nove dias de vistas e debates. O time era ótimo como você pode ver, foi bem bacana, a gente conheceu o Sistema de Educação da Alemanha. Foi uma experiência, coisa que chamou muita atenção pelo bom e pelo ruim também. Pelo bom, as escolas fazem parte de um Sistema de Educação Pública muito bom, as escolas têm uma infraestrutura ótima, os professores ganham bem, tem todo um aparato de infraestrutura um aparato de ofertas nos bairros; a ligação entre as empresas e as escolas criam um sistema de viabilização de vagas e de preparo da própria escola. Além disso, tem também essa questão de que os meninos terem acesso a condições de estudos, tanto em modelos de escola tradicional, quanto das escolas

³⁴ O ministro da Educação, Tarso Genro, lança, nesta quarta-feira, 27, o Selo Escola Solidária, que identificará escolas comprometidas com uma educação fundamentada nos ideais de solidariedade, participação e responsabilidade social. A solenidade tem início às 9h, no Centro Interescolar de Línguas (CIL), na 907 Sul, em Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/202-noticias/264937351/2692-sp-432003542>. Acesso em: 03 maio 2021.

técnicas. Enfim, o que vimos foi excelente pelo apoio dado pelo Estado às escolas técnicas.

Assim, muitas lembranças e as inesperadas recordações lhe vêm à memória ao olhar a fotografia. Beatriz se recorda, então, do que aprendeu nessa viagem e nos conta das visitas que fez às escolas e aos órgãos públicos de educação que visitou; ela relata que na Alemanha não tem um Ministério da Educação, como temos aqui no Brasil, o que muda e diversifica a autonomia das escolas e dos sistemas regionais. A respeito do que aprendeu por lá, ela relata a seguir:

A gente conheceu tanto a escola, como também os órgãos públicos de educação. Então, eles não têm um Ministério da Educação lá, isso tudo eu aprendi no dia dessa foto. Eles têm na verdade é como se fosse só um Consced³⁵. (Conselho dos Secretários Estaduais de Educação no Brasil). Cada Estado é totalmente autônomo. Eu não sabia disso, fiquei sabendo nesse dia da foto, estava frio, era um lugar belíssimo que a gente foi, estava todo mundo elegante nesse dia, depois disso a gente foi almoçar e estava frio, sabe? Eu estava mal agasalhada, estava com uma jaqueta de couro, imagina! Couro não segura frio e a gente subiu lá no telhado do Parlamento Alemão e, claro, resolvemos tirar foto do time porque estava todo mundo junto...e nesse dia como a gente estava elegante e, falamos: vamos fazer uma foto oficial, foto oficial do nosso time.

³⁵ Disponível em: <http://www.consed.org.br/>. Acesso em: 04 maio 2021.

Foto 9 - Parlamento Alemão³⁶



Fonte: Arquivo pessoal professora Beatriz (2010).

A professora Beatriz descreve a importância e a experiência que teve com a Secretaria Municipal de Sobral no Estado do Ceará, então, relata a importância da escola de formação de professores e gestores naquela região do Brasil.

Ao descrever essa caminhada, ela nos diz que foi para Sobral, desenvolver um programa para ensino socioemocionais na educação básica, juntamente com outras secretarias, os elogios são preciosos a secretaria de Sobral e a receptividade com a qual eles recebem o professorado. E assim, Beatriz descreve a ponte aérea que fazia, as horas para chegar até Sobral os dias que passava fora de casa, e neste aspecto, Flusser (2008), acrescenta que algo novo foi inventado, o digital, assim nossos corpos não precisam estar naquele local fisicamente, ficar horas em aeroportos, traslado, o digital pode alcançar qualquer um mesmo em lugares distantes.

Hoje, esse curso de formação de professores, tem chegado em todo Brasil, durante a pandemia, contribuindo para a formação continuada de milhares de professores.

³⁶ Da esquerda para a direita: César Callegari, Pilar Lacerda, Cleuza Repulho, Fernando Almeida, Kátia Mori, Marcos Magalhães.

Foto 10 - Secretaria Municipal de Sobral - Ceará



Fonte: Arquivo pessoal professora Beatriz (2018).

Essa foto é de 2018, esse trabalho que eu fiz com o instituto Airton Sena, pra desenvolvimento de um programa pra ensino sócioemocionais na educação básica. E foram algumas secretárias que eu participei, com Chapeco, com Fortaleza, com a Secretaria Estadual de Goiás, Secretaria Estadual do Ceará e, esse foi o especial desta foto, é com a Secretaria Municipal de Sobral Ceará, foi um trabalho interessante, é uma Rede muito dedicada, eu aprendi que eles estavam com uma escola de formação de professores e gestores que cuida de toda a parte do currículo e da formação dos professores de Sobral.

A gente fazia o curso pra eles de formação nas tecnologias nas competências socioemocionais e a gente tinha que acompanhar ESFAPEGE e passava pras escolas, para os professores, então tinha muita reunião com as secretárias de educação de lá. A cada mês e meio eu passava uma semana em Sobral, foi uma época que eu viajei e ficava longos tempos fora de casa.

*E quando eu estava no “faça parte” que eu viajava, dando palestra e tudo mais era meio bate volta, né? Também ia pra Argentina, nessa época eu ficava muito tempo, **você tem que ir pra Fortaleza, são quatro horas de avião** sendo que você sai uma hora antes, uma hora e meia antes você tem que está no aeroporto, ai você já tem que sai antes para estar essa hora no aeroporto, você viaja, quando você chega lá são mais três horas, quatro horas pra ir até Sobral, quando a gente ia, a gente ia pra ficar e fazer tudo que tinha que fazer, ficava uma semana, com filho né? já viu.*

Mas foi muito gratificante o time é ótimo, esse time é o time de Formação de Formadores e foi um bom aprendizado ter feito esse trabalho com a secretaria de educação de Sobral, via Instituto Airton Sena, eu queria trazer ele também porque eu acho que tinha muito desse nordeste desse carinho de aprender, uma rede que era

muito forte essa questão do IDEB a questão da Aprendizagem, muitas histórias muitos calor, comida boa é uma foto que me traz muita alegria de ter podido participar desse projeto

É caminhando, às vezes, que se consegue organizar o pensamento, principalmente quando se está no exterior, faz a caminhada. Desde 2019, a professora Beatriz mora em Portugal com toda a família, participando de um grupo de formação de professores, que estuda Governança Integrada e problemas sociais complexos, ligado ao Instituto Padre Antônio Vieira.

A pesquisadora, com as fotos nas mãos e extremamente curiosa, esperava ansiosa para ouvir o áudio gravado pela da professora Beatriz, contando o início de sua trajetória como educadora, e, assim entender os caminhos percorridos por ela nas áreas de: Novas Tecnologias Aplicadas à Educação: Currículo, Conhecimento e Cultura na PUC-SP e a sua relação com a aprendizagem solidária, que sempre foi seu interesse.

Beatriz, quase finalizando sua narrativa, começa a nos contar como começou sua carreira profissional. Conforme descreveu no seu áudio, ela se concentra numa fotografia que lhe traz recordações do “túnel do tempo”. Apesar de a foto ter sido tirada no ano de 2018. Assim, a professora começa a descrever o nome das pessoas que se encontram na foto, inclusive o nome de quem tirou a fotografia (o que parece ser uma marca de sua forma de analisar as fotos, entendendo, assim, a figura do fotógrafo como uma peça componente da essência da história e não como sendo um mero apertador de um botão),

Foto 11 - Confraternização Moema



Fonte: Arquivo pessoal professora Beatriz (2018).

É uma foto que é um túnel do tempo, essa turma estava se encontrando na minha casa, quando eu morava em Moema. Esse era o grupo da Escola do Futuro onde trabalhei de 1995 a 1997. A Escola do Futuro era composta por um grupo de trabalho dentro da USP e a gente era do grupo de Ensino de Ciências, via telemática, que era coordenado pelo Prof. Nelo Bizzo. O grupo, a gente ficou muito amigo, era um trabalho super interessante.

Nessa época eu fazia faculdade de Educação na USP, eu entrei em 1992 e me formei em 1997.

Em 1995, eu entrei na Escola do Futuro com esse grupo de pesquisadores. Então, a maioria é Biólogo e eu era a única da Educação.

Aí, havia os projetos interdisciplinares em 1995, com escolas de diferentes lugares de São Paulo, mas também tínhamos escola em Recife, escola em Israel, escola nos Estados Unidos, escolas no Japão e a gente fazia os projetos e trocava as informações via Telnet, era uma ferramenta que permitia falar com as pessoas, a telnet era um pouquinho mais rápido do que o e-mail, era um pouquinho antes do chat. , Tínhamos, coisa rara, tinha um computador na escola do futuro que carregava imagem, então a gente acessava e demorava, e a gente acessava aquele computador quando a gente queria as imagens para navegar no Netscape. Muito velho né? Ai meu deus.

E, nesse contexto de começo de carreira na área da Educação, com participação em projetos interdisciplinares com escolas de diferentes localidades do Brasil, abrangendo regiões nacionais e internacionais, com trocas de informações e projetos; utilização das tecnologias, apesar das dificuldades com as ferramentas tecnológicas ainda em fase rudimentar para seu uso em educação escolar.

Assim, através das fotografias, Beatriz nos presenteia com sua caminhada docente, seus encantamentos e suas dificuldades nas tarefas educativas. Pode-se perceber que ela vai tricotando e nos contando tudo que sofreu, viveu e aprendeu. Além disso, ela tem uma postura agradecida às questões dessa investigação ao reconhecer a importância de olhar de novo, com olhar reflexivo sobre a própria trajetória. Todo esse rico conteúdo que ela nos trouxe, foi narrado vividamente pelas memórias extraídas das suas imagens de viagens e de encontros na universidade.

Por fim, ressalta-se que as fotografias são linguagens criadas para representar ou comunicar alguma coisa e permitem o acúmulo de conhecimentos do mundo, de si e do outro.

Assim, refletimos aqui durante a construção dessas narrativas a possibilidade do professor construir suas trajetórias de vida pelo olhar da fotografia digital e mostrar que é possível trabalhar com fotografias para recuperar a identidade individual do aprendiz para que possa atribuir significado e dar sentido aos conteúdos escolares aprendidos e, também, à própria vida.

3.4 Professora “Rosemary”³⁷

Ser professor é professar sua história de vida. Acessar a memória e professar os seus valores, é agir sensivelmente e ter afeto. É aprender com os amigos e ter alegrias e sonhos e associar a teoria à prática.

Da teoria à prática, são conceitos e sentimentos encontrados na fala da professora Rosemary durante sua caminhada acadêmica, com olhares atentos ao currículo, à diversidade, a uma educação humanizada, ter à mente aberta, atenta para o contexto do aprendiz. Assim, Rosemary professa seus valores, a seguir, ao relatar sua caminhada:

O doutoramento, pra mim, foi muito importante. Foram momentos de grande crescimento, de grande despertar na minha formação e foi uma influência pra eu me compreender de fato enquanto formadora de professores e a importância de ter essa consciência de que ser formador de professores é alguém que tem uma mente aberta para o conhecimento e principalmente para o conhecimento da diversidade: da cultural, de gênero, religiosa e humana também, então, foi um momento de despertar que a educação precisa ser cada vez mais humanizadora. Ela precisa, cada vez mais ser contextualizada, principalmente nessa formação enquanto currículo.

A professora Rosemary (nome fictício) foi nascida e criada em Manaus, situada no norte do Brasil, região onde está localizada a Floresta Amazônica. Tem o Rio Negro, com suas águas

³⁷ O nome professora “Rosemary” foi escolhido aleatoriamente para não identificar a entrevistada por seu nome próprio.

escuras e o Rio Solimões, com suas águas barrentas, ladeados pelas comunidades ribeirinhas, colorindo a paisagem com suas casas de palafitas, de diversas cores, com uma população estimada em 2.219.580 habitantes em 2020³⁸.

E, assim, nesse contexto, nessa diversidade, de forma didática, Rosemary nos conta a sua trajetória de educadora. A professora enumera cada uma das fotos e com o sotaque proveniente de sua terra natal, sua identidade, ela vai desvelando sua trajetória pelo olhar das fotografias digitais. Na maioria das vezes, pode-se até ouvir e imaginar o seu sorriso ao começar a detalhar cada fotografia, assim, Szymanski (2002, p. 74) diz que “Cada reencontro com a fala do entrevistado é um novo momento de reviver e refletir. O texto de referência pode incluir as impressões, percepções e sentimentos do pesquisador”.

A professora começa sua narrativa agradecendo o convite e a oportunidade de participação na pesquisa, e diz do seu encantamento por fotografias. O que será que a impele a tal sentimento de gratidão por ser chamada a analisar sua história por meio das imagens? Assim, ela traz a sua memória as lembranças do álbum físico, do quanto ela gostava de folhear esse artefato. Silva (2008), chama atenção e diz que o álbum de papel morreu e nasce de uma outra maneira o digital. A professora continua e diz que poder contar sua trajetória de educador, por meio das fotografias, a deixa muito feliz, porque tais recordações lhe trazem de volta as cores e os cheiros,

Poder contar minha trajetória formativa por meio de fotos me deixa muito feliz pois as recordações, os sentimentos, as lembranças, imagens que vem à mente e à memória, me trazem de volta as cores os cheiros e isso é uma sensação muito mágica. Eu construí a minha linha do tempo desde a escola, foto da oitava série do ensino fundamental em 1981, até a conquista do doutorado pela PUC-SP em 2019, toda a trajetória foi apresentada através de dez fotos que literalmente retratam a caminhada da minha formação.

Assim, Rosemary nos conta sua caminhada, por mediação de 10 fotografias digitais. Ela nos traz, com a memória despertada pelas fotos, os cheiros, as cores, as pessoas que fizeram parte da sua vida, as memórias desde o período da oitava série do Ensino Fundamental até chegar na realização de um sonho com o doutorado na PUC-SP, onde conviveu com professores que conhecia através de leituras dos livros, dos artigos, publicados nas revistas e nas fotografias.

Neste período, que estive na Universidade, pôde caminhar lado a lado com esses mestres pelos corredores da Instituição, espaços que ligam uma sala a outra, cheios de culturas, de gêneros e, de raças de várias regiões do Brasil.

³⁸ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Manaus>. Acesso em: 21 jul. 2021.

Espaços cheios de afetos e recordações trazem as lembranças do magistério no ano de 1984, quando deu à luz a sua primeira filha.

E assim, Rosemary vai buscar algumas iluminações para esclarecer sentimentos que brilham na imaginação para, com luz, reescrever e narrar trechos da sua história de vida.

No fundo da fotografia número 2, como ela mesma enumerou de forma didática, no espaço externo da escola, a imagem remete a uma apresentação de uma peça teatral com alguns personagens da literatura brasileira. Rosemary nos conta que eram suas amigas que faziam uma representação da “Arca de Noé”, de Vinicius de Moraes e Chico Buarque.

Foto 12 - Arca de Noé



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (1984).

A “Arca de Noé”, de Vinicius de Moraes, publicada em 1970, totaliza trinta e dois poemas, uma composição para crianças. Esses poemas fazem uma referência à história bíblica. Dividida em três eixos temáticos: a) A religiosidade; b) A apreensão do humano e dos objetos; c) Os animais³⁹.

³⁹ Disponível em:

https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CLp_ViniciusdeMoraes_balancodapoesia.pdf.

Acesso em: 22 jul. 2021.

Assim, Vinicius brinca com a história bíblica em forma de poesia. A poesia é importante para os pequeninos, é uma forma de desenvolver habilidades e competências de leitura, aquisição dos códigos linguísticos para poder ampliar a leitura de mundo, e nesse sentido a fotografia dinâmica em Freire nos ajudar a refletir que linguagem e a realidade se apreendem dinamicamente (ALMEIDA, 2021).

As personagens da “Arca de Noé” foram representadas pelas amigas de Rosemary, demonstrando a história de afetividade que tinha com cada uma delas. Neste dia, ela não pôde estar presente porque deu à luz, e a respeito do afeto ela nos conta:

Então, por isso que essa imagem é importante, porque eu penso que a afetividade, foi muito importante pra mim no meu processo de formação e a amizade dessas amigas foi muito importante me ensinou muito, não só durante a formação do magistério, pessoas que contribuíram comigo após o magistério, inclusive Geovana trabalha comigo até hoje, e a Eliana faleceu em serviço em um acidente de avião, mas que foi importante na minha formação.

O desenvolvimento profissional é uma marca na trajetória da professora que continua sua caminhada. Após ter passado por um processo seletivo em um concurso realizado pela Secretaria Municipal de Educação (Semed) de Manaus, Rosemary assumiu sua primeira turma de pré-escola com crianças com a idade de 5 (cinco) anos, em 1987. Nesta foto, ela fala das filhas que estão presentes na fotografia, com todo carinho, durante toda a narrativa ela fala do seu processo de formação profissional que está ligado à formação pessoal e à formação do ser mãe.

Foto 13 - Pátio da Escola



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (1986).

Essa foto representa bem o quanto a minha formação profissional foi paralela a minha formação pessoal, formação enquanto mãe. Então, quando eu vejo essa foto eu lembro de todos os desafios que eu enfrentei para assumir minha cadeira como professora, para assumir como profissional para assumir como mãe, na época eu era casada. Então, esse movimento de assumir vários papéis foi um grande momento de formação pra mim e um grande aprendizado, por isso esse momento dessa foto é um momento importante na minha formação porque me proporcionou crescer enquanto pessoa, porque eu assumia profissionalmente e assumia na minha vida pessoal como mãe todas as minhas responsabilidades, e nessa época eu tinha somente 19 anos, então isso pra mim foi um grande desafio, mas, também uma grande aprendizagem.

A professora tinha somente dezenove anos quando teve que assumir sua primeira turma na pré-escola, paralelamente com as suas atividades familiares, fenômeno que ocorre com a maioria dos profissionais da educação, com rotinas estressantes, salários baixos e pressões sociais e interpessoais. Embora sejam fatores que afetam o desenvolvimento do profissional da educação, Rosemary continuou sua caminhada de crescimento diante dos desafios que julgou ser parte das aprendizagens de vida.

Ao relatar a sua trajetória no áudio, ela sorri o tempo todo. Em uma das fotografias, em primeiro plano, ela é uma das três adolescentes que aparecem na imagem. Em segundo plano aparecem outros adolescentes se preparando para o desfile, no dia 5 de setembro de 1988, em

sua cidade natal. E, assim, ela continua a relatar seu desenvolvimento profissional, na esperança de ganhar pontos, ao participar do desfile, e aumentar as notas.

Foto 14 - Cinco de setembro – desfile



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (1988).

Esse momento foi muito importante pra mim porque eu já tinha experiência de sala de aula, já tinha uma certa maturidade de formação e eu aprendi muito. Aprendi a fazer a relação teoria e prática, nesse momento, eu já trabalhava e fiz um curso paralelo então eu aprendi nesse momento a fazer relação entre teoria e prática para minha formação e foi um momento de maturidade formativa. A foto foi em um desfile de cinco de setembro daquele ano em que nos ganhávamos pontos para quem desfilasse. O curso era noturno mas, para quem fosse pra marcha, os estudantes, ganhariam pontuação nas disciplinas, e eu juntamente com essa minha amiga aí, ela é da Semed e nos estudávamos juntas, éramos ambas da Semed, resolvemos participar desse evento, para complementar (sorri novamente) as notas. Mas a importância desse momento e que ela me traz a lembrança, mas um momento formativo que eu tive que conciliar trabalho família e estudos, esse foi o primeiro grande desafio para

minha formação e eu sempre busquei conciliar essas três áreas: ser profissional, ser estudante e ser mãe, que pra mim são áreas muito importante. Eu fui crescendo muito conciliando essas áreas de formação na minha vida. Por isso essa foto aí é importante.

O aprendizado, na vida da professora, é constante, afirma Rosemary, ao relatar as recordações contidas em suas fotos. Com o curso que fez, aprendeu muito a relacionar a teoria e a prática. Assim, foram momentos de aprendizagem formativa em que buscou sempre conciliar atividade profissional com as atividades familiares. Aí estavam seus grandes desafios: ser profissional; estudante e mãe. Em seus relatos, ela traz sempre a família como parte dos seus planos.

Durante a mediação com as fotos de sua narrativa, ela conta que sua mãe foi sua primeira professora, mesmo sendo semianalfabeta, enfatiza o orgulho que ela tinha de ter a filha formada. Na foto em que Rosemary apresenta a sua mãe, as duas estão posando para testemunhar, eternizar o momento especial de um sonho, que ficará marcado em sua história de vida. No fundo da foto, flores enfeitando o local e a formada com o traje tradicional de formatura: a beca, com a faixa na cor verde na cintura. O momento, quase mágico para ela, da lembrança de toda sua formação no curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Amazonas, no ano de 1990. E assim, nesse aspecto, ela conta:

Foto 15 - Graduação em Pedagogia



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (1994).

Nesta foto aí estou eu e minha mãe que foi o meu grande exemplo de coragem, já é falecida, mas continua sendo a minha inspiradora que sempre me apoiou do jeito dela, mas, sempre me apoiou. Essa foto para mim, representa um marco especial, uma alegria, minha mãe era semi-analfabeta e eu pude dar a ela essa alegria de ver uma filha formada, depois eu fui saber no trabalho dela que ela tinha muito orgulho de ter uma filha professora, então eu fico muito feliz de ter realizado esse sonho dela, porque na realidade ela foi minha primeira professora, que eu aprendi a ler e escrever com ela em casa.

E, esse momento de minha formação de receber esse diploma de graduação em Pedagogia, foi algo assim, primordial na minha formação, foi um divisor de águas.

Após o Curso de Pedagogia eu fiz Psicopedagogia em 1996, que foi outro curso em nível de especialização que contribuiu muito para as minhas concepções formativas, minhas concepções profissionais, para o meu profissionalismo e minha profissionalidade também, tanto nesse momento de cursar Pedagogia e cursar Psicopedagogia foram momentos de muita aprendizagem e de relação entre teoria e prática de compreensão de que dessa interação, de que a teoria não está dissociada da prática e que vise-versa a prática não está dissociada da teoria, esses dois momentos tanto da graduação em Pedagogia e da especialização em Psicopedagogia me trouxe muito essa consciência formativa a importância que é conciliar teoria e prática para o sucesso profissional na formação do educador.

Pouco a pouco, Rosemary foi falando de sua alegria e da felicidade de sua mãe de ter uma filha professora, um sonho concretizado. Então, a professora agora formada, não parou de estudar, de buscar uma formação continuada, que possivelmente a ajudará como educadora a intervir no currículo escolar e alcançar resultados com os alunos e de conciliar a teoria e a prática para a sua realização como formação de educadora. Nesse sentido de teoria e prática, formação continuada e currículo, Gimeno Sacristán (2013) nos ajudar a refletir na perspectiva que os planos curriculares devem ser planejados pelos professores,

O currículo deve estar nas mãos de professores para ser moldados. É como uma massa de barro que precisa adotar uma forma ou outra segundo o contexto, especialmente na atualidade, quando a maioria dos conteúdos, constantemente, atualizados, está na internet e o monopólio do conhecimento já está nas mãos das escolas, mas é compartilhado por atores múltiplos, alguns mais motivados do que os próprios professores das escolas. E a formação dos professores deve ajudar-lhes a desvelar seus segredos, torná-los especialistas e adequá-los aos melhores processos de ensino-aprendizagem no contexto atual (GIMENO SACRISTÁN, 2013, p. 496).

Diante desse contexto de formação continuada, de associação teoria e prática, a professora assumiu como gestora escolar no ano de 2000 a 2008. A foto aparece com um plano geral aberto, as crianças e professores da comunidade escolar no fundo da foto. Em segundo plano, uma mensagem escrita com o seguinte: “*Dê uma chance a Paz e a figura de uma pomba*”. Ela nos descreve, pouco a pouco, conta do grande trabalho que teve nessa escola, com relação ao abuso sexual juvenil, pois situava-se numa região vulnerável e perigosa da cidade. A escola chegou a ganhar prêmios da agência Uga Uga e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) eram eventos, como ela mesma relata, de grande aprendizagem. Assim, ela faz a mediação da foto:

Foto 16 - Evento Escolar



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (2004).

Essa foto, foi de 2004, em um evento, quando eu estava assumindo gestão escolar, nessa época de 2000 a 2008, eu fui gestora escolar e essa é uma foto da primeira escola onde eu fui gestora, se chamava Roberto Vieira, essa escola ficava em uma área da cidade que aqui, a gente chama de área vermelha, área de muito perigo, as crianças eram de grande vulnerabilidade, nós tivemos muitos trabalhos nessa escola em relação ao abuso sexual juvenil, inclusive nós ganhamos premiação da agência Uga Uga e da Unicef, em primeiro lugar pelo projeto que nós desenvolvemos. Nós trabalhávamos muito com eventos e os eventos de aniversário da escola eram eventos maravilhosos, momentos de grande aprendizagem, eram momentos em que todos se reuniam pra trabalhar no evento, nossas salas de aulas, cada uma possuía o nome de um poeta, escritor Amazonense. Então nos aniversários da escola nós homenageávamos esses escritores, trazendo suas poesias seus textos. Os escritores que estavam vivos nós os convidávamos (levávamos) para as crianças conhecerem pessoalmente. Então, o aniversário da escola era momento de muita aprendizagem, eram de momentos formativos para todos, para os professores, para os alunos, para os pais dos alunos. E essa foto aí, representa esse momento de grande interação que foi um momento muito importante para minha vida, porque eu pude adquirir muitas aprendizagens. E, eu pude perceber que a gestão participativa é o melhor caminho para que a escola seja uma escola de sucesso. Nessa escola nós tínhamos um jardim plantado, um pinheiro, que nós ornamentávamos na época de natal, de final de ano e o nosso SLOGAN era: “dê uma chance a paz”, que é a frase que está no fundo da foto. Todos que chegavam à escola, sentiam um clima de participação, um clima democrático na escola. Para mim foram anos de muita aprendizagem, que contribuiu demais para a minha formação como educadora. Só esse capítulo de gestora seria um livro da minha vida. Eu trouxe essa imagem porque foi um momento muito importante pra minha formação enquanto educadora, período em que eu fui gestora escolar.

Aprendizagem e a vivência das funções educativas fazem e trazem a percepção a Rosemary de que as teorias aprendidas na formação inicial se realizam nas práticas da vida da escola. A prática não é um depósito que se faz ao lado de uma teoria já dada. A prática só se relaciona com a teoria se o educador-aprendiz é capaz de estabelecer tal relação. Daí, ao fazê-lo, Rosemary pode extrair das suas tantas, quantas lembranças a relação que as fotografias trouxeram para que ela pudesse elaborar tais relações tão significativas em uma fotografia.

Quanto ao aprendizado, ficou clara para a Rosemary a importância da gestão democrática na escola, quando se debruçou sobre as fotos. A atenção que teve com as crianças em estado de vulnerabilidade, o afeto que teve com a situação dessas crianças; a parceria que fez com outros órgãos como, por exemplo, a Unicef⁴⁰ para promoção de atividade dentro da escola, visando promovendo o bem-estar e a paz para aquela comunidade quanto aprendizado para a formação de Rosemary, e para quem ouve ou lê sua narrativa.

Rosemary, agora, partiu olhando suas fotos, com rumo claro e determinado ao mestrado em 2008. Nesse contexto, ela nos conta suas experiências de vivências ao explorar os espaços não formais de ensino, de aprendizagem e o seu contato com a natureza, com a mãe terra.

Foto 17 - Turma do Mestrado de 2008/2010



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (2008).

⁴⁰ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/>. Acesso em: 9 maio 2021.

Essa foto muito importante também. Essa foto da minha turma de mestrado que foi selecionada em 2008, e concluiu em 2010. A, aí eu estou ao lado do professor de biologia, essa disciplina tratada na visita era um dos tópicos de biologia. Nós fomos fazer uma visita ao bosque da ciência, aqui em Manaus, e fomos explorar os espaços não formais do ensino de ciência e de biologia. Então, esse foi um momento de muita aprendizagem para mim. Foi, fundamental, onde eu pude compreender vários processos que eu ainda não entendia, dentro desse mestrado. Eu tive a disciplina de tópicos de biologia tópicos de química e tópicos de física, eu pude compreender conceitos dessas três áreas que eu ainda não compreendia, eu pude compreender ampliar a minha visão a esses componentes curriculares, onde realmente eu me identifiquei e me apaixonei pelas ciências da natureza e a minha tese de mestrado foi: “A formação de conceitos de ciências naturais com alunos indígenas de uma escola indígena”.

Então, foi aqui que começou o meu trabalho com ensino de ciências e com educação escolar indígena que posteriormente eu desdobrei para a minha tese de doutorado. Então, essa turma do mestrado foi o momento formativo fundamental de compreensão da pesquisa das tendências investigativas e de compreender de cada vez mais, os fundamentos de teoria e prática eles caminham juntos e, é isso que nos possibilita melhor compreensão da nossa realidade enquanto educador, enquanto pesquisador.

A caminhada pelo mestrado fez Rosemary compreender novamente a importância e os fundamentos da teoria e da prática, e assim, olhar para os espaços não formais de ensino, como lugares que, também, contêm o seu currículo formativo.

A aprendizagem ocorre sempre em contextos diversos, marcadamente para os alunos que vivem, por exemplo: a) próximos à natureza; b) próximos ao rio, ao mar, à floresta; c) ao lixão. É importante conhecer essa realidade para aprender um pouco mais, e assim, ampliar os horizontes. Esses espaços são ricos e se faz necessário que os professores estejam atentos ao contexto dos aprendizes.

Rosemary, de forma didática, pela mediação das fotografias, foi narrando com preciosidade e detalhes a sua trajetória. Lembrando-se dos cheiros, dos sabores, dos locais, dos colegas, dos afetos e das aprendizagens que teve na sua caminhada, além dos programas de formação por onde passou.

Assim, destacou elementos mais significativos das fotos que lhe trouxeram conceitos e práticas do Programa de Formação e Valorização de Professores da Universidade do Estado da Amazônia (Proformar)⁴¹; Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)⁴².

Como formadora de formadores e trabalhando a memória e a criatividade, ela descreveu uma atividade prática com suas alunas no curso de Pedagogia:

⁴¹ Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/2008/05/uea-prepara-seminario-internacional-com-experiencias-do-proformar/>. Acesso em: 9 maio 2021.

⁴² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35038>. Acesso em: 9 maio 2021.

Foto 18 - Curso de Pedagogia



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (2013).

Essa foto é muito interessante, foi quando eu comecei a atuar na capital, em um curso de pedagogia, desde 2008. Nessa época, quando eu fui trabalhar pelo Proformar - que era um curso que formava professores em estrutura de forma modular, nas férias. Eu, nesse período, fui professora assistente na Universidade do Estado do Amazonas e no Interior do Amazonas e atuei em vários municípios como professora de curso normal superior, naquela época. Por força de lei, porque os professores tinham que ter formação em nível superior, é foi oferecido pelo Estado essa formação, para os professores, e atuei também no Parfor que é também o programa de formação de professores. Fiquei no Parfor até 2014. Em 2010, eu fui convidada para atuar no curso de Pedagogia e estava concluindo o mestrado. Essa foto aí é de 2013, eu trabalhava a disciplina de Fundamentos da Educação Infantil e eu aproveitava pra trabalhar bem a criatividade de fato. Meu objetivo era, fazer essa relação entre teoria e prática com as alunas para que elas compreendessem bem essa relação que é importante, ela é fundamental. Nessa imagem, eu pedir, que as alunas trouxessem suas crianças, seus filhos para participar e legitimar o nosso trabalho naquele momento. Eu acredito que a fundamentação se valida com uma prática consciente, uma prática intencional do professor em suas atividades. O professor precisa ter intencionalidade naquilo que faz e com essa intencionalidade ter consciência dos fundamentos que embasam a sua prática. Então, era esse o nosso objetivo e sempre o momento formativo nos possibilitava crescer cada vez mais, porque cada aula, a minha formação se aprimorava. Essas aulas nos cursos de pedagogia me permitiram chegar e ser a pessoa a profissional com a formação que eu tenho hoje.

A criatividade era explorada pela professora ao convocar suas alunas a levarem seus filhos para fazer a relação teoria e prática. E, essa era sua intencionalidade pedagógica; seu

objetivo era fazer suas alunas experimentarem situações concretas para terem consciência dessa relação. Só assim, e cada vez mais, a sua prática poderia ser aprimorada. Rosemary se desenvolvia com cada aula que organizava e vivia.

Onde está a tal intencionalidade das atividades programadas e vividas por Rosemary? A intencionalidade não é um desejo abstrato. Não é apenas ter uma vaga intenção de fazer algo, mas de saber achar os meios, operá-los e trazer condições para que os alunos apropriem daquela vivência como articuladores entre teoria, práticas e seus resultados. Ao fim de tal experiência, as teorias se ampliam e as práticas se renovam. Ampliam-se suas concepções do fato educativo.

O fato educativo foi, por Rosemary, planejado, porque percebeu que a teoria estava nebulosa ou apenas era uma ideia vaga que as estudantes deviam trazer seus filhos. Isso foi uma prática: trazer os filhos. Mas que trouxessem para fazer o quê? Para legitimar as suas práticas naquele momento e provar a relação entre ensinar, acompanhar, organizar, refletir, extrapolar para outros momentos das aprendizagens de modo mais geral. Assim, se articulam as teorias e as prática na compreensão do fato educativo. A relação entre teoria e prática se dá no ato pedagógico de trazer condições para a aprendizagem.

Em 2012, atuando como formadora, entrou para o centro de formação de professores (da Semed⁴³). Desse modo, pôde compartilhar o resultado do seu trabalho de mestrado com o grupo de professores que participavam da formação. Nesse contexto, ela nos diz:

Essa foto de 2012, foi feita quando eu havia sido convidada para atuar como formadora. E, eu já tinha terminado o mestrado e aí eu entrei no centro de formação de professores que é a Divisão de Desenvolvimento Profissional de Magistério da Semed de Manaus. Eu estava apresentando o resultado do meu trabalho que eu havia realizado em 2011, e 2012. Esse trabalho de formação era realizado por meio das oficinas de formação em serviço. Como ele acontece? O formador vai pra escola e juntamente com os professores daquela escola, ele faz o levantamento das necessidades formativas e a partir daí se elabora o Projeto Formativo Específico para aquela equipe de professores. E, eu estava apresentando o que eu vivi, o vivido e o crido se realmente eu acreditava nesse trabalho, se eu acreditava naquilo que eu vivi.

Nós tínhamos momentos formativos enquanto formadores, tínhamos momentos de estudos, e, um dos autores que nós estudávamos era Américo Sommerman, exatamente esse que está aí na minha frente (ela sorri no áudio) me olhando, me ouvindo falar da sua própria teoria. Então, esse foi um momento emblemático muito importante em que eu, enquanto formadora, pude aprender bastante para minha formação. Eram momentos de estudos muito intensos e que havia necessidade de nós fazermos as reflexões com os professores na prática e a partir daí elaborar artigos, e desse trabalho eu produzir um artigo que foi publicado no livro das oficinas de formação em serviços. Então, esse momento formativo pra mim foi muito significativo pois ele traz a minha memória o sentimento que eu tive de ter um autor de um livro que eu estudei me observando e prestigiando o meu trabalho. Esse momento pra mim, enquanto formadora foi de muito crescimento e de muita importância dentro desse processo de formação de professor.

⁴³ Secretaria Municipal de Educação.

Ainda em relação a foto nove, eu preciso fazer mais essa observação: A partir da minha experiência de formadora eu voltei pra escola e depois eu voltei novamente pra o Centro de Formação de Professores como Tutora Educacional, para o qual se exigia outro tipo de formação. Eu fui atuar na Tutoria de professores em estágio probatório. Eu atendia professores da educação infantil e dos anos iniciais, com atendimento customizado, ...onde cada professor era atendido de acordo com suas necessidades em razão de serem professores em estágio probatório. Eu passei por um processo seletivo, formativo e mais uma vez assumir como formadora, como tutora educacional de leitura de contexto. O objetivo desse estágio era a observação dos espaços pedagógicos, para o desenvolvimento da escuta ativa do professor e também para reflexões juntamente com esse professor, a partir da prática, mudasse a sua própria prática.

Foto 19 - Curso de Formação de Formadores



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (2012).

Professora Rosemary, com uma trajetória importante e intensa na formação de professores, também aprendeu a ser professora formando professores. Desde então, tem trabalhado incansavelmente para contribuir com os achados de sua pesquisa acadêmica, atuando em cursos de formação, oficinas, publicação de artigos e na tutoria de professores em

estágio probatório, em período de experiência para comprovar sua capacidade profissional, exigido por Lei n.º 1.118, de 01 de setembro de 1971⁴⁴, do art. 20, seção III.

Como tutora formadora educacional, teve a sua atuação voltada para leitura de contextos, observação dos espaços educacionais pedagógicos, escuta ativa dos professores para que pudessem refletir sobre suas práticas e, assim, proporcionar mudanças de rotinas no trabalho docente.

O nosso percurso visual, ao analisar as fotografias da professora Rosemary, vai chegando ao final, a partir de dez fotos analisadas, uma narrativa com muito aprendizado.

A mais recente foto da sua trajetória traz as lembranças do doutorado no ano de 2019, quando se encontra ladeada por mulheres na sua banca da defesa da tese, ela cita o nome de uma por uma das presentes⁴⁵.

⁴⁴ Disponível em: https://semed.manaus.am.gov.br/wp-content/uploads/2010/10/Lei_1118_estatuto.pdf. Acesso em: 2 ago. 2021.

⁴⁵ Da direita para esquerda: (Prof.^a Dra. Ana Lucia – Universidade do Estado da Bahia; Prof.^a Dra. Marina Feldmann – Orientadora; Prof.^a Dra. Carmem Agem – Universidade do Estado de Roraima; Prof.^a Dra. Arlete – Curso de Pedagogia da PUC-SP e Prof.^a Dra. Neide Noffs do Programa Educação Currículo - PUC-SP.

Foto 20 - Defesa Rosemary – PUC-SP



Fonte: Arquivo pessoal professora Rosemary (2019).

Ao trazer essa memória das mulheres presentes, lembra que sempre foi influenciada por mulheres. Sua mãe, que foi sua primeira professora, ao lhe ensinar as primeiras letras; sua tia, que conseguiu uma vaga na escola nos primeiros anos de sua infância; a influência de sua primeira professora, uma pessoa muito afetiva que despertou seu interesse para a profissão e a importância de ter dado à luz três mulheres, ser mãe de meninas e ter duas netas lindas, sempre recebendo influência na sua formação profissional de mulheres, para Rosamary, foi muito significativo o momento. O universo feminino aparece assim, como componente do ambiente educacional e familiar, exceto pela presença do professor Américo Sommerman⁴⁶ que sorriu

⁴⁶ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/493857/americo-sommerman>. Acesso em: 25 jul. 2021.

para ela durante a apresentação realizada no final das oficinas de formação, quando utilizou as teorias do professor sobre interdisciplinaridade como referência nas atividades de formação.

A partir da foto de número dez, ela nos diz das suas lembranças que lhe vêm a memória daquele momento eternizado no tempo da defesa do seu doutorado,

Quando eu vejo essa imagem, me volta a mente a sala de aula, os colegas, os professores que eu conhecia apenas nos livros, passeando na minha frente como se fosse uma biblioteca caminhando diante de mim, as aulas, as falas dos professores, tudo volta a minha mente, o corredor da PUC-SP. Então foram momentos formativos, não só momentos formativos profissionais, mas, também pessoais. Esse ponto em que eu resolvi contar minha história de formação de doutorado é fundamental, para que hoje, eu seja a pessoa que eu sou, e para que hoje esteja assumindo o cargo que eu assumir. Atualmente eu estou na coordenação da Rede Colaborativa de Formação Continuada da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério na Semed de Manaus.

Por fim, ao contar sua trajetória, Rosemary professa seus valores na sua caminhada de estudante, desde os primeiros anos de ensino primário até chegar ao doutorado. O incentivo que recebeu das amigas, a influência e a admiração da mãe a maternidade foram fundamentais para o seu aprendizado, para que pudesse continuar sua formação e saber que tudo o que viveu faz parte do currículo formal da aprendizagem inicial, até a aprendizagem ao longo da vida e das responsabilidades como gestora de políticas educacionais. A mente aberta para ser educador(a) vai desenhando em sua vida a síntese entre teorias e práticas de uma educação mais humana e situada.

3.5 Professora “Miranda”⁴⁷

A professora Miranda (nome fictício) descreve sua trajetória de vida aspectos de recordações de eventos marcados por graves violações de direitos humanos, que afetaram a vida da sua família e a de muitos brasileiros.

No interior de suas narrativas doloridas, a professora traz conceitos de aprendizagem. Nos mostra o quanto aprendeu com as tias que se dedicaram, também, à educação dos irmãos e dos outros de modo informal; destaca a influência do tio com indicações de leituras críticas, de poesia e do lúdico que foi a base para seu desenvolvimento na infância até a fase adulta; a valorização do conhecimento em sentido amplo foi levada até sua graduação em matemática. Isso despertou, também, a sua solidariedade que era tão cultivada na família.

⁴⁷ O nome professora “Miranda” foi escolhido aleatoriamente para não identificar a entrevistada por seu nome próprio.

A professora fala da profunda tristeza que viveu com o desaparecimento do tio na época da ditadura militar (1964-1985) e a necessidade de manter a memória do tio viva através da arte, da educação, do bordado. O ano de 1964 ficou marcado em sua memória pela passagem do governo militar no Brasil, período que durou 21 anos, conhecido com “era do Chumbo”.

Miranda faz parte de uma família numerosa que migrou do Triângulo Mineiro, passando pelas cidades de São Paulo e São Vicente. Da cidade litorânea, ela nos traz uma fotografia na cor sépia que vai do castanho a um marrom, a foto traz alguns elementos, princípios do planejamento visual (ALMEIDA, 2021) com proximidade, alinhamento, fotos de pose que na maioria das vezes era orientado por fotógrafos profissionais, princípios utilizados também no design.

A foto mostra uma quantidade numerosa de pessoas, posando em uma escadaria. Entre essas pessoas, encontramos crianças, senhoras e homens, imagens da família e dos agregados tiradas na escadaria da casa da pensão onde viviam, em São Vicente, no ano de 1939.

Foto 21 - Pensão em São Vicente, Planalto Velho



Pensão Velha - São Vicente - SP - 1939

Fonte: Arquivo pessoal professora Miranda (1939).

A família administrava uma pensão, sobre a qual ela nos conta que: “*O grande aprendizado era cozinhar e fazer os cálculos necessários para manter o estabelecimento*”. Assim é a vida de muitos brasileiros, administrar o que têm, sobreviver com pouco para não passar fome, aprender a cozinhar e fazer os cálculos e os recálculos para somar e dividir os necessários à sobrevivência, transformar a prática em ação (COSENZA; GUERRA, 2011).

Família unida, todos sempre atentos às necessidades uns dos outros, marcou sua memória. A solidariedade era comum entre os familiares e os agregados que iam chegando. A “vaquinha” era comum entre eles para suprir as necessidades uns dos outros, na verdade destacada como uma forma de partilhar a pobreza do momento.

Naquela época, as mulheres da família estudavam só até o quarto ano do chamando curso primário, isso era comum. As mulheres que continuavam os estudos geralmente iam estudar depois dos filhos todos estarem criados. Miranda foi influenciada pelas tias que foram estudar e, depois, uma delas foi professora dos próprios irmãos.

A professora Miranda conta as suas memórias, com profunda tristeza. Embalada por cinco fotografias, abre sua narrativa.

Na narrativa, ela traz as fotografias dos avós maternos, como base da estrutura familiar, com os respectivos nomes na imagem. As fotografias, são tiradas dos guardados familiar de Miranda, imagens analógicas que passaram pelo processo de digitalização, é assim, desterritorializa o álbum de papel e nasce no digital (SILVA, 2008).

Silva (2008) aponta que as mulheres são responsáveis pela memória visual da família, fotos que mostra as aparencias, o que está visível para nós, orientado pelo fotógrafo, as imagens aparecem em forma teatral, semblantes sérios compenetrados, eram fotos às vezes tiradas em estúdios ou na própria residência onde se montava o cenário.

Foto 22 - Avós Paternos



João Soares da Costa



Maria de Moraes Soares

Fonte: Arquivo pessoal professora Miranda

Em uma das fotografias, ela apresenta o pai, a mãe, as tias e o tio “em preto e branco”. Eles aparecem em um plano fechado, estão em pose fotografável, sentados em um restaurante na cidade de Belo Horizonte, no ano de 1950.

Foto 23 - Pensão São Vicente, Planalto Velho



Fonte: Arquivo pessoal professora Miranda (1939).

Nestas fotografias, Miranda conta, basicamente, o trajeto de sua formação como educadora em meio aos tempos difíceis e sombrios em que viveu durante o governo dos militares no Brasil. Assim, a professora traz à memória o desaparecido do seu tio, sequestrado nas proximidades da residência dele, na zona sul de São Paulo, no ano de 1975. Sobre ele, a professora descreve a tristeza que a foto lhe traz, *“foi um pacifista, contra a violência e a favor de uma revolução comunista, aprendido e compreendido por ter sido militante do Partido Comunista (PCB) desde os 17 anos até os 61 anos, idade que tinha ao desaparecer, em 1975”*.

Assim, Miranda nos conta da angústia de ter um familiar desaparecido no período da ditadura militar:

Foi sequestrado perto de sua residência, na Rua Timbiras, 199 em Santo Amaro, SP), executado por seis homens em um veraneio, na cidade de São Paulo, em nome da ditadura. Seu irmão Osvaldo Costa denunciou o seu sequestro - relatado por vizinhos - em 26/02/1975 no 11º DP, conforme BO N°315/75. O crime foi denunciado em um jornal como tendo sido o sequestro de um rico comerciante da região, Manuel de Souza Gomes, nome usado na clandestinidade para que ele pudesse proteger-se da repressão. Além da tortura e morte, teve sua memória vilipendiada pela repressão militar. Foi um dirigente experiente, que já passara em silêncio por várias prisões e muita tortura. Em suas palavras: “sobre tortura não se conversa.

Conversar sobre tortura, falar sobre o assunto, o apoio e a solidariedade chegavam de vários lugares, entre eles da arquidiocese de São Paulo. Os familiares escreviam e denunciavam o ocorrido à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Destacou-se, nessa tarefa, Dom Paulo Evaristo⁴⁸ que procurou oferecer apoio aos familiares do desaparecido político.

As lembranças do tio lhe vêm à memória quase como processo de recriar as cenas e os sentimento, Kandel (2009, p. 187) vai afirmar que “*recordar é um processo criativo*”, e é neste processo criativo, instaurado pela visão da foto que Miranda começa a descrever a figura viva do tio:

Quando o vi pela primeira vez – lembrança enevoadada da infância -, contemplei um homem alto, magro, vestido com uma calça clara e camisa azul. Pensei que seus olhos fossem parte da camisa, ou a camisa parte deles. Era o homem mais bonito que conhecia. Fiquei atrás da minha mãe, olhando e sentindo a alegria que a sua presença trouxe a todos.

A professora conta da beleza, da alegria, da bondade que seu tio transmitia pelos lugares onde passava. Ela descreve um encantamento que não pode ser nem traduzido nem definido com palavras, lembra-se também de uma música, um conto de Chico Buarque e João Bosco.

A arte era considerada como subversiva, aos ouvidos dos governantes, a liberdade de expressão foi reprimida neste período. Assim, Miranda descreve,

Quando ouvi, pela primeira vez, a música Sinhá, de Chico Buarque e João Bosco, tive também uma reação de dor incontrolável, pela menção à tortura, vindos de um torturador de olhos azuis. Hoje sonhei com isso e identifiquei o fato: meu tio, “de olhos tão azuis”, sofreu tortura da sombria e esquiva ditadura.

A seguir, a letra da música Sinhá, extraída da internet⁴⁹. A música do Chico Buarque, fala da falta de justiça, da escravidão, dos sofrimentos, dos castigos, imposto pelo homem branco, senhor de engenho de “olhos azuis” ao povo negro, no decorrer da poesia, podemos imaginar o sofrimento desses seres escravizados.

*Se a dona se banhou
Eu não estava lá
Por Deus Nosso Senhor
Eu não olhei Sinhá
Estava lá na roça
Sou de olhar ninguém
Não tenho mais cobiça
Nem enxergo bem*

*Para que me pôr no tronco
Para que me aleijar
Eu juro a vosmecê
Que nunca vi Sinhá*

⁴⁸ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Evaristo_Arns . Acesso em: 17 jun. 2021.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.kboing.com.br/chico-buarque/sinha/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

*Por que me faz tão mal
Com olhos tão azuis
Me benzo com o sinal
Da santa cruz*

*Eu só cheguei no açude
Atrás da sabiá
Olhava o arvoredo
Eu não olhei Sinhá
Se a dona se despiu
Eu já andava além
Estava na moenda
Estava para Xerém*

*Por que talhar meu corpo
Eu não olhei Sinhá
Para que que vosmincê
Meus olhos vai furar
Eu choro em iorubá
Mas oro por Jesus
Para que que vassuncê
Me tira a luz*

*E assim vai se encerrar
O conto de um cantor
Com voz do pelourinho
E ares de senhor
Cantor atormentado
Herdeiro sarará
Do nome e do renome
De um feroz senhor de engenho
E das mandingas de um escravo
Que no engenho enfeitou Sinhá.*

Chico Buarque

O tio de Miranda era um incentivador de poesia, das artes. Ele era favorável a uma revolução comunista. O que é ser comunista? É confiscar propriedade privada e distribuir os meios de produção? Seu tio foi perseguido, capturado, torturado e morto no período da ditadura.

Assim, a ação se intensificou em torno dos líderes do PCdoB, os governantes temiam a reconquista dos conhecimentos que tinham os militantes veteranos. O tio de Miranda era jornalista e mantinha uma gráfica do partido na clandestinidade. Diante dos acontecimentos, Miranda nos conta os fios narrativos que levaram ao seu desaparecimento.

Ele foi levado para uma casa em Itapevi, centro clandestino da repressão ligado ao DOI-CODI/SP, uma das Casas da Morte, onde se submeteu a todo tipo de tortura. Seu corpo foi banhado em álcool, queimado e afogado no rio Avaré, segundo os depoimentos prestados à revista VEJA – e publicado em 18/11/1992 - por Marival Dias Chaves do Canto em 18/11/1992, ex-sargento e ex-agente dos órgãos de informação do Exército, que relatou terríveis e esclarecedores relatos sobre a barbárie dos porões da ditadura.

Assim, a barbárie foi conhecida e publicada por uma mídia com sede no Brasil, um veículo de comunicação, cuja missão é informar e divulgar a sociedade dos diversos acontecimentos regionais e globais.

A família da professora Miranda aguarda há décadas pelos restos mortais do tio desaparecido para dar-lhe um enterro digno.

As fotografias por meio das quais Miranda narra sua trajetória como educadora são apresentadas, na maioria, em preto e branco ou na cor sépia com exceção das fotografias que tirou do bordado feito em uma homenagem ao tio. Na época, não existiam fotos coloridas. Em uma das fotografias em que seu tio aparece, conseguimos visualizar seus olhos azuis, porque ela assim os descreveu com muita nitidez.

A transparência dos olhos azuis é revelada na fotografia em preto e branco e será que ao visualizar a fotografia do tio com muita nitidez, essa mesma clareza fez com que Miranda sonhasse em fazer graduação em matemática? Era esse seu projeto de vida. A professora foi influenciada pelo tio, com leituras teóricas de cunho político, econômico, poético e musical, um repertório variado com conteúdos nacionais que retratavam a realidade brasileira e internacionais, transitou por Karl Marx e Sérgio Buarque. Mas como a área de matemática lhe ocupou o interesse de profissionalização?

A memória traz as recordações de quanto o tio se colocava no lugar das crianças e dialogava com elas, e, o quanto isso foi fundamental para a sua formação na área da Educação, para formação de sua identidade.

Diante deste contexto, a professora foi tecendo seu caminho de aprendizagem não formal, sempre fazendo perguntas e mostrando um grande interesse pelas respostas. Miranda foi trilhando seu caminho na área da Educação, sobre a aprendizagem e a memória. A mente não nos engana, ela desperta elementos para a busca de ir adiante nos mistérios de seu entendimento. Para dar conta das questões levantadas pela memória, é chamada a cognição, como afirma Kandel (2009, p. 189),

Aristóteles e, depois dele os filósofos empiristas britânicos e muitos outros pensadores, havia proposto que a aprendizagem e a memória resultam, de algum modo, da capacidade da mente de associar de formar alguma conexão mental duradoura entre duas ideias ou estímulos. Com a descoberta do receptor NMDA⁵⁰ e da potencialização de longo prazo, os neurocientistas tinham revelado um processo molecular que poderia ser o responsável por esse processo associativo.

⁵⁰ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Receptor_NMDA. Acesso em: 09 jul. 2021.

Assim, a professora foi fazendo suas conexões, as associações e atenta aos valores que estavam ali, emocionalmente associados às coisas, viu a necessidade e aprendeu a ser parceira, como a esposa do tio. Miranda, ainda criança, atenta às atitudes da tia, olhava com certa delicadeza o movimento que ela fazia quando, nos dias de visita, levava comida, doces e frutas para o marido que estava detido. Além disso, levava sempre uma quantidade a mais, para distribuir entre os que ali se encontravam, além da comida, levava, também, livros, dicionários, calculadoras para que todos pudessem desfrutar, era uma forma de Educação. Nestas visitas, a entrada de jornais e alguns livros eram proibidos, pois alguns eram considerados subversivos⁵¹, a esse respeito ela nos conta,

Tia Aglaé não podia levar, em visitas, os jornais, mas resolveu brilhantemente a situação: levantava-se de madrugada, decorava as notícias que interessavam a ele, palavra por palavra, para que recebesse o que ocorria no Brasil e no mundo, sem a interpretação dela.

Elson era apreciador das artes visuais, sobretudo produzidas pelos brasileiros. No entanto, tinha uma atenção especial para Salvador Dali. Gostava de brincar com o estranhamento dos mais jovens e provocar a todos.

⁵¹Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/livros-sob-censura/>. Acesso em: 09 jul. 2021.

Foto 24 - O Homem Invisível – Salvador Dalí



Fonte: O homem invisível obra de Salvador Dalí, 1933

Poema para Elson Costa, de Miranda

*Ele continua
E está
Levitando em um quadro
Junto a mim.
Invisível em resgate,
Em limpeza,
Do seu tempo, do seu corpo,
Sua forma.
Este homem sempre invade
Minha paz.
Em silêncio, lentamente,
Na memória,
Recupero os seus traços,
Seu sorriso.
Choro duro,
Perco o sono
Quando escuto,
Em meu peito,
Quase surda,
Sua voz.*

M.H.

Miranda incentivada e estimulada à escrita desde a infância cria esse poema para o tio e diz das suas lembranças deste dia: *“Escrito no dia 6/7/2014 em Madri. Olhava o quadro de Dali e pensei em nosso homem invisível, tão presente há tanto tempo! Tio Elson! Nós ainda vamos conseguir esclarecer tudo, desejo e acredito ser possível. Para que a dor se anule e a paz se faça”*.

A professora cresceu e teve sua identidade de educadora formada neste contexto de uma família que se opunha a um governo que não respeitava os direitos de cidadania, de liberdade. As suas memórias são lembranças de dores profundas, mas, e ao mesmo tempo, lembra-se dos estímulos, das artes, da música, da poesia, das leituras críticas, dos incentivos que o tio lhe proporcionava e que foram fundamentais para sua trajetória de formação educadora. Foi, como ela diz: “do “encantamento com o lúdico e o belo” até uma admiração com “a fantasia e com o bem”.

Outras fotos digitais trazidas pela professora estão coloridas. São imagens que mostram o bordado que fez, uma forma de eternizar a presença do tio. Será por que o bordado emergiu como, uma forma de preservar os valores de cidadania e da democracia, a preservação da vida.

Foto 25 – Bordados



Fonte: Arquivo pessoal professora Miranda (2018).

O bordado surgiu como forma de proteger o homem do frio⁵². Os homens das cavernas costuravam suas vestes feitas de pele de animal, utilizavam a agulha feita de ossos e fibras de vegetais ou tripas de animais para costurar, bordar suas roupas, assim, para se protegerem do frio, eles bordavam e costuravam suas vestimentas.

Miranda participou de um projeto “tecendo memórias e ausências”, uma proposta feita através do bordado, assim, pôde expressar e tecer a memória do tio e de outro desaparecido político, bordou a data, a região e origem de nascimento e datas de suas mortes.

⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yz-mWfKQEfY>. Acesso em: 15 jan 2022.

Figura 10 – Tecendo memórias e ausências



Fonte: Arquivo pessoal profa. Miranda (2018).

Miranda finaliza sua narrativa assim,

O resultado do trabalho é bastante tosco, mas me vejo ainda sentada, quietamente, lutando para sair algo que dissesse quem eram os homenageados, sempre rememorando suas vidas e suas mortes, a manter dentro do peito a esperança de bordar, via educação, mais do que nunca a necessidade de preservar vidas e valores. As fotos contam trechos de vidas fortes, que deixaram traços valiosos em mim e nos meus filhos, minha narrativa pessoal do que aprendi com elas.

3.6 Professor “Marcelo”⁵³

Professor “Marcelo” traz, para a narrativa da sua trajetória profissional, oito fotos marcantes. Mas também, em seu texto de apresentação, ele alarga o significado do próprio conceito de retrato, como *tratamento* (trazer de novo à imaginação ou retrazer) e também como *retratação*. Assim, ele diz:

Posso dizer que *tractum*, tem o sentido de arrastar ou daquilo que é arrastado. **Significados mais usuais: trazer, trator, tirar de um lugar e levar para outro.** Daí vem tratado, tratado de paz, tratado de Tordesilhas, aquilo que trago para o papel, trago para a **assinatura como vindo de outro lugar para ficar ali registrado e guardado.**

Retratar-se tem outros e ricos significados. Eu me retrato por que me arrependo de algo que fiz e conto publicamente o meu arrependimento; em outro sentido, eu me retrato, quando me descrevo, quando me trato com maior precisão do vejo que sou e do como quero aparecer.

Aqui abaixo, eu trago retratos, tratados, retratados sem retratar-me do que fiz. Mas retratando ao mesmo tempo minhas escolhas e as manchas que estão nas memórias do meu eu e de pessoas que foram meu eu comigo.

⁵³ O nome professor “Marcelo” foi escolhido aleatoriamente para não identificar o entrevistado um nome próprio.

Foto 26 - Nova Friburgo - RJ

Fonte: Arquivo pessoal professor Marcelo (1952)

Professor “Marcelo” tinha por hábito, aos domingos, ir à Igreja com sua família. Era dia de terno, de encontrar com os santos, com Deus e com o padre da pequena Igreja na Nova Friburgo, que está representada logo ao fundo em uma das fotos. Ele escolheu oito fotos para iniciar a descrição de momentos de sua trajetória docente pelo olhar de algumas de suas paisagens e pessoas. Ao lado da Igreja de Santo Antônio existia uma fonte que chamava sua atenção. A fonte chamava mais a atenção dele do que a própria Igreja. Era a “fonte do suspiro”. Ali, águas puras vinham do morro, na cidade pacífica com muitas montanhas, ar limpo e rios.

A vida, afirma Marcelo, “*era tão pacífica como nos fazem imaginar os cartões postais das montanhas nevadas do Canadá*”. É assim, como ele, pelas fotos, analisa a sua memória a vida pacífica na pequena cidade do interior do Rio de Janeiro. Para ele, as montanhas com neve de país distante como o Canadá eram o símbolo da tranquilidade, mostradas emblematicamente nos cartões postais.

As imagens e seus tantos significados o acompanham para sempre. Neste contexto, de transportar o corpo de um lugar para outro, de Nova Friburgo para o Canadá, Flusser (2008) observa que foi criado algo novo e recente, o digital, e assim, nessa perspectiva, temos a

possibilidade de transcodificar qualquer imagem e reproduzi-la quantas vezes for necessário e alcançar qualquer pessoa, mesmo distante.

Há alguns elementos que Marcelo escolheu que merecem ser destacados. De um lado, a segurança dos pais presentes com uma característica de organização própria da família nuclear burguesa, como o uso do terno, que é um distintivo de grupo social, mesmo na criança. A pequena família cumpre rituais dominicais e se agrega em torno de valores religiosos. Fica clara, também, a função da urbanização, pela clara importância da cidade, suas fontes, igrejas e clima como agregadores de uma vida de qualidade e protegida.

Foto 27 - Colégio religioso na cidade de São Paulo



Fonte: Arquivo pessoal do professor Marcelo (1971).

Na segunda foto, em 1971, professor Marcelo, então com 28 anos, teve a primeira carteira assinada. Ele narra que começou a trabalhar em um colégio religioso na cidade de São Paulo. Retrata que seu desejo de entrar na educação estava ligado à vontade de fazer com que as pessoas gostassem de estudar, de aprender, de viajar por todas as dimensões do saber. Assim, convenceu as freiras do Colégio da necessidade de fazer com que as alunas “*aprendessem a gostar de aprender*”. *O motivo pedagógico pelo qual fazia estas atividades era o desejo de valorização do prazer de estudar, de pesquisar de observar.* A partir desse projeto de estudos, ele criou uma inovação na sua metodologia de aula. Não só para as suas aulas, mas, provavelmente, para toda a escola. Como foi a proposta metodológica do professor “Marcelo” para realizar a promessa de estimular que as alunas gostassem de aprender?

As alunas deveriam fazer um dossiê semanalmente, documentando toda a leitura que fizeram nos jornais do dia, (a partir dos temas escolhidos) sublinhar as ideias principais, fazer sínteses das leituras, recortar os artigos e colá-los em folhas numeradas de papel jornal. Essa atividade foi feita durante um ano, permitindo que as alunas percebessem a evolução do tema escolhido. Entre os grupos, também trocavam os vários temas.

Os temas eram vastos e sua articulação era feita pelo professor Marcelo. Com sínteses mensais e semestrais, destarte, todos ouviriam uns aos outros, com breves apresentações. Ao ver a fotografia, ele conta essas lembranças com detalhes significativos, tais como o processo de negociação com o corpo pedagógico da escola. Mas o trabalho dele, de convencimento, teve que ser feito, também, com as alunas. Historicamente, tal trabalho dava-se no contexto das lutas estudantis de 1968, em várias partes do mundo, inclusive nessa época, era o fim da guerra no Vietnã.

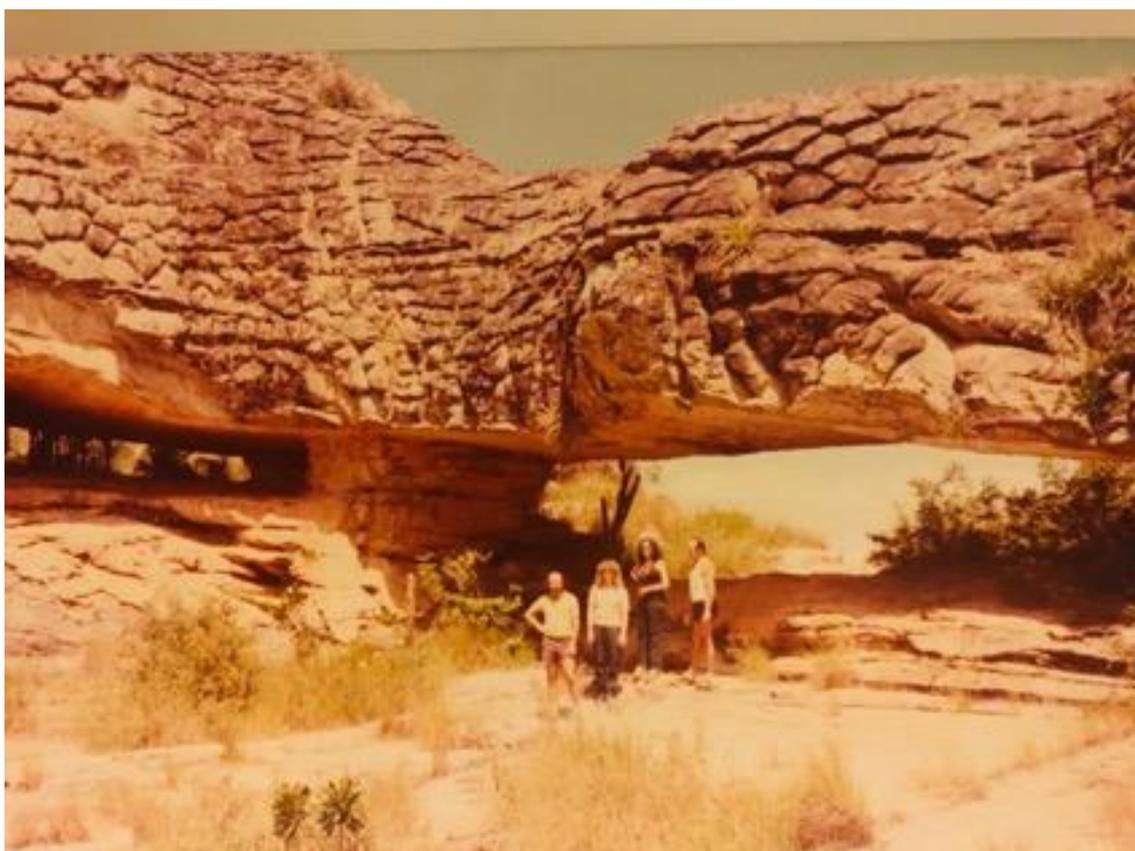
É interessante destacar que naquela época o professor já trabalhava com metodologias ativas em sala de aula, hoje, essas metodologias estão sendo cada vez mais utilizadas com o auxílio das tecnologias digitais. A escolha da metodologia, que provavelmente nem tinha o nome de metodologia ativa, supunha sua visão de que os alunos aprendem melhor e mais significativamente quando fazem, buscam, comparam, resumem, acompanham o fluxo de algum acontecimento, troca com os colegas. Enfim, a fala do professor como mestre se valida após o trabalho do próprio aluno. Nesse trabalho, o aluno se sente ativo, importante para gerar bases para a sua curiosidade e ao mesmo tempo sente falta de algumas formas de interpretação da realidade. O professor pode fazer esta tarefa, sintetizar, organizar, problematizar e lançar novas questões.

Professor Marcelo fala do significado que o colégio representou para ele. Ele chama essa representação de colheita que vem com a junção das experiências com as pessoas, as ideias

e o conhecimento, aqui ele traz as marcas que estão na memória do seu “eu” e dos que o ajudaram a compor sua identidade individual e coletiva.

Para ele: *“na escola tem de tudo, das artes rupestres e das artes primitivas das crianças, às geografias, passando pela literatura, pelos jogos barulhentos nas quadras cheias de redes, de bolas e de cheiro de suor da garotada”*.

Foto 28 - Parque Nacional Das Sete Cidades – Piauí



Fonte: Arquivo pessoal professor Marcelo (1980).

Contudo, com sua experiência em montar currículos para inovações oferecidas pela LDBEN, começou a ser convidado para trabalhar com formação de professores e articular o desenvolvimento de políticas públicas na área de Ensino Médio. Por conta disso, viajou o Brasil todo. Em uma dessas viagens conheceu o Parque Nacional Das Sete Cidades – Piauí, considerado Patrimônio Mundial da Unesco, o local com uma formação geológica como se fosse uma biblioteca a céu aberto, onde podem ser vistas as imagens gravadas em incisões na própria rocha. Visita que aconteceu, fora das quatro paredes da escola que estava acostumado. Hoje, podemos contar com o auxílio do digital que transporta os corpos dos alunos para ver, observar essa coleção. Nesse sentido, Flusser (2008) acrescenta,

Um indivíduo pode adquirir um corpo que transporte imagens – pode comprar, roubar ou conquistar – e torna-se receptor exclusivo da mensagem. Recentemente Inventou-se algo novo: é possível produzir imagens incorpóreas, superfícies “puras”, e é possível traduzir (transcodificar) todas as imagens anteriores nesse tipo de imagem. Nesses casos, os receptores não são mais transportados: essas imagens podem ser reproduzidas à vontade e alcançar cada receptor isolado, onde quer que ele esteja (FLUSSER, 2008, p. 152).

Assim, com essas viagens, aprendeu sobre avaliação em larga escala, novas metodologias de sala de aula, análise de políticas públicas nas dimensões e diversidade do Brasil. Como a maioria desses trabalhos eram feitos nas Escolas Técnicas Federais, a questão da educação tecnológica também tornou-se objeto de seus estudos. Isso mostra a importância e o comprometimento das Universidades e das Escolas Técnicas Federais com os grandes problemas contemporâneos e o compromisso que tais agentes educativos podem exercer no país.

Foto 29 - Escola de Heliópolis



Fonte: Arquivo professor Marcelo (2001).

Em 2001, professor Marcelo toma posse na Secretária Municipal de Educação, então as recordações lhe vêm à mente através da fotografia. A visão da foto o transporta de um lugar para outro rapidamente. Lembra, então, da distância geográfica entre sua cidade natal e a cena

na maior cidade do País, onde ele toma posse como novo Secretário de Educação de São Paulo. As memórias lhe reveem à mente quando observa a fotografia de quando era criança. Lembra-se de como estava vestido com terno e agora, nessa ocasião especial, está com o mesmo tipo de vestimenta que usava para ir à Igreja ver os santos, Deus e o padre. Agora, com nova tarefa.

Em uma das fotografias selecionadas, professor Marcelo conta detalhes de como foi a visita que fez a uma escola de Heliópolis. Essa visita foi marcada por um dia chuvoso. Ao trazer essas lembranças, da mesma forma, imagina o barulho da porta que se abriu ao tocar a campainha “*A portinhola abre cansada, e a voz pergunta: com quem deseja falar?*”. O Professor fala das suas emoções ao conversar com a diretora, com os professores e ver os murais. E depois, conta a história da merendeira que não o deixa almoçar, porque “o almoço é para os alunos e professores”.

Assim, as fotos também lhe trazem alguns questionamentos sobre o sentido da educação: “*o que está por trás da cultura, a vida, a realidade das pessoas que povoam dão sentido a escola?* Então, ele mesmo se pergunta: “*O que entendo eu de escola? Da vida de cada unidade que é povoada por seres completamente ímpares e muito mais ricos que a biodiversidade da amazônia? O que temos que aprender com elas sobre a realidade?*”.

Quantas informações e lembranças professor Marcelo pode extrair das suas fotografias para construir a sua identidade docente? Inúmeras recordações e conhecimento, a formação na infância, o início da dedicação à vida docente, a formação da identidade individual e a identidade coletiva com os professores e alunos, a importância da metodologia utilizada em aula para motivar os alunos e, assim, gostar de aprender. Numa época em que o mundo presenciava a guerra do Vietnã, ele propõe a criação de um dossiê como estruturador de suas aulas. Propõe, então, às alunas, leituras de diferentes temas encontrados nos jornais e onde elas poderiam escolher um tema de interesse para se dedicar durante o semestre, documentando sistematicamente as experiências de leitura e suas reflexões.

A diversidade das metodologias, ao sair das quatro paredes da escola, para ir para o mundo das notícias e diversificar o modo de ensinar e aprender, ao mesmo tempo, todos esses conhecimentos contados através das fotográficas que permitiram relembrar o passado e entender o presente e, seguramente, reconstruir o que foi o futuro de sua profissão. Fosse esse o objetivo de nossa tese poderíamos entrevistar o professor Marcelo para saber como é seu trabalho agora com o uso das TV e redes sociais e como as lembranças dos anos 1970 tiveram impacto na sua vida atual.

3.7 Educadora “Luciana”

[...] como forma de dar sentido à própria vida, à experiência do tempo vivido; e sobre compreender como a realidade é construída.

Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida e José Armando Valente

Nas fotografias a seguir, Luciana (nome fictício) buscou dar sentido à sua história de vida, aos conteúdos escolares e às experiências vividas no individual e no coletivo. Através da memória, traz lembranças das pessoas que foram importantes e que lhe deram sentido à própria vida. Dessa forma, constituíram uma formação humana pela experiência coletiva como ou pelo exemplo dado.

As aparências, as escolhas, o tempo e seus possíveis significados.

As fotos da Luciana foram organizadas por uma sequência temporal.

Os eventos são marcados por atos e valores ligados à sua educação. Momentos nacionais e internacionais da atividade da profissão de educadora. O primeiro momento foi marcado pelo evento do qual participou no mestrado: *Círculo de Cultura de Paulo Freire: Arte Mídia e Educação*.

A primeira fotografia que Luciana destaca, foi um evento organizado pela orientadora Prof.^a Dra. Margarida (nome também fictício). Nos acontecimentos marcantes da sua vida a professora sempre estava envolvida que também envolvia outros estudantes. O trabalho participativo, parece uma constante da professora Margarida, pois as fotos privilegiam as atividades de grupos.

Luciana descreve que, a partir da fotografia, se recorda desse momento, quando, ao sistematizar os seus conhecimentos práticos, foi possível fazer associação teoria e prática em Paulo Freire.

Como todo curso de pós-graduação tem suas exigências, nessa perspectiva ela conta que publicou seu primeiro artigo no evento, sistematizando sua prática, no livro digital: *Círculo de Cultura Paulo Freire, Arte, Mídia e Educação*⁵⁴.

⁵⁴ Disponível em: <https://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/2015/08/18/circulo-de-cultura-em-livro/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Foto 30 - Memorial da América Latina



Fonte: Fonte: Blog Pedagogia da Virtualidade (2014)⁵⁵.

Na foto acima, Luciana apresenta a sistematização dos conhecimentos sobre suas atividades na Universidade onde trabalha. Uma das atividades era a diagramação de pôsters para eventos científicos, seminários e congressos. Vemos aqui, no fundo da sala, uma tela projetada, com os princípios da elaboração, confecção de um pôster e a distribuição dos elementos no layout da página. A esse respeito, Almeida (2021, p. 72) acrescenta:

O layout contém a distribuição de elementos como texto, hipertexto, fotografia, gravuras, gráficos ou esquemas, ou seja, imagens e texto. Trata-se da relação de alguns elementos em um determinado espaço e, dentro desse layout, é possível aplicar mais alguns elementos, tais como: Proximidade; Alinhamento; Repetição e Contraste.

Ainda neste sentido das características visuais, Aumont (2012, p. 82) nos diz:

[...] que muitas características visuais do mundo real se encontra tais quais nas imagens, que, até certo ponto, vê-se nestas últimas “a mesma coisa” que na realidade: bordas visuais, cores, gradientes de tamanho e de textura etc. De modo mais amplo, pode-se dizer que a noção de constância perceptiva, que está na base de nossa apreensão do mundo visual, ao nos permitir atribuir qualidades constantes aos objetos e ao espaço, está também no fundamento de nossa percepção das imagens.

⁵⁵ Disponível em: <https://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/2014/09/30/circulo-de-cultura-paulo-freire-arte-midia-e-educacao-3/>. Acesso em: 31 out. 2021.

A análise da imagem acima nos faz perceber as cores quentes do ambiente, a linhas dos equipamentos que se entrelaçam, a textura do piso e o olhar atento da Prof.^a Dra. Ângela (nome fictício), pesquisadora, artista plástica em arte contemporânea e fabricação digital, sentada a mesa, acompanhando a apresentação de Luciana. Dentro da sala, alguns colegas que acompanhavam a oficina com perguntas e complementando, trazendo outras contribuições para o tema em questão. Luciana lembra-se das atividades intensas do mestrado:

As atividades eram intensas no começo do mestrado. Publicações, participação em eventos, sem contar a dimensão internacional, uma exigência do programa da Universidade (UNINOVE). A professora, orientadora ajudava os alunos a fazerem os cálculos das milhas para ver se seria possível os pesquisadores fazerem a viagem ou não. Com ajuda dos alunos e com os contatos que ela tinha no Uruguai, alugou uma pousada e organizou a agenda de visitação em escolar e projetos de inclusão de tecnologia social. Era uma proposta para conhecer outros contextos e apresentar nossas pesquisas.

Na fotografia a seguir, Luciana aparece na imagem, radiante e aparentemente ansiosa⁵⁶. Ao recordar e rever a imagem, trazendo a memória para o intelecto (AUMONT, 2012) a faz lembrar desse detalhe: era sua primeira apresentação sobre o tema de pesquisa: “**A fotografia digital no design educacional de Cursos de Pedagogia a distância**”⁵⁷, um seminário no Uruguai, apresentado na *Universidad de la República* (única Universidade Pública no país)⁵⁸.

A educadora apresenta na foto sua proposta de pesquisa do mestrado. Na imagem, o slide projeta como se fosse uma luz ao fundo, ilumina o ambiente da sala, ao lado esquerdo, uma figura, a imagem pintada na parede, aparentemente de um jovem estudante, com tons radiantes monocromáticos, acompanha os tons da tela iluminada, na sala o grupo de estudantes, mestrandos e doutorandos do programa “Educação e Práticas Educacionais”, um grupo de brasileiros e também alunos e professores da própria *Universidad de la República*.

⁵⁶ A amorosidade da sua orientadora fez com que a adrenalina acalmasse, pode se sentir mais segura.

⁵⁷ Disponível em: https://issuu.com/margaritavictoriagomez/docs/emancipacion_digital. Acesso em: 18 out. 2021.

⁵⁸ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidad_da_Rep%C3%BAblica. Acesso em: 23 out. 2021.

Foto 31 - Uruguai na Universidade de la República



Fonte: Blog Pedagogia da Virtualidade (2014)⁵⁹.

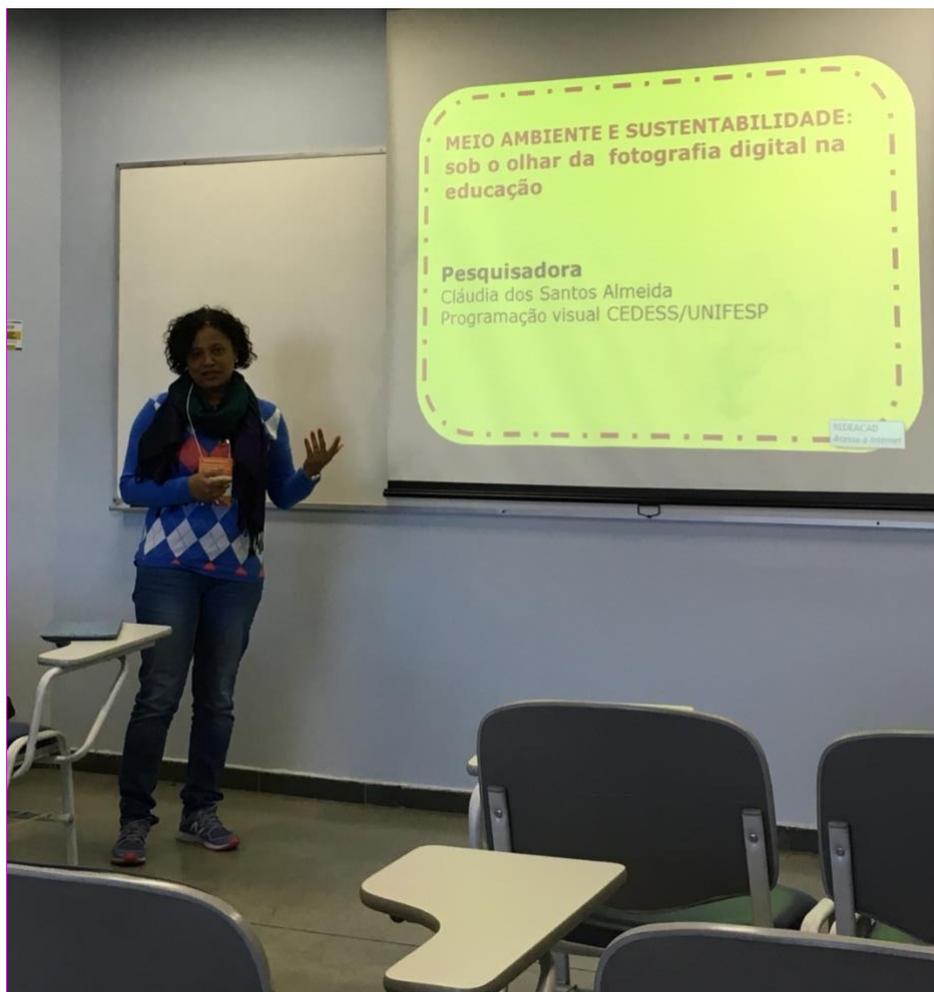
Ao olhar para a imagem, Luciana descreve e revive os momentos intensos da viagem.

À época dessa foto, no intercâmbio a proposta era de conhecer a realidade e contexto local, de inclusão tecnológica e social, conhecendo a cultura, as políticas, as teorias, as metodologias e sobre os novos meios de comunicação, e as tecnologias digitais utilizadas nas escolas daquele país. A memória está povoada de lembranças desse intercâmbio e uma delas é a lembrança das perguntas feitas aos maestros da Escuela 339 Donación Jose Roger Balet, se a fotografia era utilizada para problematizar o cotidiano do aluno, que por vezes não é pensado. Então, os *maestros* responderam que as fotografias eram utilizadas somente no blog, com o objetivo de informação para os pais para acompanhar as atividades dos filhos na escola.

Essa experiência foi conhecimento na prática, conhecendo o chão da escola, os contextos, associando as teorias a prática, uma imbricada a outra.

Na perspectiva de aprimorar a formação do educador e conhecer outros projetos, Luciana relata ter participado de um seminário na Universidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, no ano de 2016.

⁵⁹ Disponível em: <https://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/modulo-internacional-uruguay/>. Acesso em: 18 out. 2021.

Foto 32 - Universidade de Sorocaba

Fonte: Arquivo pessoal da educadora Luciana (2016).

Na foto, Luciana, aparece com uma blusa na cor monocromática, no tom azulado, apresentando o trabalho sob o tema **“Meio ambiente e sustentabilidade sob o olhar da fotografia digital na Educação”** descrito por ela como sendo um desdobramento da sua dissertação do mestrado – na perspectiva das teorias do Educador Paulo Freire, quando diz que: *“Em nossa prática, usamos codificações ora feitas por nós, ora pelos educandos; às vezes fotografias, às vezes desenhos; já um pequeno texto, já uma pequena dramatização em torno de um fato concreto”* (FREIRE, 2010, p. 62).

Assim, nesta perspectiva continua a caminhada acadêmica. Na próxima foto, Luciana retorna à escola onde apresentou sua proposta para sensibilizar os estudantes sobre a questão do lixo que é descartado no rio.

Foto 33 - Escola Irmã Annett Marlene Fernandes de Mello



Fonte: Arquivo pessoal da Educadora Luciana (2016).

Em 2016, depois de ter defendido a dissertação, Luciana voltou à escola, onde apresentou sua proposta da pesquisa do mestrado. Ela relata que rememorou as lembranças de aprendizado que teve neste dia, no horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC).

Essa foto foi muito importante, especial e gratificante, porque voltei à Escola onde apresentei a minha pesquisa pela primeira vez e retornei para dar uma devolutiva do resultado para essas professoras e a coordenadora, professora Juliana, ela quem tirou a foto, sempre nos atendeu muito bem na escola, atenta as propostas dos pesquisadores e as inovações. Neste dia os professores discutiam a importância de levar os alunos ao cinema, ao teatro, os diversos passeios, então, eles estavam preocupados com a verba, o incentivo que o governo tirou para a finalidade da cultura, também fiquei sabendo que depois da sensibilização que fizemos na escola eles continuaram com a proposta e também construíram uma horta que os alunos estavam cultivando. Quando começamos a conversar uma das professoras se levantou e perguntou como eu tinha achado aquela escola, aquele lugar tão distante? Então eu respondi que elas continuassem, não perdessem as esperanças de incentivar os alunos ao interesse pela cultura, ir ao teatro, ao cinema a olhar o mundo e que esse olhar foi de grande ajuda para ver algumas questões contemporâneas.

Na imagem acima, Luciana está posicionada logo no centro da sala, usando um vestido preto e branco. As professoras posam para a foto sorridentes, uma sala iluminada, com luz e textura nas paredes clara, acompanhando a simetria do piso em tons azulados, os manequins de

ciências aparecem na composição, juntamente com os aparelhos projetores. Aumont (2012) nos diz que essa é uma apreensão do visível ligado às funções sensoriais.

Dentro do clima dessa percepção visual, Luciana encontra as professoras com o objetivo de dar um retorno, uma devolutiva da pesquisa, contar os resultados, as conclusões finais da proposta apresentada inicialmente.

Luciana comenta que essa foto foi tirada pela coordenadora pedagógica, professora Juliana, que sempre a recebeu muito bem na escola e sempre atenta às inovações e propostas dos pesquisadores. Então, as memórias lhe vêm à mente ao olhar a fotografia. Quando uma das professoras se levantou e perguntou como ela tinha visto aquele bairro tão longe e distante, ela comenta:

Então eu respondi que elas continuassem, não perdessem as esperanças de incentivar os alunos ao interesse pela cultura, se interessassem a ir ao teatro, ao cinema, a olhar o mundo e que esse olhar foi de grande ajuda para ver algumas questões contemporâneas.

A educadora pode conhecer a realidade desta escola, a vulnerabilidade das crianças, alguns projetos que a escola mantinha com outras instituições de saúde, como convênio com oculista para atender às crianças carentes.

Logo na sequência, Luciana traz e comenta a fotografia da sua formatura em 1991, quando concluiu sua primeira graduação em Ciências Contábeis.

Ladeada pela presença dos pais, ela sorri. Radiante de alegria e felicidade, no plano de fundo há flores e uma fonte de água abrilhantavam a noite, no primeiro plano a formanda e os pais, vestidos de trajes especiais.

Luciana comenta: “*mainha gostava de vermelho, mas neste dia estava com uma roupa cor de rosa*”. O vestido da formanda era na cor champanhe, o colar de perola acompanhava a ornamentação, que ganhou brilho como o anel que o pai lhe deu de presente, uma antiga promessa.

A experiência tornou-se ainda mais especial com a presença das figuras paterna e materna. Tornando a situação peculiar, deixaram de lado as suas diferenças para aproveitar o momento.

Foto 34 - Formatura Graduação

Fonte: Arquivo pessoal de Luciana (1991).

O que Luciana destaca no testemunho dado pelo sorriso largo da mãe é a sua luta para realizar “sonhos de vida melhor, em São Paulo”, vinda da Bahia nos anos 1970. A alegria retratada era de ver os sonhos realizados e documentados naquele momento único, mas que se compõem com um projeto de vida que a mãe sempre carregou e alimentou, afirma ela.

Projeto de vida que possibilitou o sonho da casa própria, pois com muita luta, foi sorteada no sistema habitacional Cohab, em Itaquera, bairro localizado na zona leste de São Paulo. Distante da região central, o bairro oferece menos opções de lazer e entretenimento. O convívio social era quase restrito à escola e às igrejas locais. As fotografias, a seguir, representam esses momentos.

Foto 35 - Escola Estadual Ruth Cabral Troncarelli, 8 série C



Fonte: Arquivo pessoal da educadora Luciana (1983).

Na foto, acima, Luciana recorda quanto estava no ensino fundamental. As lembranças vão chegando como um processo criativo (KANDEL, 2009). Assim, ela descreve as pessoas, destacando que tais momentos que ficaram eternizados:

Essa foto é muito especial, eu me lembro desses professores queridos, Luiz de Geografia e professora Jandira, especialista em ciências, ao fundo do lado esquerdo a professora Ana de português (com uma rosa vermelha na mão) e o professor Carlos de história (atrás da profa. Ana), é o único de barba, e os demais colegas. Era a nossa formatura da 8ª Série, estávamos todos alegres e festivos, vestidos com blusa branca e calça ou saia azul. Esse foi o combinado, para não pesar no bolso dos estudantes, uma árvore de natal logo ao fundo, pois era dezembro. Os colegas disputavam para tirar uma fotografia com o casal de professores que se conheceram na escola e ficaram enamorados. Professor Luiz era um modelo, exemplo de professor, gostava de frequentar a casa dos alunos, chegou a ir ao nosso humilde apartamento na Cohab, tomar o café da tarde, era uma alegria quando ele aparecia.

Pode-se constatar pelo sequenciamento e escolha das fotos que a escola e a Igreja tiveram importância na vida da educadora Luciana. Foi lá que, segundo seu testemunho, aprendeu valores de cidadania, convivência, ordem, amizade, alegria.

As meninas sorridentes, na foto logo abaixo, celebram mais um aniversário da mocidade na Igreja, ela conta.

Essa foto, lembro-me da minha mocidade, eu na ponta ao lado direito de blusa azul, no meio a Rose, Cláudia e Isabel ao lado esquerdo, ambas as três foram líderes na época da mocidade. Durante os trabalhos que realizavam: organizavam eventos com a participação dos jovens, passeios, intercâmbios, e outras atividades para envolver a moçada.

Foto 36 - Aniversário da mocidade



Fonte: Arquivo pessoal da educadora Luciana (1987).

A importância do convívio com os outros vai se revelando nas imagens que Luciana traz para contar suas lembranças da juventude: *“Com a mocidade participei de eventos, acampamentos, saía para jogar futebol, me envolvia com os outros, com estudos bíblicos. Muitos colegas conhecidos morreram, perdi alguns conhecidos que fizeram suas escolhas ao se envolverem com drogas”*.

Luciana procura pensar, fazer as relações e suas reflexões com tudo que aprendeu e viveu.

No decorrer da história de realizações da figura do pai e da mãe, Luciana traz à memória um detalhe nada pequeno: a mãe era aficionada por fotos. Tanto é que lhe deu as primeiras “máquinas fotográficas”. Insiste Luciana: *“Ela também gostava muito de fotografia, tirava muitos retratos. As primeiras máquinas fotográficas ganhei dela e o primeiro gravador”*.

Certamente Luciana esteja destacando o uso das fotos porque seu trabalho profissional, tantos anos depois, vai recair em atividades ligadas à área de fotografia e seus derivados.

O caráter batalhador da mãe, complementa-se com o da figura paterna que é valorizada pelo seu empenho em se tornar um homem bem informado, apesar das dificuldades de leitura, afirmando que ele se situava entre os analfabetos,

Dentre os analfabetos do país, meu pai era um deles. Aprendeu a escrever, a contar e a ler seu nome sozinho, sempre trabalhou para as famílias dos descendentes de coronéis em Ilhéus. Tive a oportunidade de conhecer Jorge Amado através dessa família, quando ele escreveu a primeira versão da novela Gabriela, mas, nesta época, não tinha consciência do significado das suas obras. Meu pai gostava de ouvir rádio antes de sair para o trabalho. Quando chegou a televisão, assistia também, estava sempre muito bem informado.

Assim, Luciana continua suas lembranças ao rever a fotografia, com os cheiros e sabores do nordeste, revividos pela imagem do seu pai,

As lembranças, os cheiros e as imagens lhe vêm à memória: logo cedo ele acordava, a casa era tomada pelo som das notícias do rádio; o cheiro da carne-de-sol; da banana da terra e a farinha de mandioca, refeição que levava na marmita. Cheiros e sabores do nordeste, para dar conta do trabalho pesado que fazia.

Destaca, assim, que seu pai, analfabeto, era o homem que lhe inspirou a curiosidade e a necessidade da contínua busca de informações “*ele dizia só vai colocar um anel no dedo, anel de formatura*”. A mensagem estava transmitida. O emissor lançou seu ensino, sua orientação. A esse respeito, Flusser (2008) acrescenta: que uma mensagem tem um emissor e um receptor. Nesta perspectiva de receptor, como será que Luciana conviveu com essa mensagem do pai? A partir das imagens, ela criou esse mundo de lembranças que transitam dos cheiros às formas e aos sentimentos.

Mas a janela azul – que “não era azul na época” – é a vibração mais fotogênica no seu lembrar do pai. Mudou a cor da janela, mas não mudaram as lembranças. Diz ela: “*Muitas vezes, debruçado sobre a janela, que na época não era azul, ele ficava por horas, à noite, a nos ver e as crianças do bairro, pular corda, brincar de roda e pega-pega*”. A descoloração da janela, não apagou a coloração da vida lembrada, que foi pintada anos depois, mas a cor da infância traz a lembrança do anil do céu e das purezas que ele inspira. Os alaridos das crianças, em seu ir e vir dos jogos e gritos, são os componentes do áudio com tanto visual afetivo carregado na cor da janela.

A feira e as praias, de rio ou de mar, eram outros cenários que envolvem a figura paterna e os fins de semana. Ilhéus dos coronéis proprietários e as suas praias propriedade de todos. Em tudo, a partir de fotos, que poderíamos considerar monotemáticas, se vislumbram os valores

que se criaram na vida do território, das pessoas e, sobretudo, aqui, das relações familiares que constituem os primeiros mediadores com o projeto de mundo e de vida que Luciana construiu.

Seu irmão e ela ingressam num mundo de rituais de passagem e os cumprem, com gala e orgulho, mesmo sem ter tido o exemplo dos pais para aqueles ritos.

Foto 37 - Igreja nossa Senhora Aparecida Ilhéus/BA



Fonte: Arquivo pessoal da educadora Luciana (1976).

Embora todos os rituais fossem densos e relevantes, as figuras familiares constituíram mais o cenário do que são o conhecimento, a fé, a escola e a religião vivida. Ela aprendia, vivia e se perguntava sobre o sentido de todas elas naquele contexto.

Essa foto me faz lembrar da minha tia Aurelice, foi dona de restaurante preparava uma carne-de-sol como ninguém, conhecia a técnica e ensinava a outras pessoas que lhe perguntavam. Titia teve um papel fundamental neste dia, preparando os protocolos necessários para o evento, a ornamentação do cabelo, o vestido. Titia era professora e as vezes me fazia cobranças sobre algum aprendizado, fez questão de se encarregar dos preparativos desse momento, mãinha, nesta época já estava em São Paulo, em busca de uma vida melhor. Eu fiz a primeira comunhão porque estudava no convento – Nossa Senhora da Piedade, Colégio Santa Ângela na Cidade de Ilhéus-BA. Estudando na escola do convento, às vezes, quando estava aprendendo geografia, me perguntava: “pra que essa matéria vai me servir”. Então pensava nas praias, nos momentos que poderia estar andando de bicicleta ou mesmo tomando um banho de mar ou no rio.

Para que me servem a escola e a aprendizagem?, perguntava-se, Luciana. A resposta clara para ela não vinha da própria vivência da escola, mas dos testemunhos dos pais que viam nos estudos uma chance de ir mais adiante do que eles foram em termos formais de aprendizagem. Fica claro para Luciana que o mais importante do testemunho dos pais era sobre seu modo de ver a vida, de criar os filhos, de plantar e cuidar da natureza, de se orgulhar das formaturas dos filhos.

A influência dos pais, contínuos valorizadores do saber, reaparece anos depois na figura de colegas de trabalho como na de “*Vanderli, que saía de Ferraz de Vasconcelos e no trajeto para o trabalho, lia a Folha de São Paulo, chegava ao trabalho com o jornal todo revirado*”.

Luciana via a figura do pai, que ouvia rádio e assistia televisão preocupado em saber e em se informar sobre outros lugares, culturas, problemas, paisagens bonitas que aconteciam pelo mundo afora. Vanderli foi guardada entre seus achados fotográficos e foi valorizada.

Foto 38 - II Congresso da Rede IDA



Fonte: Arquivo pessoal da educadora Luciana (1993).

Na foto acima, ao lado dos companheiros na Universidade⁶⁰, Luciana aproveitou as oportunidades para se desenvolver. Circunstâncias não faltaram, e aproveitou todas.

Esta foto foi o primeiro congresso que o Centro de Apoio a Pesquisa e ao Ensino (Cape) organizou. Estávamos todos felizes por realizar e também pela participação no evento. A roupa foi escolhida pela comissão organizadora preto e branco e o lenço era uma ornamentação para as mulheres, até hoje tenho esse lenço, foi pintado justamente para esse evento. Na fotografia falta alguns companheiros de trabalho como o João e a Solange. Solange a amiga, com a qual, aprendi e tomei gosto e amor pelas atividades que realizávamos na Universidade, nos tempos livres, no ócio, juntas planejávamos visitas a museus, bienais, na busca de novidades e referências para nossas atividades. Buscávamos sempre inovar em nossas tarefas, mesmo com muitas dificuldades para realização de cursos que não eram custeado pela instituição, não deixávamos o desânimo abater, inovávamos com o que era possível, algumas vezes com os cursos gratuitos do SESC, buscávamos as novidades as atualizações do momento.

A foto é, de fato, simbólica, mostrando os momentos de aprendizagem com os colegas e com os professores do Cedess), com seu amplo sentido da cultura de pesquisa e ensino. No Cedess, Luciana desenvolveu a admiração e a vontade de se dedicar à pesquisa.

⁶⁰ No centro, Luciana; à esquerda, Vanderli, Silvia e Luis Augusto ; a direita de Luciana, Eliane e Julio.

Diante dessas colocações, da cultura e do desenvolvimento, Gimeno Sacristán e Pérez Gómez (1998, p. 69) compreendem que essas relações passam, em sua formação, pelo convívio social,

O desenvolvimento do homem ao longo da evolução histórica e de seu crescimento individual é um desenvolvimento condicionado pela cultura, pelas interações sociais e mentais com o mundo físico, simbólico, das ideias e dos afetos. A espécie cujos produtos compõem a cultura e o meio “natural” de desenvolvimento do indivíduo e da coletividade.

Portanto, compreende que o desenvolvimento passa pelas relações e pelo convívio, de uns com os outros, e que a aprendizagem é esse processo de transformação, de interações sociais e de memória do mundo exterior.

Luciana inicia sua história de vida com algumas imagens nítidas da infância, em cidade histórica do Brasil marcada pela sua importância econômica e cultural em época da colonização na Bahia. *“Meu pai sempre trabalhou para os descendentes, os filhos de coronéis da região”*.

Dali seu voo alça ao desejo de conhecer praias, brincar nelas, sentir a natureza (já mostrada na foto de apresentação no início da tese) e viver a família.

O seu trajeto como educadora parece decalcado na figura dos pais, que embora não letrados, inspiraram nela o gosto pelo saber, ouvir, falar, observar, relacionar-se. Enfim, ela se sentiu educada por aqueles que julgou os maiores educadores da vida: os pais, a escola, a Igreja, o trabalho e o convívio social.

Os aparelhos radiofônicos e sonoros que aparecem ao fundo da foto, abrem-se ao mundo no contexto do canto nobre da sala em casa e abrem ao mundo os habitantes daquele lar. A comunicação para fora e vinda de todo o mundo emitidas pelas ondas do rádio ou da TV, esteve sempre presente.

Os valores da comunicação foram destacados por Luciana, pelas fotos escolhidas, inclusive a foto da apresentação em congresso internacional, na qual é vista uma apresentação em um Datashow. A formatura, as colegas exemplares e os primeiros trabalhos profissionais se destacam, dando um arremate simbólico à sua escolha de difundir, partilhar e ampliar o conhecimento de todos por meio da educação e pelos recursos áudio visuais e imagéticos.

CONCLUSÕES

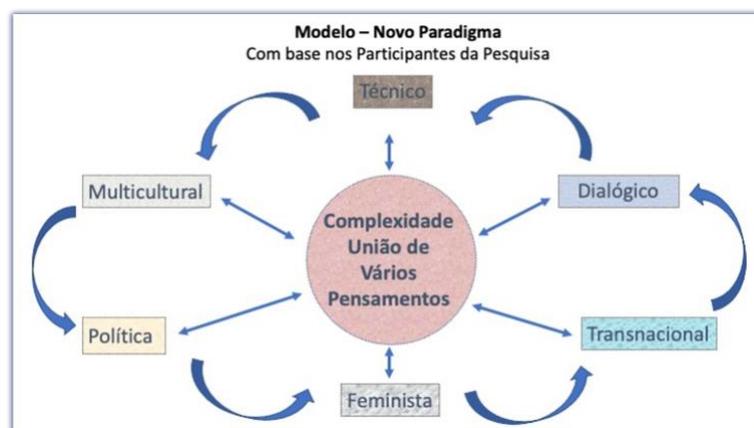
A presente pesquisa teve como objetivo compreender a possibilidade e a relevância de o educador reconstruir sua trajetória de formação e desempenho profissional pela memória, acionada pelo acesso a seus registros fotográficos.

A problematização deriva do fato de que a fotografia é pouco utilizada para elaboração da identidade do educador, para conhecimento de si e do outro para construir conhecimento. Além do mais, tem a intencionalidade de abrir aos educadores a perspectiva de uso das fotografias, sobretudo no momento em que os jovens estudantes têm disponível para si farta oferta de aparelhos fotográficos em seus smartphones. A experiência da retomada da própria história pode ser inspiradora para seus trabalhos nos processos didáticos com os alunos, nos amplos campos dos currículos escolares.

Na perspectiva de olhar para a trajetória do educador e compreender os caminhos que foram possíveis percorrer na construção de sua formação, os participantes da pesquisa, organizaram suas histórias, estruturaram com fotos, áudio e textos, documentos que, de forma organizada construíram seus pensamentos e costuraram suas memórias, de vivência de acordo com valores familiares, afetos, conhecimento escolar, vivências políticas e explicitaram o valor da aprendizagem no coletivo com o outro.

A figura, a seguir, representa cada um dos participantes desta pesquisa, suas respectivas características, seus arquétipos:

Figura 11 - Participantes da Pesquisa



Fonte: Construção da autora (2021).

Em um dos depoimentos bastante significativos, uma das educadoras se emociona ao dizer que teve um trabalho para fazer a curadorias das fotos e de sua dificuldade de selecionar as imagens, e o quanto esse trabalho foi significativo para ela, pelas questões colocadas na proposta. Muitas vezes as pessoas não se dão conta de quanta coisa viveram e que não foram notadas, ficaram despercebida, invisíveis, e que fazer esse exercício pode trazer a visibilidade do que estava oculto. Nessa direção, assim, ela complementa: “*é um trabalho que eu acho que vai mexer com as pessoas*”. Enfim, ela diz que esse trabalho vai desestabilizar as seguranças de alguns educadores e abrir-lhes horizontes de caminhos e sentidos da educação.

Destacamos outra educadora, que traz em sua fala que foi possível contar sua trajetória de vida desde a oitava série do ensino fundamental até chegar no doutorado na PUC-SP, em 2019. Então, essa educadora associa a memória como uma magia: “*contar minha trajetória formativa por meio de fotos me deixa muito feliz pois as recordações, os sentimentos, as lembranças, imagens que vêm à mente e à memória, me trazem de volta as cores, os cheiros e isso é uma sensação muito mágica*”. A magia de acionar a linguagem fotográfica, as memórias do passado e construir conhecimento de si e do outro se revelou como luz para a educadora, e por que não levar a luz para aquele sem luz? Mesmo que não seja o objetivo central desta tese abriu-se para nós, fato já antevisto no nosso trabalho de mestrado, que o uso das fotos, principalmente nas suas versões digitais apresenta-se como um campo necessário à formação docente e do educador gestor de projetos curriculares (ALMEIDA, 2016).

Os conceitos trazidos pelos participantes da pesquisa, sobre temas relevantes que contribuíram com a sua trajetória profissional, foram estudados à luz dos referenciais teóricos que nos ajudaram a refletir sobre a importância da memória, da aprendizagem, do afeto, da solidariedade, da família, da imagem, dos novos letramentos, das metodologias ativas e, como fecho destes temas, da própria formação do educador.

A formação do educador, bem descrita por uma das participantes, tem um olhar contundente para os valores familiares, ligados ao profissional, valores do afeto dos amigos, importância da prática com a teoria para um caminhar em conjunto. Conclui ela que o profissional pode fazer relações umas dependes da outra, e imbrincadas com o todo da função social do educador.

A necessidade urgente de formação para utilização das novas tecnologias digitais, diante da pandemia da covid-19, obrigou os professores a se adaptarem à realidade mais amplas que a própria pandemia.

Olhar para o contexto e aplicar métodos diferenciados para promover a aprendizagem, a reflexão, as metodologias ativas, práticas educativas que conhecemos como inovadoras já

eram utilizadas por um dos educadores. Elas tinham como objetivo e a intencionalidade criar e promover o encantamento e o desejo nos alunos em aprender. Assim, defende ele, os novos métodos viabilizam trazer outros significados para a construção de conhecimentos sobre poderosos conteúdos escolares.

A perspectiva é de que os educadores possam abrir uma janela na mente e ressignificar a própria prática educativa, para não exercer a tirania. O educador, o gestor, o pesquisador, além de estudar e conhecer a realidade, têm que atuar na transformação do social, com um agir mais justo que possa alcançar as camadas sociais mais vulneráveis. Assim, compreender a importância da memória, tanto como utilizar e acionar a fotografia dinâmica em Paulo Freire para problematizar as questões do cotidiano (do aprendiz para que eles assumam suas próprias vozes de consciência crítica da realidade), é uma afirmação de que linguagem e a realidade se apreendem, dinamicamente, para construir conhecimento e dar sentido aos conteúdos escolares.

Por fim, os educadores entrevistados compreenderam a importância da recordação como o ato de “guardar no coração” os fatos vividos, entranhados em cada um. Eles todos se utilizaram da linguagem fotográfica para contar sua trajetória de formação, costuraram suas narrativas, reconstruíram os percursos, desenharam suas caminhadas e construíram conhecimento de si e do outro, pelas memórias trazidas. As imagens fotográficas lhes permitiram a construção dinâmica e libertadora da história da própria vida, bem como da história de outras vidas que estão por vir. Tais histórias serão construídas por novas sensibilidades que podem brotar do trabalho educativo com as novas sensibilidades despertadas pelas tecnologias.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ALMEIDA, Cláudia dos Santos. **A fotografia digital no design dos cursos de pedagogia a distância**: a abordagem da questão ambiental do rio Tietê. 2016. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.
- ALMEIDA, Cláudia dos Santos. **Design de foto no ensino remoto**: recursos pedagógicos na era digital. Curitiba: Appris, 2021.
- ALMEIDA, Fernando José. **Educação e informática**: os computadores na escola. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ALMEIDA, Fernando José de. **Folha Explica Paulo Freire**. São Paulo: Publifolha, 2009.
- ALMEIDA, Fernando José de. Ameaça da pandemia ao currículo: decifra-me ou devoro-te! *In*: ALMEIDA, Fernando José de; ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; SILVA, Maria da Graça Moreira da (Orgs.). **De Wuhan a Perdizes**: trajetos educativos. São Paulo: EDUC, 2020. p. 108-125.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de. Currículo e narrativas digitais em tempos de ubiquidade: criação e integração entre contextos de aprendizagem. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 25, n. 59/2, p. 526-546, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/3833>. Acesso em: 4 set. 2021.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras** [on-line], v. 12, n. 3, p. 57-82, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/almeida-valente.pdf>. Acesso em: 07 set. 2018.
- AMAZONAS. UEA prepara seminário internacional com experiência do Proformar. 2008. Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/2008/05/uea-prepara-seminrio-internacional-com-experincias-do-proformar/>. Acesso em: 9 maio 2021.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Selo escola solidária é lançado nesta quarta-feira**. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/202-noticias/264937351/2692-sp-432003542>. Acesso em: 03 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de formação do professor abrirá 710 vagas de licenciatura**. 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35038>. Acesso em: 9 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Tecnologias na escola**. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seedarquivos/pdf2sf.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BUARQUE, Chico. **Sinhá**. 2015. Disponível em: <https://www.kboing.com.br/chico-buarque/sinha/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CETIC.BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019** [livro eletrônico]. 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 06 fev. 2021.

CETIC.BR. **Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel_tic_covid19_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CLAYSS. **Portal CLAYSS**. 2020. Disponível em: <https://clayss.org/>. Acesso em: 02 maio 2021.

COMPANHIA DAS LETRAS. **No Balanço da Poesia: A Arca de Noé**. [1980?]. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CLp_ViniciusdeMoraes_balanco_dapoesia.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

CONSED. **Conselho dos Secretários Estaduais de Educação no Brasil**. [1986]. Disponível em: <http://www.consed.org.br/>. Acesso em: 04 maio 2021.

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Fotografia**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/busca?categoria=artes-visuais&q=Fotografia>. Acesso em: 23 set. 2020.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. **Fotografia Digitalizada**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3864/fotografia-digitalizada>. Acesso em: 24 set. 2020.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. **Fotografia no Brasil**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021a. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3787/fotografia-no-brasil>. Acesso em: 23 maio 2021.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. **Imagem Digital**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021b. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3873/imagem-digital>. Acesso em: 21 de jan. 2021.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. **João Bizarro da Nave Filho**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021c. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa479603/joao-bizarro-da-nave-filho>. Acesso em: 23 maio 2021.

ESCAVADOR. **Americo Sommerman**. 2020. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/493857/americo-sommerman>. Acesso em: 25 jul. 2021.

ESPADA, Heloisa (Org.). **Geraldo de Barros e a fotografia**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo / IMS, 2015.

FERRARINI, Rosilei; SAHEB, Daniele; TORRES, Patricia Lupion. Metodologias ativas e tecnologias digitais. **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 52, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/15762>. Acesso em: 05 set. 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Polícia prende suspeito de apoiar incêndio na estátua de Borba gato**. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49604&keyword=estatu%2CBorba%2CGato&anchor=6438433&origem=busca&originURL=&pd=25348f3a6ed3f528d58e814e6996488a>. Acesso em: 08 ago. 2021.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo codificado** – Por uma Filosofia do Design e da Comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010c.

G1. **Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2021.

GIMENO SACRISTÁN, José. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GÓMEZ, A. I. Péez. **Ensino para a compreensão**. In: GIMENO SACRISTÁN, José. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdades, pandemia e políticas sociais**. Conferência realizada pelo coletivo República do Amanhã. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F766LRT2Zzw>. Acesso em: 11 abr. 2021.

HOUAISS, Antonio *et al.* **Dicionário Houaiss: Sinônimos e Antônimos**. São Paulo: Publifolha, 2013.

ISSUU.COM. **Emancipación digital: políticas, páticas educacionales e investigación**. Disponível em: https://issuu.com/margaritavictoriagomez/docs/emancipacion_digital. Acesso em: 18 out. 2021.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensino de uma ética para civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC-Rio, 2006.

KANDEL, Eric R. **Em busca da memória: o nascimento de uma nova ciência da mente**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

L'ECOTAIS, Emmanuelle de (Cur.). **Man Ray in Paris**. Rio de Janeiro: Artpadilla, 2019.

LIMA, Ana Maria de Albuquerque. **Cyberbullying e outros riscos da Internet: despertando a atenção de pais e professores**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MANAUS. **Lei nº 1.118**, de 01 de setembro de 1971. Dispõe sobre o Estatuto dos Servidores Públicos do Município de Manaus Disponível em: https://semed.manaus.am.gov.br/wp-content/uploads/2010/10/Lei_1118_estatuto.pdf. Acesso em: 2 ago. 2021.

MEMORIAS DA DITADURA. **Livros sob censura**. [1990?]. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/livros-sob-censura/>. Acesso em: 09 jul. 2021.

MONTEIRO, Eduardo; MOTTA, Artur. **Gestão escolar: perspectivas, desafios e função social**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

MORI, Katia Regina Gonçalves. A educação em valores e o voluntariado como estratégia educativa no Brasil. **TZHOECOEN Revista Científica**, Ano 3, n. 5, p. 137-150, 2010. Disponível em: https://www.clayss.org.ar/04_publicaciones/TZHOECOEN-5.pdf. Acesso em: 02 maio 2021.

NEIVA JUNIOR, Eduardo. **A imagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: a aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

PASSOS, Regina. **Os novos currículos à luz da BNCC: compreender para atuar**. Disponível em: <https://youtu.be/1NFjZEhUepc>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PEDAGOGIA DA VIRTUALIDADE. **Modulo internacional Uruguai**. 2014a. Disponível em: <https://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/modulo-internacional-uruguay/>. Acesso em: 18 out. 2021.

PEDAGOGIA DA VIRTUALIDAD. **Círculo de cultura Paulo Freire**. 2014b. Disponível em: <https://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/2014/09/30/circulo-de-cultura-paulo-freire-arte-midia-e-educacao-3/>. Acesso em: 31 out. 2021.

PEDAGOGIA DA VIRTUALIDADE. **Círculo de cultura em livro**. 2015. Disponível em: <https://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/2015/08/18/circulo-de-cultura-em-livro/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

REVISTA E. **Guardião de memórias**. 2020. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13909_GUARDIAO+DE+MEMORIAS. Acesso em: 11 jan. 2022.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SALGADO, Lélia; SALGADO, Sebastião. **Desafio da curadoria**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BRJpiQanVg>. Acesso em: 07 set. 2021.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à terra com Isabelle Franc**. São Paulo: Paralela, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora melhoramentos, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016**. São Paulo: Cortez, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENADO NOTÍCIAS. **Brasil tem 11 milhões de analfabetos, aponta IBGE**. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge>. Acesso em: 10 set. 2021.

SILVA, Armando. **Álbum de família: a imagem de nós mesmos**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

WIKIPEDIA. **Mnemosine**. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mnemosine#cite_note-Higino,_F%C3%A1bulas,_pref%C3%A1cio-9. Acesso em 17 jan. 2022.

SITES GOOGLE. **Ciclo autorial**. Ano. Disponível em: Disponível em: <https://sites.google.com/edu.sme.prefeitura.sp.gov.br/emef-ministro-calogeras/pedag%C3%B3gico/ciclo-autoral>. Acesso em: 19 abr. 2021. Acesso em: 19 abr. 2021.

PRADO, Silvia. **História do bordado**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yz-mWfKQEfY>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SUPER INTERESSANTE. **A fotografia**. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/a-fotografia/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

UNICEF. **Portal Unicef Brasil**. 2016. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/>. Acesso em: 9 maio 2021.

VEJA. **Derrubada de estátuas: vandalismo ou reparação histórica?** 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/derrubada-de-estatuas-vandalismo-ou-reparacao-historica/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

WIKIPEDIA. **Centro de formação e aperfeiçoamento do magistério**. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Espec%3%ADfco_de_Forma%3%A7%C3%A3o_e_Aperfei%3%A7oamento_do_Magist%3%A9rio. Acesso em: 24 abr. 2021.

WIKIPEDIA. **Bahia**. 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bahia>. Acesso em: 16 jul. 2021.

WIKIPEDIA. **Classe multisseriada**. 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_multisseriada. Acesso em: 24 abr. 2021.

WIKIPEDIA. **Manaus**. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Manaus>. Acesso em: 21 jul. 2021.

WIKIPEDIA. **Paulo Evaristo Arns**. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Evaristo_Arns. Acesso em: 17 jun. 2021.

WIKIPEDIA. **Receptor nmda**. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Receptor_NMDA. Acesso em: 09 jul. 2021.

WIKIPEDIA. **Universidade da república**. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_da_Rep%3%BAblica. Acesso em: 23 out. 2021.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**; tradução George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Apêndice B - Processo de captação dos dados da pesquisa: consta o perfil do educador e sua narrativa, trajetória de vida.

Apêndice C - Esclarecimentos sobre a metodologia

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____ portadora do RG: _____
CPF: _____ Moradora _____.

Aceitei o convite para participar de uma pesquisa acadêmica com o título: “**A fotografia digital e a construção e a identidade do educador**”. Com o objetivo de analisar o potencial da fotografia digital na construção da identidade individual e coletiva do educador e seus projetos de vida através da memória. Objetivos específicos: identificar se da mesma forma que o educador pode construir sua identidade através da fotografia, se é possível auxiliar os alunos na construção de sua identidade e atribuir significado à vida e aos conteúdos escolares.

A pesquisa orienta-se nos princípios da abordagem qualitativa, pesquisa narrativa, tentará buscar respostas para o seguinte problema:

“**A fotografia digital**” não é utilizada para construção da identidade individual e coletiva para construção de conhecimento de si e do outro?

A minha participação no referido estudo será no sentido de participar com a contribuição de documentos pessoais autorizados por mim como: fotos, escrita e áudio contando através da memória minha trajetória de educador. Esse processo faz parte da metodologia dessa pesquisa narrativa e pode colaborar para o levantamento das informações importantes que contribuirão para os objetivos desta pesquisa.

Fui alertada de que, da pesquisa a se realizada, posso esperar alguns benefícios, tais como: contribuição para o campo da educação, na perspectiva dos educadores construir suas trajetórias através da fotografia, e, assim, também auxiliar seus aprendizes.

Por outro lado, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, é importante ter claro que o conteúdo da narrativa fará parte da Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo, da PUC-SP e, portanto, tornando-se acessível ao público.

Também fui informado de que posso me recusar a participar da pesquisa, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é Cláudia dos Santos Almeida, aluna do curso de pós-graduação Educação: Currículo, da PUC-SP e com ela poderei manter contato pelo telefone (11) 99681-4701 e e-mail: claudia.santosalmeida@gmail.com.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de tudo o que aqui foi mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação na pesquisa, serei devidamente indenizada, conforme a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo mandar um e-mail para: ced@pucsp.br.

São Paulo, de 13 de agosto de 2021

Nome do entrevistado (a)
(Educador)

Cláudia dos Santos Almeida
Nome do pesquisador responsável.

Apêndice B - Processo de captação dos dados da pesquisa: consta o perfil do educador e sua narrativa, trajetória de vida

Quadro 1 – Professora Guadalupe

 PUC-SP	<p>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CURRÍCULO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO</p> <p>ORIENTAÇÃO DE TESE E PESQUISA: captação de dados.</p>
Docente	Prof. Fernando José de Almeida
Aluna	Cláudia dos Santos Almeida
Instrumento de captação de dados do participante da pesquisa	
Narrativa da trajetória de formação da professor Guadalupe	
Formação	Magistério, 1999
	Mestrado, 2020
Nome fictício	Guadalupe
Título da foto	Club Homs - na Bela Vista, 1999
	
<p>O ano era 1999. O local: Club Homs, na Bela Vista. Era uma noite de temperatura agradável, começo do verão. Dia da minha formatura do curso de Magistério pelo extinto Cefam Itaim-Bibi (Centro Específico de formação e Aperfeiçoamento do Magistério. Estou ladeada pela minha mãe Maria Edite (in memorian) e a minha irmã Veronice, que foi a minha primeira professora. Veronice (hoje aposentada pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo) foi uma figura importante para a minha escolha profissional. morávamos no interior da Bahia e a Casa de Farinha da nossa roça estava desativada. Na região onde morávamos não existia uma escola. Minha irmã estava terminando o curso de magistério na cidade. O prefeito solicitou ao</p>	

meu pai a nossa Casa de Farinha para ser escola. Meu pai reformou e aquele espaço se transformou na Escola Rural Fazenda Retiro. A minha irmã era a única professora e lecionava para uma turma mista, multisseriada sendo quatro séries na mesma turma. Eu, aos seis (6) anos de idade, já alfabetizada, fiz parte da primeira série, foi a minha primeira escola. Eu auxiliava minha irmã a alfabetizar os demais alunos (de idades variadas, até pré-adolescentes. Era chamada de “professorinha”. Cresci sabendo o que eu queria ser quando crescesse. Mudamos para São Paulo em 1988 e a escola não mais funcionou pois na região não tinham pessoas com formação para lecionar. O Cefam foi uma etapa primordial na minha formação, incentivando o pensamento crítico, analítico e questionador em relação ao mundo e as diversas realidades políticas, econômicas, históricas, culturais e sociais.

Interpretação

Título da foto: Primeiro semestre de 2011. Local: PUC-SP



Era o primeiro semestre de 2011. Local: PUC-SP. Eu ingressei no mestrado/Psicologia da Educação. Nem preciso dizer que eu estava muito feliz. Infelizmente tive de desistir no segundo semestre por conta de questões como bolsa até julho eu não havia conseguido e não tinha mais como pagar os R \$1.540,00, a época. Outra questão foi o trabalho. Neste mesmo ano eu havia ingressado na Prefeitura Municipal de São Paulo como PEI (professor de Educação Infantil) trabalhava seis horas por dia e não conseguia frequentar algumas disciplinas obrigatórias. Tentei negociar na escola, mas a lei não permitia. Entrei em contato com o secretário de Educação na época, o Alexandre Schneider. Também não houve uma maneira. Fiquei chateada por ter que desistir do começo de um sonho conquistado a duras penas. Só consegui voltar para a PUC-SP como mestranda em 2018, mas escolhi Educação: Currículo. Penso que se eu tivesse tido a oportunidade de continuar, talvez hoje eu já teria outras formações, como o doutorado, por exemplo.

Interpretação

Título da foto: CEI região do Campo Limpo, 2012



Era início de fevereiro de 2012. Trabalhava num CEI na região do Campo Limpo. Era uma turma do Berçário 1. Este foi o primeiro dia em que os levei para essa atividade no parque da escola. Era uma tarde quente de verão, o espaço externo estava muito agradável e os bebês tinham liberdade para ficarem na roda ou explorarem o espaço. Ficaram encantados com o violão e animados. Expressavam alegria e entusiasmo.

Interpretação

Título da foto: CEI – Capão Redondo, 2013



Ano da foto 2013, CEI no Capão Redondo algumas crianças discutiam que toda sereia tinha cabelo muito grande e comprido. Aproveitamos a oportunidade para conversarmos sobre a questão étnica e racial, especialmente das pessoas negras. Falamos sobre as lendas brasileiras naquele contexto. Hoje em dia eu não trabalharia esse tema no contexto de Monteiro Lobato. Hoje sei que essa figura que inspirou minha leitura na infância era um tremendo racista. Depois de dias de conversas me vesti de sereia e os alunos penteavam meu cabelo (curto, crespo e lindo também rsrs). Para a minha formação pessoal, esse registro é muito importante, pois foi na escola o lugar onde mais sofri racismo durante o final da minha infância e adolescência. Quando estava na terceira série aqui em São Paulo, em 1989, a professora achava engraçado quando os colegas me apelidavam. Riam do meu sotaque baiano, da minha cor, do meu cabelo.

Eu tinha respeito pela autoridade daquela professora e realmente acreditava que eu era feia por ser negra.

Interpretação

Título da foto: Contexto pandêmico devido Covid-19, 2020



O ano é 2020. Contexto pandêmico devido Covid 19. Na foto o desafio de manter contato com as crianças pequenas e as famílias. neste período tivemos algumas formações, inclusive do como produzir vídeos e outros recursos que garantissem a continuidade da educação. Foi desafiante porque tivemos que nos adaptar profissionalmente da noite para o dia a uma nova realidade. Eu lecionava para o berçário 2, no CEI 13 de Maio, na Bela Vista. Os alunos eram bebês com idades entre um a dois anos. Esse sorridente é meu ex-aluno, o Akin, que adorava as rodas de músicas com violão e outros objetos e materiais sonoros. A foto foi nosso primeiro contato depois de mais de 30 dias de distanciamento. As “aulas” foram por teletrabalho até o final do ano de 2020. Akin no momento da ligação por vídeo reconheceu o meu rosto e a minha voz. Ele e as demais crianças adoravam os vídeos de músicas e brincadeiras que eu enviava para o grupo das famílias e postava no Google Classroom. Segundo relatos das famílias as crianças sentiam falta da escola.

Interpretação:

Quadro 2 – Professora Miranda

 <p align="center">PUC-SP</p>	<p align="center">PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CURRÍCULO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO</p> <p>ORIENTAÇÃO DE TESE E PESQUISA: captação de dados.</p>
Docente	Prof. Fernando José de Almeida
Aluna	Cláudia dos Santos Almeida
<p align="center">Instrumento de captação de dados inicial do participante da pesquisa</p>	
<p align="center">Narrativa da trajetória de formação do professor Miranda</p>	
Formação:	Graduada em matemática,
	Educação currículo,
Nome fictício	Miranda
<p>As fotos e narrativas têm por objetivo apresentar a família de minha mãe, por conta e, de certa forma, do viés da formação em educação e, em especial, para um tio, que fez e ainda faz parte da minha vida, que se intensificou por conta de seu desaparecimento político em 1975. Os familiares e acontecimentos, desde os 14 anos, conduziram e ainda me iluminam para ampliar os passos de uma pessoa que é graduada em Matemática, pelos veículos das artes, da ludicidade e da complexidade social da vida humana.</p>	
<p>Título da foto: Família de minha mãe: meu avô, seus irmãos de sangue, ou “de criação”, e agregados</p>	
<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p><i>João Soares da Costa</i></p> </div> <div style="text-align: center;">  <p><i>Maria de Fátima Soares</i></p> </div> </div>	
<p>Meus avós eram da cidade do Prata, no Triângulo Mineiro. Conseguiram criar os filhos, até mesmo com revezes financeiros, com a mais absoluta solidariedade entre eles. Sempre apareciam as vaquinhas familiares para socorrer qualquer um – e suas respectivas famílias. Os nomes dos filhos já contam uma história divertida. Os homens tinham nomes que terminavam em on – Gerson, Nelson, Celson, Elson, Milton, até que foram gastas as possibilidades e vieram Osvaldo e João. Os nomes das mulheres começavam com Z, ou traziam-no em algum lugar – Zalina, Zaira, Zanira, Zailda, Naiza. Ao final das possibilidades, vieram Helena e Conceição. Aliás, o nome Helena podia associado, ou não, a Maria ou Ana, e deveriam ser usados para homenagear a bisavó.</p> <p>O estudo que tiveram, na época, sobretudo as mulheres, não passavam do quarto ano primário. Há duas exceções: tia Naiza, que resolveu estudar depois de ter os filhos criados; tia Zalina, que, após sua formatura, foi professora dos irmãos. Dois homens fizeram odontologia, Gerson</p>	

e Nelson; um era protético. No entanto, os demais, talvez até mesmo pela escassa escolha, o apresentado nas escolas era aprendido, de fato, por todos.

Moraram, após derrocada financeira, em Belo Horizonte, São Paulo e São Vicente, onde administraram uma pensão modesta. O grande aprendizado era cozinhar e fazer os cálculos necessários para manter o estabelecimento.

Interpretação

Título da foto: São Paulo e São Vicente, onde administraram uma pensão modesta.



Pensão Villa - São Vicente - SP - 1931

Interpretação

Título da foto: Tio Elson com tia Aglaé, sua esposa. Em frente a eles, duas irmãs – Zanira e Zailda (minha mãe). Na ponta da mesa Arnaldo (meu pai). Em Belo Horizonte, fim dos anos 1950.



Tio Elson foi um pacifista, contra a violência e a favor de uma revolução comunista, aprendido e compreendido por ter sido militante do Partido Comunista (PCB) desde os 17 anos até os 61 anos, idade que tinha ao desaparecer, em 1975. Nasceu em 1913. Foi sequestrado perto de sua residência, na Rua Timbiras, 199 (em Santo Amaro, SP), executado por seis homens em uma veraneio, na cidade de São Paulo, em nome da ditadura. Seu irmão Osvaldo Costa denunciou o seu sequestro - relatado por vizinhos - em 26/02/1975 no 11° DP, conforme BO

Nº315/75. O crime foi denunciado em um jornal como tendo sido o sequestro de um rico comerciante da região, Manuel de Souza Gomes, nome usado na clandestinidade para que ele pudesse proteger-se da repressão. Além da tortura e morte, teve sua memória vilipendiada pela repressão militar. Foi um dirigente experiente, que já passara em silêncio por várias prisões e muita tortura. Em suas palavras: “sobre tortura não se conversa”.

A partir dos anos da década de 1970, depois de muitas prisões, desaparecimentos e torturas, a ditadura militar dedicou-se à caça dos militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), principalmente os de posição mais elevada, isto é, os dirigentes. Assim evitariam que outros militantes e candidatos para paricipar do movimento comunista, recuperar o conhecimento dos velhos militantes. Sua prisão aconteceu porque em 13 de janeiro do mesmo ano, a repressão localizou a bem montada gráfica clandestina do PCB, debaixo de uma caixa d’água, em um sítio em que funcionava desde 1966. Elson era jornalista – havia um documento que assim o declarava – bem antes de seu desaparecimento.

Ele foi levado para uma casa em Itapevi, centro clandestino da repressão ligado ao DOI-CODI/SP, uma das Casas da Morte, onde se submeteu a todo tipo de tortura. Seu corpo foi banhado em álcool, queimado e afogado no rio Avaré, segundo os depoimentos prestados à revista VEJA – e publicado em 18/11/1992 - por Marival Dias Chaves do Canto em 18/11/1992, ex- sargento e ex-agente dos órgãos de informação do Exército, que relatou terríveis e esclarecedores relatos sobre a barbárie dos porões da ditadura.

Houve a publicação de um anúncio no jornal Estado de São Paulo, autorizada pelo Rui Mesquita, relatando o ocorrido e outra vinda da CNBB. Dom Evaristo Arns deu vigoroso apoio à esposa de Elson.

A procura pelos seus restos mortais, para dar a eles um enterro digno, direito há séculos dos seres humanos, tem sido longa e infinda, sempre com negativas e difamações frequentes pelos agentes da ditadura (de 1964 a 1985), desaparecimento ainda negado. São 46 anos, em situação ora de esperança, ora de decepção. O que sua família ainda aguarda, agora com um atestado de óbito que diz que ele foi morto sob tortura, é a purificação de sua memória, a entrega de seus restos mortais, e que a justiça seja feita. Para que nunca mais aconteça. Em país em que há tortura, “ninguém, ninguém é cidadão”.

Interpretação

Título da foto: Olhos azuis



Elson



Aglaé

Quando o vi pela primeira vez – lembrança enevoadada da infância -, contemplei um homem alto, magro, vestido com uma calça clara e camisa azul. Pensei que seus olhos fossem parte da camisa, ou a camisa parte deles. Era o homem mais bonito que conhecia. Fiquei atrás da minha mãe, olhando e sentindo a alegria que a sua presença trouxe a todos. Depois disso, sempre associei a Elson Costa beleza e bondade. Ninguém traz tanta alegria se não for bom. Ele tinha dois irmãos igualmente belos, mas o que vinha dele era maior que a beleza de todos. Tio Elson sempre carregou um encantamento indizível e indefinível. Quando ouvi, pela primeira vez, a música Sinhá, de Chico Buarque e João Bosco, tive também uma reação de dor incontável, pela menção à tortura, vindos de um torturador de olhos azuis. Hoje sonhei com isso e identifiquei o fato: meu tio, “de olhos tão azuis”, sofreu tortura da sombria e esquiva ditadura.

Quando cresci um pouco, as lembranças são de uma pessoa atenta, que sempre fazia perguntas e mostrava interesse nas respostas. Os adultos não conversavam muito com as crianças, mas ele sim, recheando os comentários com mel e risos. Mais tarde, conversas políticas, indicações de leituras e comentários irônicos sobre a realidade brasileira e a reconhecível esquerda festiva em mim. Elson Costa pacifista, idealista... jamais culpava pessoa alguma por momentos terríveis de prisão e tortura pelas quais passara. Sempre dizia que falar sob tortura não era delação, mas fuga da dor incontrolável.

Alguns sobrinhos eram bastante incentivados em seus estudos, tanto o pessoal de humanas, como José Miguel Wisnik, seu afilhado, a quem enviava partituras e elogias, como a mim, a quem trouxe da Rússia uma régua de cálculo redonda, um sucesso danado na USP, e livros de Matemática, alguns com ilustração em 3D. Teve o trabalho de orientar leituras teóricas fortes, brasileiras, como as de Sérgio Buarque, ou alemãs, como Marx, inclusive dicas variadas da literatura brasileira e da mundial. Tudo isso transformou meu rumo, em educação na área de conhecimento matemática, em situações de encantamento com o lúdico e o belo.

Ele era casado com Aglaé, que chamávamos de Passionária Mineira. Ela o acompanhou até sua última prisão, em 1975. Em 1969, ficou em minha casa, em Niterói, enquanto o marido estava preso, outro confinamento. Com ela aprendi o que é, de fato, ser parceira. Todo sábado ela levava comida ao local onde ele se encontra, doces e frutas, em quantidade que ele pudesse dividir com os demais companheiros. Também tinha permissão para levar livros e dicionários, usados como elementos de educação para todos. O estudo coletivo era bom para aqueles que aprendiam e para os que ensinavam. Enviei algumas apostilas de cálculo financeiro simples, a pedido dele.

Tia Aglaé não podia levar, em visitas, os jornais, mas resolveu brilhantemente a situação: levantava de madrugada, decorava as notícias que interessavam a ele, palavra por palavra, para que recebesse o que ocorria no Brasil e no mundo, sem a interpretação dela.

Elson era apreciador das artes visuais, sobretudo produzidas pelos brasileiros. No entanto, tinha uma atenção especial para Salvador Dali. Gostava de brincar com o estranhamento dos mais jovens e provocar a todos.

Interpretação

Título da foto: O Homem Invisível – Salvador Dali



Poema para Elson Costa, de Maria Helena

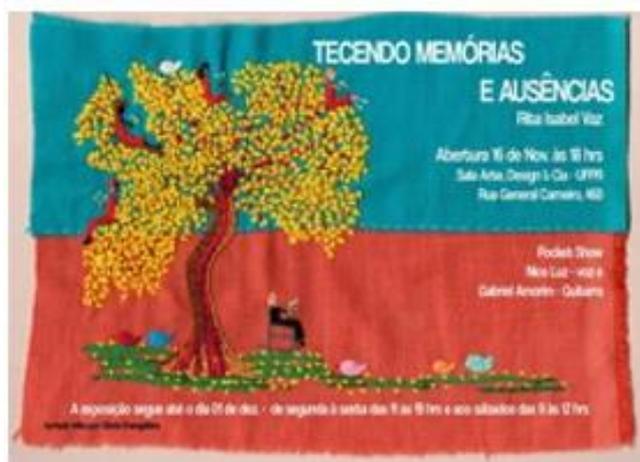
*“Ele continua
E está
Levitando em um quadro
Junto a mim.
Invisível em resgate,
Em limpeza,
Do seu tempo, do seu corpo,
Sua forma.
Este homem sempre invade
Minha paz.
Em silêncio, lentamente,
Na memória,
Recupero os seus traços,
Seu sorriso.
Choro duro,
Perco o sono
Quando escuto,
Em meu peito,
Quase surda,
Sua voz. (MH)”*

Escrito no dia 6/7/2014 em Madri. Olhava o quadro de Dali e pensei em nosso homem invisível, tão presente há tanto tempo! Tio Elson! Nós ainda vamos conseguir esclarecer tudo, desejo e acredito ser possível. Para que a dor se anule e a paz se faça.

Interpretação

Título da foto: Bordados

Minha mãe era uma incrível bordadeira. Eu bem ruinzinha, além de não gostar muito de trabalhos manuais. Em 2018 recebi um convite para participar deste projeto, de Rita Vaz, junto a bordadeiras de fato maravilhosas.



RITA ISABEL VAZ DC 06.11.2018 A 01.12.2018

TECENDO MEMÓRIAS E AUSÊNCIAS

... Só queria embalar meu filho...

LEMBRANÇAS TRAZIDAS A TONA,
"O MEU PAIS É MEU LUGAR DO PAIS"
ELZA TORRES

ENTRE PEDACINHOS E MANIFILAS, A
HISTÓRIA PASSOU SER LEMBRADA. ENTÃO
BORDEI IMPULSOS E PONTOS CONTROLADOS A
HISTÓRIA PASSOU SER LEMBRADA.
DIFFICULT SIN, MAS NECESSÁRIO.
ENTRE AUSÊNCIAS PERMANENTES NESTA A
SAÚDE ETERNA, SAIBO VOLTAR E MAIS
VOLTAR E VOLTAR PARA O MEU PUNTO,
TRISTES ACONTECIMENTOS.

VARTY DE RITA, MORGUEL, PESTIJA,
RECORDA, TRAZ A TONA, NÃO ENTREGUE,
QUE SINDO DE ADEQUADO, SEM PRESENTA
CONVITE HOMENAGENS PESSOAS REPAUNDE
PELO NOME PNE, MORGUELAS A FAZEM
BOMBADE, EM HOMENAGEM ÀS JARDINEIRAS
IMPOTIAL, SOU MORTES E DESAPARECIDOS
DE UMA SITUADA LONJA E ESCOLIDA DE
PROFESSORALMENTE APONDA.

Caracória de Beasadele Parat

EXPOSIÇÃO NA SALA ARTE, DESIGN & CUI - EPFR
PRADO DON PEDRO I, RUA CONSUL CARNEIRO, 400 - VALL - CANTONAL PE
MUNICÍPIO DE FUNDAMENTOS DE DUS - 021 - TRAZEM LUGO - BR 41201

Aberta de 25.12.2018 às 20h
Inclusão Show com Misa Luz e
Gabriel Almeida

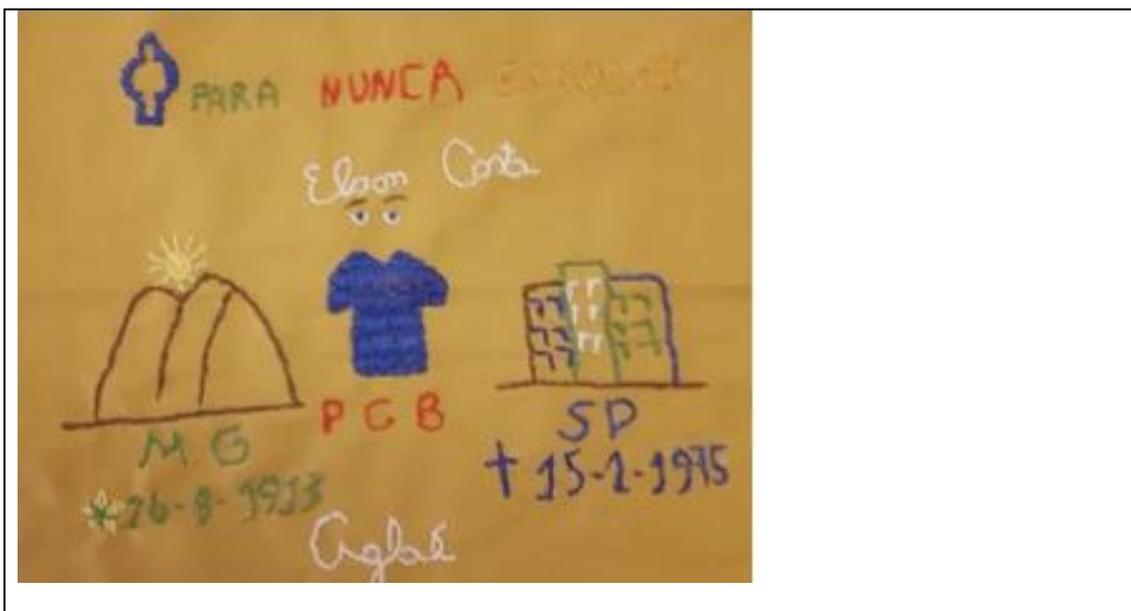


Os bordados são compostos por cinco tecidos bordados
por 40 mulheres de 14 localidades do município de
Beal, do termo Beasadele e arredores.

Aceitei o convite, sabendo que não sairia bom, mas era algo do qual eu queria fazer parte. Tive de aprender, penando, passos novos em conhecimentos desconhecidos. Bordei para duas pessoas: um para o tio Elson e outro para Elmo Correa, citando sua esposa Telma, assassinados no Araguaia. Recebemos dados coletados em publicações em mídias e pela Comissão da Verdade Nacional, de forma que a história fosse contada em fios e cores. Nem todos os que bordaram eram parentes dos desaparecidos, vez que era difícil localizá-los. Para os dois trabalhos, bordados em quadrados de 20 cm, tentei esboçar a região de origem/nascimento e de suas mortes.

A troca de conhecimentos e as pesquisas que fiz para compreender melhor o que houve no Araguaia foram importantes para compreender o Brasil de hoje, olhando as pegadas e sulcos deixadas ao longo de nossa existência na América Latina.





O resultado do trabalho é bastante tosco, mas me vejo ainda sentada, quietamente, lutando para sair algo que dissesse quem eram os homenageados, sempre rememorando suas vidas e suas mortes, a manter dentro do peito a esperança de bordar, via educação, mais do que nunca a necessidade de preservar vidas e valores. As fotos contam trechos de vidas fortes, que deixaram traços valiosos em mim e nos meus filhos, minha narrativa pessoal do que aprendi com elas.

Referência

Disponível em: <http://comissadaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-ii/>. Acesso em: 15 jun 2021.

Quadro 3 – Professora Rosemary

 PUC-SP	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CURRÍCULO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO ORIENTAÇÃO DE TESE E PESQUISA: captação de dados.
Docente	Prof. Fernando José de Almeida
Aluna	Cláudia dos Santos Almeida
Instrumento de captação de dados do participante da pesquisa	
Narrativa da professora Rosemary	
Formação	Pedagogia, 1990
	Mestrado, 2008
	Doutorado, 2019
Nome fictício	Rosemary
Título da foto: número - 1 de 1981	



A professora ROSIMARY começa agradecendo o convite, se sente horada por ter sido convidada para participar da pesquisa.

Então eu sempre fui encantada por fotografias, eu lembro-me que na época do álbum físico, sempre que eu chegava em alguma casa, algum lugar, onde houvesse eu fazia questão de vê-lo, mesmo que eu não conhecesse as pessoas, nesse sentido poder contar minha trajetória formativa por meio de fotos me deixa muito feliz pois as recordações, os sentimentos, as lembranças, imagens que vem a mente a memória, me trazem de volta as cores os cheiros e isso é uma sensação muito mágica, eu construir a minha linha do tempo desde a escola, foto da oitava série do ensino fundamental em 1981 até a conquista do doutorado pela PUC-SP até 2019, toda a trajetória foi apresentada através de dez fotos que literalmente retrata a caminhada da minha formação e so um resumo.

Interpretação

Título da foto número - 2



Lembrança do magistério em 1984, eu não estou nesta foto, mas essas quatro amigas que estão nesta foto elas tem uma grande importância na minha vida nesse período de estudo do magistério, cada uma tem uma história comigo. Essa foto foi uma apresentação que nos fizemos numa disciplina de literatura brasileira, sobre a arca de Noé de Vinícios de Moraes, essa apresentação elas foram convidadas para apresentar e eu não estava.

Essa dá direita é Eliane a galinha de angola, a Ângela era a foca, a Ana Estela era a cachorrinha, a Geovana mais encima era o leão e eu tinha feito o pato pateta, eu estava no último mês de

gravidez. Quando elas foram convidadas para apresentar nesse dia eu não pude porque eu já tinha dado a luz a minha primeira filha.

Essas amigas foram importante pra mim em todo esse processo de magistério, me ajudaram muito, eu estava grávidaessa que está vestida de galinha de angola a Eliana nos passamos no mesmo concurso da SMED (Secretaria Municipal de Educação de Manaus)⁶¹, essa amiga quem foi na minha casa levar o edital, em um momento bem crítico que eu estava vivendo da minha vida pessoal ela foi lá e me falou do edital que eu pude me inscrever e fazer o concurso. Então por isso que essa imagem é importante, porque eu penso que a afetividade, foi muito importante pra mim no meu processo de formação e a amizade dessas amigas foi muito importante nesse processo de formação e me ensinou muito, não só durante a formação do magistério, pessoas que contribuíram comigo após o magistério, inclusive Geovana trabalha com mim até hoje, e a Eliana faleceu em serviço em um acidente de avião, mas que foi importante na minha formação.

Interpretação

Título da foto número - 3



(Ela sorriu no áudio) Aí vem a foto número 3, essa foto, ela é muito importante também, foi a minha primeira turma que eu assumir o ano inteiro, essa foto é de 1987, eu entrei em 1986 no concurso, entrei no meio do ano como professora substituta e em 1987, quando foi tirada essa foto eu estava assumindo minha primeira turma quando foi tirada essa foto, é foi uma turma de pré escola, crianças de cinco anos, estou aí junto com outra colega que também era da pré escola ela era das crianças com 4 (quatro) anos e eu, das crianças de 5 (cinco). Nessa foto eu estou com minhas duas filhas, duas mocinhas de maior na foto, contando da direita para a esquerda a décima mocinha de maior azul com laço no cabelo e tênis é a minha filha mais velha e eu estou com minha filha do meio, (Ela sorriu no áudio) hoje ela é a do meio, na época ela era mais nova no colo. Essa foto representa bem o quanto a minha formação profissional foi paralela a minha formação pessoal, formação enquanto mãe, então quando eu vejo essa foto eu lembro de todos os desafios que eu enfrentei para assumir minha cadeira como professora, para assumir como profissional para assumir como mãe, na época eu era casada. Então, esse movimento de assumir vários papéis foi um grande momento de formação pra mim e um grande aprendizado, por isso esse momento dessa foto é um momento importante na minha formação porque me proporcionou crescer enquanto pessoa, porque eu assumia profissionalmente e assumia na minha vida pessoal como mãe todas as minhas responsabilidades, e nessa época eu tinha somente **19 anos**, então isso pra mim foi um grande desafio, mas, também uma grande aprendizagem.

⁶¹ Disponível em: <https://semed.manaus.am.gov.br/>. Acesso em: 05 maio 2021.

Interpretação	
Título da foto número – 4 de 1988	
	
<p>Então, (ela sorri no áudio), essa foto 4 é de 1988, eu já atuava como professora, eu resolvi fazer um curso para somar aos meus conhecimentos a minha formação. Nesse curso adicional a gente poderia escolher adicional em matemática e ciências, adicional em língua portuguesa, adicional em estudos sociais ou em pré-escola e eu escolhi adicional em pré-escola. Esse momento foi muito importante pra mim porque eu já tinha experiência de sala de aula, já tinha uma certa maturidade de formação e eu aprendi muito, aprendi a fazer a relação teoria e prática, nesse momento eu já trabalhava e fiz um curso paralelo então eu aprendi nesse momento a fazer relação entre teoria e prática pra minha formação e foi um momento de maturidade formativa. A foto foi em um desfile de cinco de setembro daquele ano em que nos ganhávamos pontos para quem desfilasse, o curso era noturno mas, pra quem fosse pra marcha, os estudantes , ganharia pontuação nas disciplinas, e eu juntamente com essa minha amiga ai, ela é da Semed e nos estudávamos juntos, eramos ambas da Semed, resolvemos participar desse evento, para complementar (sorri novamente) as notas. Mas a importância desse momento e que ela me traz a lembrança, mas um momento formativo que eu tive que conciliar trabalho família e estudos, esse foi o primeiro grande desafio pra minha formação e eu sempre busquei conciliar essas três áreas: ser profissional, ser estudante e ser mãe, que pra mim são áreas muito importante. Eu fui crescendo muito conciliando essas áreas de formação na minha vida. Por isso essa foto aí é importante.</p>	
Interpretação	
Título da foto número - 5 de 1990	



Essa foto é muito importante, em 1990, eu fui aprovada na Universidade Federal do Amazonas, naquela época por **vestibular no curso de pedagogia**, aí foi o desafio maior que tive que conciliar ser mãe, ser professora, ser professora trabalhadora e ser estudante. Fazer essa faculdade conciliando maternidade e profissional, foi pra mim um grande **desafio**, onde eu contei com o apoio de várias pessoas. Em 1990, eu tive a minha terceira filha, quando eu passei no vestibular eu tive a minha terceira filha, e por vezes eu tinha que levava para amamentar e eu era apoiada pelas colegas que ajudavam a cuidar em fim. Foi um momento da minha formação que foi muito desafiador e muito decisivo o que eu queria fazer da minha vida profissional e a na formação pessoal, eu enfrentei todos dos desafios e venci.

Nesta foto aí estou eu e minha mãe que foi o meu grande exemplo de coragem, já e falecida, mas continua sendo a minha inspiradora que sempre me apoiou do jeito dela, mas, sempre me apoio, essa foto pra mim, representa um marco especial, uma alegria, minha mãe era **semi-analfabeta** e eu pude dar a ela essa alegria de ver uma filha formada, depois eu fui saber no trabalho dela que ela tinha muito orgulho de ter uma filha professora, então eu fico muito feliz de ter realizado esse **sonho** dela, porque na realidade ela foi **minha primeira professora**, que eu aprendi a ler e escrever com ela em casa.

E, esse momento de minha formação de receber esse diploma de graduação em Pedagogia, foi algo assim, primordial na minha formação, foi um divisor de águas. Após o **Curso de Pedagogia eu fiz Psicopedagogia** em 1996, que foi outro **curso em nível de especialização** que contribuiu muito pras minhas **concepções formativas**, pras minhas **concepções profissionais**, pro meu profissionalismo e minha profissionalidade também, tanto nesse momento de cursar **Pedagogia e cursar Psicopedagogia foram** momentos de muita aprendizagem e de relação entre **teoria e prática** de compreensão de que dessa interação, de que a teoria não está dissociada da prática e que virse versa a prática não está dissociada da teoria, esses dois momentos tanto da graduação em Pedagogia e da especialização em Psicopedagogia me trouxe muito essa consciência formativa a importância que é conciliar teoria e prática para o sucesso profissional na formação do educador.

Interpretação
Título da foto número – 6 de 2004

<p>Essa foto, foi de 2004, em um evento, quando eu estava assumindo gestão escolar, nessa época de 2000 a 2008, eu fui gestora escolar e essa é uma foto da primeira escola onde eu fui gestora, se chamava Roberto Vieira, essa escola ficava em uma área da cidade que aqui, a gente chama de área vermelha, área de muito perigo, as crianças eram de grande vulnerabilidade, nós tivemos muitos trabalhos nessa escola em relação ao abuso sexual juvenil, inclusive nos ganhamos premiação da agência Ugauga e Unicef em primeiro lugar pelo projeto que nos desenvolvemos, nós trabalhávamos muito com eventos e os eventos de aniversário da escola eram eventos maravilhosos, momentos de grande aprendizagem, eram momentos em que todos se reúnem pra trabalhar esse evento, nossas salas de aulas, cada uma possuía o nome de um poeta, escritor Amazonense. Então nos aniversários da escola nos homenageávamos esses escritores, trazendo suas poesias seus textos. Os escritores que estavam vivos nos levávamos pras crianças conhecerem pessoalmente. Então, o aniversário da escola era momento de muito aprendizagem de momentos formativos para todos, para os professores, para os alunos, para os pais dos alunos. E essa foto aí, representa esse momento de grande interação que foi um momento muito importante pra minha vida, porque eu adquirir muitas aprendizagens, eu pude perceber que a gestão participativa é o melhor caminho para que a escola seja uma escola de sucesso, nessa escola nos tínhamos um jardim plantado, um pinheiro, onde nos ornamentávamos na época de natal de final de ano e o nosso SLOGAN era dê uma chance a paz, que e a frase que está no fundo da foto. Todos que chegavam a escola, sentiam um clima de participação um clima democrático da escola e pra mim foram anos de muito aprendizagem, que contribuiu demais para a minha formação como educadora. So esse capítulo de gestora seria um livro da minha vida. Eu trouxe essa imagem porque foi um momento muito importante pra minha formação enquanto educadora período em que eu fui gestora escolar.</p>
Interpretação
Título da foto de número - 7 de 2008



Essa foto muito importante também, essa foto da minha turma de mestrado que foi selecionada em 2008, e concluiu em 2010, aí eu estou ao lado do professor de biologia, essa disciplina da visita era tópicos de biologia, nós fomos fazer uma visita ao bosque da ciência, aqui em Manaus e fomos explorar os espaços não formais de ensino do ensino de ciência e de biologia. Então esse foi um momento de muita aprendizagem pra mim fundamental, onde eu pude compreender vários processos que eu ainda não entendia, dentro desse mestrado eu tive a disciplina de tópicos de biologia tópicos de química e tópicos de física, eu pude compreender conceitos dessas três área que eu ainda não compreendia, eu pude compreender ampliar a minha visão a esses componentes curriculares, onde realmente eu me identifiquei e me apaixonei pelas ciências da natureza e a minha tese de mestrado foi a formação de conceitos de ciências naturais com alunos indígenas de uma escola indígena.

Então foi aqui que começou o meu trabalho com ensino de ciências e com educação escolar indígena que posteriormente eu desdobrei para a minha tese de doutorado. Então esse momento aí, a turma do mestrado, foi o momento formativo fundamental de compreensão da pesquisa das tendências investigativas e de compreender de cada vez mais, os fundamentos de teoria e prática eles caminham juntos e é isso que nos possibilita melhor compreensão da nossa realidade enquanto educador, enquanto pesquisador.

Interpretação

Título da foto de número - 8 de 2008



Essa foto é muito interessante, foi quando eu comecei a atuar na capital em um curso de pedagogia, eu já atuava como professora em curso de Pedagogia desde de 2008, quando eu fui pelo Proformar que era um curso que formava professores de forma modular nas férias e eu nesse período eu fui profesora assistende na Universidade do Estado do Amazonas e no Interior do Amazonas vários municípios eu atuei como professora de curso normal superior naquela época por força de lei, porque os professores tinham que term formação em nível superior é foi oferecido pelo Estado essa formação para os professores e atuei também no PAFOR que é também o programa de formação de professores , mas, fiquei no PAFOR até 2014 em 2010 eu fui convidada para atuar no curso de Pedagogia e estava concluindo o mestrado e ai eu assumi, essa foto aí e de 2013, eu trabalhava a disciplina fundamentos da educação infantil e eu aproveitava pra traalhar bem a criatividade de fato fazer essa relação entre teoria e prática com as alunos pra que elas compreendessem bem essa relação que é importante ela é fundamental e nessa imagem ai eu pedir, que como averia uma atividade pratica eu pedir que as alunas trouxessem suas crianças, seus filhos para participar e legitimar o nosso trabalho naquele momento, porque eu acredito que é a fundamentação ela se valia com uma prática consciênte, uma prática intencional do professor em suas atividades, o professor precisa ter intencionalidade naquilo que faz e com essa intencionalidade ter consciencia dos fundamentos que embasam a sua prática, então era esse o nosso objetivo e sempre o momento formativo nos possibilitava crescer cada vez mais, porque cada aula a minha formação se aprimorava essas aulas nos cursos de pedagogia me permitiram chegar e ser a pessoa a profissionnal com a formação que eu tenho hoje.

Interpretação

Título da foto número - 9 de 2012



Essa foto de 2012, eu havia sido convidada para atuar como formadora, eu já tinha terminado o mestrado e ai eu entrei no centro de formação de professores que é a Divisão de Desenvolvimento Profissional de Magistério da Semed de Manaus, eu estava apresentando o resultado do meu trabalho que eu havia realizado em 2011, e 2012. Esse trabalho de formação era realizado por meio das oficinas de formação em serviço. Como ele acontece: o formador vai pra escola e juntamente com os professores daquela escola ele faz o levantamento das necessidades formativas e a partir dai se elabora o Projeto Formativo Específico para aquela equipe de professores, eu estava apresentando o que eu vivi o vivido e o crido se realmente eu acreditava nesse trabalho se eu acreditava naquilo que eu vivi, nos tínhamos momentos formativos enquanto formadores enquanto formadores nos tínhamos momentos formativos de estudos e um dos autores que nós estudávamos era Américo Sommerman, exatamente esse que está ai na minha frente (ela sorri no áudio) me olhando, me ouvindo falar da própria teoria dele, então, esse foi um momento emblemático muito importante em que eu enquanto formadora pude aprender bastante significativa e bastante relevante pra minha formação, eram

momentos de estudos muito intensos e que havia necessidade de nos fazermos as reflexões com os professores na prática e a partir daí elaborar artigos, e desse trabalho eu produzir um artigo que foi publicado no livro das oficinas de formação em serviços. Então, esse momento formativo pra mim foi muito significativo ele traz a minha memória esse sentimento que eu tive de ter um autor de um livro que eu estudei me observando me prestigiando e me elogiando o trabalho que eu fiz, esse momento pra mim enquanto formadora foi de muito crescimento e muita importância também que eu me entendesse dentro desse processo de formação de professor.

Ainda em relação com a foto nove eu preciso fazer mais essa observação, porque a partir da minha experiência de formadora eu voltei pra escola e depois eu voltei novamente pra o Centro de Formação de Professores como Tutora Educacional, que era outro tipo de formação, aí eu fui atuar na Tutoria de professores em estágio probatório, onde eu atendia professores da educação infantil e dos anos iniciais, com atendimento customizado, onde cada professor era atendido de acordo com suas necessidades em razão de serem professores em estágio probatório que necessitavam desse acompanhamento. Isso foi em 2015, quando eu sai das oficinas de formação em serviço eu voltei pra escola e em 2015, eu passei por um processo seletivo formativo e mais uma vez assumir como formadora, como tutora educacional, que foi um momento de grande aprendizagem de formação, aprendizagem pra leitura de contexto, pra observação dos espaços pedagógicos, para o desenvolvimento da escuta ativa do professor e também para reflexões juntamente com esse professor, a partir da prática mudasse a própria prática, então esse foi um momento formativo muito importante enquanto formadora da tutoria educacional, foi no mesmo centro de formação de professores, onde eu fiz as oficinas de formação e onde hoje eu sou coordenadora da equipe colaborativa de formação continuada.

Interpretação

Título da foto número - 10 de 2019



E por fim a foto dez, minha defesa de doutorado em 2019, da direita para esquerda nos temos a professora Ana Lucia que foi da minha banca que é da Universidade do Estado da Bahia; professora Mariana Feldman minha orientadora linda, Eu; ao meu lado professora Carmem Agem da Universidade do Estado de Roraima e a professora Arlete do Curso de Pedagogia da PUC-SP e a Professora Neide Nofs também do programa Educação: Currículo da PUC-SP.

Essa banca formada exclusivamente por mulheres teve um significado muito importante pra mim, porque a minha vida toda eu fui influenciada por grandes mulheres começando pela minha mãe, minha mãe que foi a primeira pessoa que me ensinou a ler, a minha tia materna que foi importante pra mim no sentido da escolaridade, porque ela que conseguiu a vaga na escola pra mim, eu recebi influência da minha primeira professora que foi uma professora muito importante, muito afetiva que me despertou o interesse de ser professora, então muitas mulheres foram influenciadoras da minha formação. Eu sou mãe de mulheres tenho três filhas mulheres, tenho duas netas mulheres e todas essas influências que eu recebo de mulheres, tornou essa banca muito significativa para mim na minha defesa e os quatro anos de estudos de doutoramento pra mim, foram muito importantes, foram momentos de grande crescimento de grandes despertar na minha formação e foi uma influência, fundamental, primordial pra eu me compreender de fato enquanto formadora de professores e a importância de ter essa consciência de que ser um formador de professores e alguém que tem uma mente aberta para o conhecimento, mas, principalmente para o conhecimento da diversidade, da diversidade cultural, da diversidade de gênero, da diversidade religiosa e da diversidade humana também, então foi um momento de despertar que a educação precisa ser cada vez mais humanizadora ela precisa, cada vez mais ser contextualizada, principalmente nessa formação enquanto currículo. O currículo que foi, eu já trabalhava com a disciplina currículo dentro do curso de pedagogia, mas compreender o currículo nessa sua dimensão mais ampla, a partir da formação do doutorado, foi pra mim um grande marco, na minha formação enquanto educadora, quando eu vejo essa imagem me volta a mente a sala de aula os colegas, os professores que eu conhecia apenas nos livros, passeando na minha frente como se fosse uma biblioteca caminhando diante de mim, as aulas, as falas dos professores, tudo volta a minha mente, o corredor da PUC-SP. Então foram momentos formativos, não so momentos formativos profissional, mas, também pessoal. Esse ponto em que eu resolvi contar minha história de formação de doutorado é fundamental, pra que hoje, eu seja a pessoa que eu sou, e pra que hoje eu esteja assumindo o cargo que eu assumir, que agora eu estou na coordenação da rede colaborativa de formação continuada da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério na Semed de Manaus. A história é mais, ou menos essa, teria muito história para contar mais essas são as imagens mais significativa mais principais.

Quadro 4 – Professora Beatriz

 PUC-SP	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CURRÍCULO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO ORIENTAÇÃO DE TESE E PESQUISA: captação de dados.
Docente	Prof. Fernando José de Almeida
Aluna	Cláudia dos Santos Almeida
Formação:	Educação/USP
	Mestrado Educação Currículo
	Doutorado Educação Currículo
Nome fictício	Beatriz
Instrumento captação de dados inicial do participante da pesquisa	
Narrativa da trajetória de formação do professor Beatriz	
Título da foto: PUC-SP - 2017	
	
<p>Foto tirada em 2017 – tirada com pessoas queridas em visita a PUC-SP, para solicitar uma documentação, solicitação do diploma.</p> <p>Professor Alípio Casali foi meu orientador no doutorado e o professor Fernando no mestrado, então a minha amiga Monica Franco e que bateu essa foto que eu pedi, foi um momento muito especial.</p> <p>Eu fiz o mestrado com Fernando e a gente teve uma relação muito boa, no mestrado aprendi demais.</p> <p>Terminei o mestrado em 2004, e aí voltei para o doutorado em 2009, como o próprio Fernando tinha me orientado para uma vaga que era no “faça parte” eu comecei a trabalhar em outro tema que não era o tema que eu estava desenvolvendo no mestrado.</p> <p>Esse novo tema me possibilitou experimentar uma outra área, você sabe que o Fernando é da área de novas tecnologias e o Alípio é Currículo Conhecimento e cultura. Aí como eu tive essa migração acabei ficando com Currículo Conhecimento e Cultura pra desenvolver uma pesquisa na área mais filosófica e sociológica da Educação com Alípio.</p> <p>Essa foto é muito querida, muito querida, eu tava muito feliz de encontrar os dois, foi um momento assim: muito bacana a Mônica apareceu também, então ela tirou essa foto pra mim, eu tenho uma excelente recordação quando eu olho essa foto, porque pra mim, resume tudo que eu vivi nesses corredores, tudo que eu vivi com eles, tudo que eu aprendi, tudo que eu sofri também, né ? porque é um processo de crescimento, têm muita dor, muito aprendizado e foi maravilhoso, foi um tempo muito bom, inesquecível pra mim, então eu queria trazer essa foto pra essa memória.</p>	
Interpretação	

Título da foto: Hadad era prefeito de São Paulo e o Fernando Almeida era diretor de orientação técnica da Secretária Municipal de Educação do Estado de São Paulo



Nessa foto é o Fernando Almeida e o Hadade e qual é o contexto dessa foto? porque eu estou trazendo ela aqui? porque quando eu terminei meu doutorado né em 2013, **o Hadad era prefeito de São Paulo e o Fernando Almeida era diretor de orientação técnica da Secretaria Municipal de Educação do Estado de São Paulo** e ele foi da minha banca de doutorado como eu ti falei, né eu não tinha falado ainda, mas o **Fernando Almeida foi da minha banca de doutorado e aí como ele estava na secretária estadual de educação**, ele me convidou para trabalhar e **desenvolver uma reforma de proposta curricular do Governo do Hadad** que foi a reforma curricular, “**Mais São Paulo**”, mais especificamente eu contribuir com o terceiro ciclo e o que esse terceiro ciclo estava fazendo? Terceiro ciclo estava justamente implementando o “**Ciclo Autoral**” e o **trabalho colaborativo de autoria**, como eu tinha desenvolvido isso na minha tese que **é uma coisa muito voltada a questão do trabalho, colaborativo de autoria mas tinha um outro nome da tese era solidariedade como pratica curricular educativa** o Fernando Almeida me convidou pra participar desse processo e foi maravilhoso, porque eu estava acabando de defender a tese foi uma congruência ali dos fatores que a minha tese conversava muito com essa proposta que estava sendo desenhada e aí eu pude participar desse processo, né então, foi uma oportunidade imensa de crescimento de contato com a tese e de experimentar, trazer a tese como uma proposta de fundamentação teórica metodológica nas 546 escolas do Município de São Paulo, claro que com a orientação de todo time da Secretaria da Educação sobre a coordenadoria do professor Fernando, o trabalho foi bárbaro, pra mim foi sensacional essa foto foi tirada em um aniversário de uma amiga que todos nós temos em comum que é a Pilar Lacerda que também foi Secretaria estadual de Educação de Belo Horizonte ela estava em São Paulo na casa da amiga dela, na Granja Viana, foi um aniversário que estava super gostoso, tinha uma parte da sala pra dançar e as pessoas estavam descontraídas, foi muito bacana e o Haddad era prefeito e ficava oh, o **Haddad, Haddad**, era uma época muito legal, **2013, tinha uma coisa assim, do Brasil crescendo. E o Haddad estava mandando bem em São Paulo, a gente ainda não estava com essa polarização maluca**, né é foi muito legal e quando ele estava passando, ele estava com a Ana esposa, quando ele estava meio que saindo, o **Fernando Almeida** me chamou, eu já tinha conhecido o **Haddad**, pro causa da Secretaria mas, a gente falava pouco, porque ele estava ali como prefeito a gente fica meio né? Sem ter agenda, sem poder chegar e aí ele topou tirar essa foto, **quem bateu foi meu marido**, eu gosto muito dela também ela me traz boas lembranças do desafio que foi e o orgulho que eu tenho de ter participado do “**ciclo autoral**” e total gratidão ao professor Fernando porque ter disponibilizado essa experiência ter criado essa experiência na minha vida, foi um aprendizado maravilhoso e, até hoje, o “**ciclo autoral**” continua, o que me enche de alegria porque ele **resistiu a mudança de governo**, ele continua, mas ele também passou para secretaria estadual de educação de São Paulo. **Essa proposta que os alunos podem fazer um trabalho colaborativo, para se formar, de autoria com intervenção na**

sociedade e ai eles aprendem o conhecimento de sala de aula mas também aprendem a pensar a partir de problemas sociais reais que eles ajudam a identificar. Sensacional pra mim o trabalho eu conheço a muito tempo foi minha tese **eu tenho muitas lembranças boas quando eu vejo essa foto**

Interpretação

Título da foto: Bienal internacional do livro - Faltam datas.



Quando eu estava fazendo o doutorado uma **amiga minha a Silmara Rascalha Casadei** ela é autora de alguns livros da editora Cortez e ela tem uma coleção de livros de filosofia pra crianças, junto com o professor **Mario Sergio Cortela**, então ela me convidou para escrever o quarto livro, aí foi um livro muito bacana, foi o quarto livro que a gente escreveu o livro da coleção, que chama-se **“Desenvolvimento Humano e Eu com Isso”** foi publicado pela Cortez, aqui na foto a gente ver o **Mario Sergio Cortela** e o **Cortez** o dono da Editora que foi no lançamento na **Bienal internacional do livro** e pra mim foi o marco foi muito bacana eu fiquei muito feliz com esse projeto, **foi a minha primeira obra publicada na Editora Cortez**, foi uma obra publicada para literatura infanto juvenil, da última vez que olhei já estava na 4ª Ed e foi muito bacana participar desse trabalho, fui um marco é um tema que eu adoro, gosto muito, eu queria trazer também porque foi uma época muito bacana, fruto também dos estudos do mestrado, não deixa de ser. Essa foto tava muito bacana porque o Cortela apareceu no estande da cortez e o Cortez também, a gente fez a divulgação do livro e um momento de autógrafo, **Silmara Rascalha Casadei estava tirando a foto e a gente estava bastante feliz, tinha bastante gente, muito gostoso poder ver o trabalho reconhecido assim, nesse momento mais festivo, foi muito bom mesmo.**

Interpretação

Título da foto: Rede Ibero Americana de Aprendizagem, 2005

Da esquerda para a direita: Alicia Tallone (Organização dos Estados Ibero-americanos - Escritório da Argentina, Maria Nieves Tápia - Diretora Académica do Centro Latino-americano de Aprendizagem e Serviço Solidário (CLAYSS) e Sérgio Rial (Coordenador do Programa de Educação Solidária do Ministério da Educação da Argentina) e eu.



Nessa foto foi o seguinte desde **2005, eu represento o Brasil na Rede Ibero Americana de Aprendizagem e serviço Solidário**. Eu tinha sido convidada como **membro da Rede pra participar de uma revista científica que ia sair sobre esse tema: Aprendizagem Serviço Solidário** e estava sendo organizado pela Universidade Señor de Sipan – Peru Red Iberoamericana de aprendizaje servicio solidário.

Todo mundo que participou puderam mandar um artigo para ser selecionado no comitê científico pra fazer parte da revista, entre todos os países que participaram dessa Rede o meu artigo foi escolhido para participar da cerimonia de abertura da Revista, essa revista que tá na minha mão, **Revista Tzhoeco**. Esse evento que foi **o lançamento da Revista, isso aconteceu em 2010, que eram as metas 20 e 21**, estava rolando uma agenda gigantesca em Buenos Aires e eu fui pra lá para participar do lançamento dessa Revista Científica e estava o Reitor da Universidad Señor de Sipan – Peru e **eu pude contar um pouco do meu trabalho do meu artigo para um publico que tava lá, tinha outros autores da feira participando do evento, pra mim foi muito marcante, um artigo publicado mais do que isso, mas , do que isso um evento internacional, eu estava emocionada por ser a única brasileira que estava sendo ali reconhecida né?** Estavam ali algumas autoridades, o ministro de **educação da Argentina**, enfim teve um impacto muito importante pra mim do Brasil. Essa revista é uma revista que é impressa, mas tem o PDF divulgado no **site do Clasyss** e pra mim foi muito bacana, **eu estava muito horada de poder participar dessa mesa e desse encontro era o tema da minha tese** o tema que eu trabalhava no instituto **faça parte** e pra mim foi muito bom sabe. Eu estava muito feliz e as pessoas a gente tem uma relação próxima eu fiquei muito contente de desenvolver esse trabalho.

Interpretação

Título da foto: Festejo de los 15 com representantes de Brasil, Hispanoamérica, España y Norteamérica, 2015

Eu, - Maria Nieves Tapia Roser Batlle - Barcelona e Andrew Furco - EUA, Minessota.



Ops, e Maria Nieves Tapia bem do meu lado direito é fundadora da Rede Ibero Americana de Aprendizagem e Serviços Solidários ela estava comemorando no Clayss, na Argentina que é o Centro Americano de Aprendizado e Serviço Solidário.

Eu represento o Brasil desde 2005 e a Nieves quando foi fazer a comemoração da Rede, que ela chamou bastante gente, ela me chamou, chamou a Rose que é de Barcelona Andrew Furco vice Reitor da Universidade de Minnessota pra fazer o corte do bolo como sendo membros fundadores da Rede.

Eu fui uma pessoa muito assídua, mesmo quando eu sair do **“faça parte” foi um instituto que eu trabalhei de 2002 até 2012** eu trabalhei até as férias coletivas do Natal, aí eu tirei férias, janeiro de 2012 eu já não estava mais lá, ainda estava juridicamente me desligando, mesmo depois que eu sai do instituto **“faça parte”** eu continuei fazendo parte dessa Rede Ibero Americana de Aprendizagem Solidária e depois continuei como consultora do Clayss.

Ai, a **Nieves** me chama pra mesa de **cortar o bolo da Rede dos quinze anos**, isso pra mim foi muito gratificante, está do lado dessas pessoas que acabaram sendo a minha família também, é uma foto muito querida, **a gente tirou foto pra caramba**, tinha muita gente, foi uma festa, depois a gente cortou o bolo, e tinha entrevistas, coquetel, foi tão legal era uma maior alegria, porque **tinha muita gente de fora**. A **delegação estrangeira foi o ano que mais teve, tinha 105 pessoas de fora**, tinha gente pra caramba, de fora que eu digo é **tinha muita gente do Chile, tinha gente da Venezuela, dos Estados Unidos, tinha um pessoal visitando do leste Europeu, todo mundo aí em Buenos Aires, do Uruguai, Costa Rica México** muito interessante, é foi muito bacana, então essa comemoração ela tem quinze anos de assiduidade na **Rede Ibero Americana e Aprendizagem Solidária** é um marco na minha vidada, eu tenho muito carinho por essa foto.

Interpretação

Título da foto: Alemanha

Da esquerda para a direita: César Callegari, Pilar Lacerda, Cleuza Repulho, Fernando Almeida, eu, Marcos Magalhães



Quando eu estava no instituto “**faça parte**” que foi um instituto que funcionou do ano Internacional do voluntariado do ano de 2001 a 2012, eu fui chamada, era um **Instituto que a presidente era Milu Villela**, a gente tinha uma representatividade no Brasil tinha parcerias com Conselho Nacional de Educação com Ministério da Educação em fim, com sede UNDIME com sede Conselho Estadual de Educação, acabei conhecendo muita gente, e um dos parceiros que se aproximou da gente pela selo escola solidaria que foi um projeto que identificou milhares de escolas em todo Brasil, tinha mais de vinte mil escolas que recebeu esse selo e um desses parceiros que se aproximou de nós foi o ministério das relações exteriores da Alemanha e mais precisamente a pessoa que era Coordenadora de Relações da Alemanha era também ele tinha um programa dentro do Instituto GUETTO/SP e esse Instituto, tinha parcerias com escolas. **E aí esse senhor me convidou pra montar um time de educadores especialista que pudesse ir para Alemanha com ele e conhecer o Sistema de Educação da Alemanha**, então eu podia escolher, indicar as pessoas que eu quisesse, uma vaga ele já tinha indicado que era o Marques Magalhaes, eu podia indicar as outras vagas e eu podia ir também. Então a gente fez um sistema para conhecer o **Programa de Educação da Alemanha** e também uma atividade Cultural, foi muito bom, foi muito bom, foi um programa intenso, foram oito a nove dias, o **time era ótimo** como você pode bem ver, foi bem bacana, a gente conheceu o **Sistema de Educação da Alemanha**, foi uma coisa que chamou muita atenção pelo bom e pelo ruim também. Pelo bom, as **escolas têm um Sistema de Educação Pública muito bom**, as **escolas têm uma infraestrutura ótima, os professores ganham bem**, tem todo um aparato de de infraestrutura um **aparato de ofertas nos bairros de vaga e de preparo da própria escola** e tem também essa questão de ser dos **meninos terem acesso a tudo**, tanto a **escola tradicional**, quanto a **escola técnica** e excelente também **eles fazem coisa pra caramba na escola técnica**.

Ai a **gente conheceu tanto a escola**, como também os **órgãos publico de educação**, né. Então, **eles não têm um Ministério da e Educação lá, isso tudo que eu aprendi no dia dessa foto aí. Eles tem na verdade é como se fosse so um consede. Cada Estado é totalmente autônomo**. Eu não sabia disso, fiquei sabendo nesse dia da foto, estava frio, era um lugar que a gente foi bonito, estava todo mundo elegante nesse dia, depois disso **a gente foi almoçar e estava frio, sabe?** Eu estava mal agasalhada, estava com uma **jaqueta de couro**, magina couro não segura frio né, e agente subiu lá no telhado, e agente resolveu tirar foto do tme porque estava todo mundo junto e nesse dia como a **gente estava elegante falamos vamos fazer uma foto oficial, foto oficial do time** que foi.

Foi muito bacana esse trabalho, a gente conheceu o Sistema de Educação da Alemanha, voltou e conseguiu se falando mais e tal, foi bem bom, eu gosto.

Interpretação

Título da foto: Portugal Cascais - Lisboa, 2019



Essa foto foi em 2019, aqui em Portugal em Cascais - no auditório da Universidade Aberta de Cascavelo - Lisboa.

O que estava acontecendo era o seguinte, eu era recém-chegada, eu já cheguei participando de um grupo formação de professores da Govid que é um **grupo que está fazendo Governança Integrada e problemas sociais complexos** com os professores aqui de Portugal, ligado ao **Instituto Padre Antônio Vieira** e, eu já cheguei acompanhando esse grupo de formação de professores. Aí por causa disso que é uma outra agenda que eu tenho fotos também, que não é necessariamente uma ação desse grupo, por causa disso eu fiquei sabendo desse evento dentro de uma proposta que se chama **Educascais**, que é uma agenda da prefeitura de **Cascais**, perto onde eu moro pra Educação, eles estavam com um evento que ia ser realizado, fiquei sabendo desse evento me escrevi e fui, **foi o primeiro evento de educação aqui**, fiquei completamente encantada porque, a proposta era o dia inteiro era um evento público para professores e pais de uma Secretaria de Educação, muito bem montado. O que mais me chamou atenção foi essa mesa aí, eu estava so como ouvinte.

Eu queria trazer por que foi muito interessante, essa **mesa e a voz dos jovens, a voz dos estudantes**, como eles fizeram pra chegar nesse evento? Eles fizeram uma metodologia que foi ir pras escolas que são escolas públicas daqui e falar, **“olha a gente quer construir um documento em que vocês alunos vão poder dizer qual é a escola dos sonhos de vocês e o que falta pra essa escola chegar nesse sonho, vocês vão ter que eleger uma comissão entre vocês da escola pra vocês determinarem o que é primordial, então vocês tem que fazer uma redação em que vocês tire por consenso o que é primordial como escola do sonho e o que vocês querem melhorar, o que vocês propõe pra melhorar pra chegar lá.**

Aí cada escola teve que fazer a sua, cada escola teve que organizar suas salas do ensino médio que aqui é o secundário pra fazer esse trabalho.

Então, eles foram criando comissões dentro das escolas, dentro das classes, tirar comissão dentro do ensino secundário de cada escola.

Depois essas escolas tinham que fazer a mesma coisa, comparar o texto que eles tinham produzido coletivamente, com o texto produzido coletivamente nos agrupamentos da freguesia que é do bairro deles, por exemplo, eu fiz, eu tô numa escola 1, e no meu bairro são quatro escola que oferecem ensino secundário, eu tenho que sentar todas as comissões, comparar esses documentos e afinar em torno disso: **“a escola que temos e a escola que queremos”** olha assim, a gente quer chegar nessa escola e para isso a gente precisa fazer: isso, e isso.

Aí, eles partiram dos agrupamentos escolares pra um texto maior que foi o texto que eles fizeram pra entregar pra prefeitura, na mão dos vereadores que cuidam da educação.

Então, neste dia, que eu tava assistindo, todos os alunos vieram, estão a mulher falou assim, agora que a gente já teve as palestras do dia isto foi a parte da tarde, de manhã foi as palestra, veio gente da Finlândia, gente da Espanha falar sobre educação de qualidade que foi super interessante.

Aí, na parte da tarde, vieram esse tema, e aí, essas pessoas que estão sentadas, são os vereadores que eles iam receber esse texto, escrito por todos os alunos, portanto como um texto democrático representativo, todos os alunos fizeram e tudo mais e eles entregaram a versão impressa e apresentaram o documento, os alunos selecionaram quem ia falar lá.

Então, esses alunos se organizaram e apresentaram todos os eixos que eles queriam comentar, cada eixo subia um aluno pra defender a ideia daquele eixo.

Por exemplo, o eixo, avaliação, o eixo infra estrutura, é muito interessante porque no **eixo avaliação, pra você ter uma ideia, eles falavam assim, olha: a gente está sendo avaliado e o professor....o que acontece, o professor acaba se pegando numa atividade, num conteúdo que ele está dando na sala de aula e pouco ele avalia do que a gente faz fora tá errado, ou por que eu não fui tão bem em uma matéria de física, química que eu tava fazendo nada, eu também faço piano, tem gente que joga vôlei e isso não é considerado, tem gente que faz trabalho voluntário, então vocês deveriam olhar pro todo, pra mim foi totalmente chocante eu nunca tinha visto esse nível de exigência de uma turma de estudantes que estuda em escola publica em tempo integral e o nível e a qualidade da demanda que me chamou atenção, nossa eu comecei a ver assim que eu estava em outra estratosfera.**

Eu estava vendo que eu estava em uma outra estratosfera de política publica, sabe? E eu não estava acreditando. Essa foto foi assim eu não estou acreditando, eles escolheram. Uma coisa que foi muito interessante também, foi o seguinte, eles começaram a bater nos vereadores...a gente quer e não tem, na escola está faltando, não é todo mundo que tem computador, na arguição de uma vereadora ela falou: “Escuta deixa eu falar uma coisa aqui pra vocês. Vocês que estão aqui, foram eleitos, não e isso? Ou estou enganado? Não fomos eleitos. Então vocês acham que vocês são menores ou piores porque vocês foram eleitos? Então eu fui eleita, não e porque eu fui eleita que tenho que entregar um trabalho medíocre ao contrário.

Se eu estou aqui, estou representando quem votou em mim, eu estou trabalhando sério, eu exijo que vocês prestem atenção no que vocês estão fazendo. Eu tô lendo, estou discutindo com vocês e a gente vai levar isso a frente, mas pare de tratar a gente como se a gente não soubesse o que estamos fazendo.

Eu fiquei boba, porque? As vezes a gente infantiliza as molecadas de ensino secundário ou as crianças, como lá no trabalho colaborativo de autoria e na verdade aqui eles estavam falando de igual para igual.

Eu achei bom, porque é, um momento em que eles estão exercendo de verdade a cidadania, eles estão levando as reivindicações para uma escola de qualidade, pra dentro da política publica, né? E, pra mim foi assim, um evento que me conectou com uma possibilidade, uma metodologia muito interessante de trabalho, muito bem articulada, ela é simples mas, muito bem articulada, e ela tem um modelo que na verdade é replicável, e assim, tudo bem dá trabalho, mais é quase uma conaizinha, você pega dentro de cada escola, dentro de cada bairro, célula de cada bairro, você propõe a discussão e aí, você vai pra representatividade, até tirar a escola, da subprefeitura, e depois você tira o documento pra prefeitura.

Então claro que numa cidade que tem 500 e tantas escolas e mais complexos essa metodologia torna possível e possível pra outras metodologias, eu achei isso bárbaro e ver que os meninos

conseguem, eles têm interesse, tem responsabilidade, eles compartilham isso e eu achei sensacional, essa foto traz tudo isso que eu te falei.

Interpretação

Título da foto: Confraternização / 2018 – Moema São Paulo



Embora essa foto seja de 2018, é uma foto que é um túnel do tempo, essa turma estava se encontrando na minha casa, quando eu morava em Moema, é uma turma que trabalhou junto em 1995 a 1997. Então, a gente tem **quem está tirando a foto do lado esquerdo é a Ana Cristina Camargo**, depois sentada tem a Lilia Ladeira, depois sou eu, depois a Marisa, Durval Barbosa e a Patrícia...Esse era o grupo da Escola do Futuro de 1995 a 1997. A Escola do Futuro era um grupo de trabalho dentro da USP e a gente era do grupo de Ciências via telemática que era coordenado pelo Nelo Bizzo, a gente ficou amigo, era um Trabalho muito interessante.

Nessa época eu fazia faculdade de Educação na USP, eu entrei em 1992 e me formei em 1997, em 1995 eu entrei na Escola do Futuro com esse grupo de pesquisadores. Então, a maioria é Biólogo e eu era a única da Educação.

Aí, tinha os projetos disciplinares em 1995, com escolas de diferentes lugares de São Paulo, mas também tinha escola em Recife, escola em Israel, escola nos Estados Unidos, escolas no Japão e a gente fazia os projetos e trocava as informações via **Telnet**, era uma ferramenta que permitia falar com as pessoas, a **telnet** era um pouquinho mais rápido do que o e-mail, era um pouquinho antes do **chat**, tinha um computador na **escola do futuro** que **carregava imagem**, então agente acessava e demorava, e a gente acessava aquele computador quando a gente queria as imagens pra navegar no **Netscape**, muito velho né? Ai meu deus.

Mas, então é isso, essa **foto**, depois de anos, que a gente não se falava, a gente se reuniu, conseguimos uma agenda que deu pra todo mundo ir, assim, a Ama cozinhou pra nós, fez uma comidinha gostosa, a gente ficou em casa, foi muito gostoso, eu lembro com maior carinho nesse dia que a gente conseguiu reunir a escola do futuro no futuro, porque já tinha passado ali muitos anos de 1995 até 2018, e, é isso assim, eu tenho uma recordação muito bacana dessa foto, já está cada um pro lado, a Patrícia foi morar em Sococaba, a Lilia Madeira foi morar em Santarém, depois voltou, tá morando em Jundiaí, a Ana Cristina tá morando agora em Campinas, eu tô aqui em Portugal, então tá cada um pra um lado, então, vai ser difícil a gente se encontrar novamente, então, eu tenho um carinho imenso, e mostra como **meu trabalho foi um dos pioneiros de internet na educação e tecnologia, foi por causa desse trabalho na “Escola do Futuro” que eu resolver ir pra PUC-SP né? E fazer o mestrado em novas tecnologias, com o professor Fernando e tudo mais e pra mim tem um significado, eu so não sei a ordem, mas ela me remete a uma memória da época da graduação.**

Interpretação

Título da foto: Sobral/ Rio Grande do Norte/2018



Essa foto é de 2018, esse trabalho foi um trabalho que fiz com o instituto Airton Sena, pra desenvolvimento de um programa pra ensino sócio emocionais na educação básica e foram algumas secretárias que eu participei, com: Chapeco, com Fortaleza, com a Secretaria Estadual de Goiás, Secretaria Estadual do Ceará e esse o especial desta foto é com a Secretaria Municipal de Sobral Ceará, foi um trabalho interessante é uma Rede muito dedicada, eu aprendi que eles estavam com uma escola de formação de professores e gestores que cuida de toda a parte do currículo e da formação dos professores de Sobral.

A gente fazia o curso pra eles de formação nas tecnologias nas competências socioemocionais e a gente tinha que acompanhar ESFAPEGE e passava pras escolas, pros professores, então tinha muita reunião com as secretárias de educação de lá. A cada mês e meio eu passava uma semana em Sobral, foi uma época que eu viajei e ficava longos tempos fora de casa.

E quando eu estava no **“faça parte”** que eu viajava, dando palestra e tudo mais era meio bate volta, né? Também ia pra Argentina, nessa época eu ficava muito tempo, **você tem que ir pra Fortaleza, são quatro horas de avião** sendo que você sai uma hora antes, uma hora e meia antes você tem que está no aeroporto, ai você tem já tem que sai antes pra tá essa hora no aeroporto, aí você viaja, quando você chega lá são mais três horas, quatro horas pra ir até Sobral, quando a gente ia, a gente ia pra ficar e fazer tudo que tinha que fazer, ficava uma semana, com filho né? Já viu.

Mas foi muito gratificante o time é ótimo, esse time é o time de Formação de Formadores e foi um bom aprendizado ter feito esse trabalho com a secretaria de educação de Sobral, via Instituto Airton Sena, eu queria trazer ele também porque eu acho que foi, tinha muito desse nordeste desse carinho de aprender, uma rede que era muito forte essa questão do IDEB a questão da Aprendizagem, muitas histórias muitos calor, comida boa é uma foto que me traz muita alegria de ter podido participar desse projeto

Cláudia: Eu tive um trabalho pra fazer essa curadoria, eu tive uma atenção, é muito difícil selecionar. Quero dizer que, você mexeu comigo, é um trabalho que eu acho que vai mexer com as pessoas é muito interessante fazer isso, porque as vezes a gente não se dá conta, quanta coisa a gente viveu é muito importante fazer isso e olhar pra nossa trajetória.

Eu não sei se ficou claro as datas, se faltou alguma coisa aqui que você não pegou, ou que você precisa de informação eu te passo, não sei se era isso que você estava esperando, agora você tem o registro dos áudios que você pode voltar, quantas vezes você quiser, tem as fotos, então, se ficou alguma duvida, tem muito mais coisa que eu queria ter falado, por exemplo, teve uma viagem que eu fui conhecer o Sistema de Educação de CUBA, foi ótimo, foi sensacional, também conheci o Sistema de Educação dos Estados Unidos...

Tem muita coisa e é muito difícil sabe? Ao mesmo tempo meche com a gente, porque traz aprendizado, *traz a lição aprendida, traz cheiros, aromas, sabores e assim....traz pessoas, boas lembranças, traz essa coisa do sem máscara né?* De poder abraçar, andar...o Brasil total assim, isso é muito gostoso pra mim, agora que eu tô aqui, que eu saí do país, você deve imaginar como a gente fica mexido com a pandemia né? **Mexe muito com as nossas lembranças, as nossas memórias**, percebi como **Fernando Almeida foi importante na minha vida**, isso foi interessante, nossa tanta coisa que eu fiz que foi relativo a ele, ficava meio que orbitando, foram anos, eu não sei se você fez o seu mestrado na PUC-SP também, ou se você está fazendo so o doutorado, é muito interessante está fase quando a gente vai se envolvendo.

Interpretação

Referências

Disponível em: <https://sites.google.com/edu.sme.prefeitura.sp.gov.br/emef-ministro-calogeras/pedag%C3%B3gico/ciclo-autoral>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Disponível em: https://padlet.com/ju_mutafi/Bookmarks. Acesso em: 19 abr. 2021.

Disponível em: http://patiodigital.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/sites/4/2017/05/4%C2%BA-encontro_leitura-pr%C3%A9via_1%C3%ADngua-inglesa_Curr%C3%ADculo.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

Disponível em: http://porvir-prod.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2017/10/20115046/Dia28_Minea-Fratelli_Ciclo-Autoral-SME-SP.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

Disponível em: <https://clickestudoonline.wordpress.com/2014/07/23/conceito-de-autoria-e-o-ciclo-autoral/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Disponível em: <https://pt.slideshare.net/cefaidreguaianases/ciclo-autoral>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-da-educacao-5930-de-15-de-outubro-de-2013>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Apêndice C - Esclarecimentos sobre a metodologia

SOBRE A METODOLOGIA - ANTES DE TUDO

O processo desenvolvido nessa pesquisa para a criação da metodologia e do campo investigativo teve uma dimensão duplamente inesperada.

A primeira dimensão do inesperado veio da tomada da pandemia Covid-19 sobre nossas vidas e territórios. Perdi parentes queridos e amigos próximos. A pandemia também tombou sobre mim no início da pesquisa de campo, quando tudo já estava combinado com as escolas, gestores e alunos. No entanto, o fim da pandemia parecia próximo. Mas nada mudava, antes se agravava.

Resolvi, em contato com o orientador, mudar o público pesquisado assim como mudar parte da forma de captura dos dados a serem analisados com as fotos de produção dos investigados. Eles não mais pesquisariam fotos que fossem tiradas especificamente para a pesquisa, mas escolheriam fotos já existentes nas histórias de seus álbuns familiares. A foto digital saiu um tanto do campo da pesquisa, entrando mais agora a foto como fenômeno ótico, artístico e memorial, independente da digitalidade. O tema não seria mais de conteúdos curriculares ou de questões sociais amplas, mas os temas seriam extraídos das trajetórias dos sujeitos educadores entrevistados ao analisarem suas fotos. O que se pretendia, então, era pedir-lhes que, com o olhar da memória sobre fotos escolhidas de seus dossiês fotográficos, retomassem a própria escolha da vida profissional como educadoras⁶².

Com o trabalho inicial feito, caminhei para o exame de qualificação, com 4 entrevistas realizadas e com dados analisados a partir de um total aproximado de 50 fotos. Aguardava a orientação da banca para seguir as pesquisas com um universo mais amplo de pesquisados.

Mas, na minha apresentação introdutória à banca, foi explicado o processo pelo qual, eu e o meu orientador, testamos o instrumento de pesquisa, assim como a orientação às entrevistadas sobre a tarefa.

Para que ficasse coerente e compreensível de ser realizada a análise das fotos pareceu-nos (a mim e ao orientador) que nós também passássemos por análise de fotos de nossas histórias que nos permitissem retrair nosso projeto de vida de educadores, com os eventos, pessoas, situações, paisagens, territórios por onde nos desenvolvemos. E assim, foi feito.

⁶² Todas as narrativas escolhidas foram de educadoras profissionais formadas no curso de Pós-graduação em Educação: Currículo da PUC-SP.

Isso ajudou muito a formulação das perguntas e dos convites assim como nos viabilizou os primeiros ensaios de análise dos dados trazidos. Emoções, tipos de fotos, datas, concatenação das ideias, valores e mesmo de prospectivas. Passos de uma espécie de narrativa visual de nossas identidades profissionais.

Agora a segunda dimensão do inesperado.

A banca analisou as questões respondidas pelos entrevistados e nos instou, a meu orientador e a mim, a trazermos como parte estruturante do trabalho as nossas contribuições e experiências.

E foi assim que, como proposta da banca, este trabalho fica composto de 6 entrevistas, narrativas de nossas histórias de educadoras e educador, todas elas marcadas pela mesma busca de percepção do que significam as imagens fotográficas como sinalizadoras e indutoras de novas formas de reconstruir significados para a vida. Pareceu-me desafiadora a tarefa e exigente pelo limite da subjetividade contida numa espécie de “profissional-self”. Arriscado, provocador e exigente. Aceitei e aqui está o resultado que abre um campo exploratório de um exercício de reflexão ousado.